

Convergência

Julho, Agosto e Setembro • 2024 • ANO LIX



Convergência ISSN 0010-8162

Diretora: Irmã Eliane Cordeiro de Souza, mc
Editor: Frei Vanildo Luiz Zugno, ofmcap
Redatora: Ir. Maria Neusa dos Santos,imc - MTB - 40099/SP

Conselho Editorial: Ir. Maria Neusa dos Santos, ciic
Fr. Oton da Silva Araújo Júnior, ofm
Ir. Edgar Nicodem, fsc
Ir. Silvânia Aparecida Coelho, sts
Ir. Zirlaide Barreto Mendonça, cp

Projeto Gráfico e Diagramação: Sirlete Regina da Silva
Revisão: Ir. Zirlaide Barreto Mendonça, cp
Impressão: Editora FTD - Sede São Paulo
Ilustração da Capa: Ir. Luiz Carlos Lima, FMS

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II
70393-900 – Brasília - DF
Tel.: (61) 3226-5540
E-mail: publicacoes@cbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

Sumário



CRB NACIONAL
Conferência dos Religiosos do Brasil

EDITORIAL	5
ARTIGOS.....	9
CRB: elementos de sua memória (Parte II) <i>frater Cristiano Henrique de Matos</i>	9
Itinerância – CRB Nacional: 1983-1989 <i>Ir. Claudino Falchetto</i>	31
Pe. Edênio Valle: memória, mística, profecia e esperança..	43
Vamos a Betânia? Sim! cuidar da vida. Casa de passagem para mulheres em situação de violência doméstica <i>Ir. Raquel Pena Pinto; Leonete Cassol; Cristiana Rodrigues Marques</i>	51
Anna Pata, Anna Yan: uma história de amizade e compromisso na terra de Makunaima <i>Pe. Gabriel Vilardi</i>	63
A força das águas e a força da solidariedade <i>Ir. Maria de Lurdes Urban</i>	73
Casa Herbert de Souza <i>Ir. Carlos Antônio Lins</i>	81
Casa de Lourença, lugar de escuta! <i>Ir. Sandra Clemente dos Santos</i>	85
Casa Amazônica de Francisco e Clara <i>Ir. Elis Alberta Ribeiro dos Santos</i>	91
Projeto Transformação: sinodalidade cuidado de mãos dadas <i>Ir. Sylvania Ioner; Ir. Jaqueline Zilli; Márcia Carbonari</i>	99

Foi por amor. é por amor	
<i>Ir. Maria Couto</i>	111
Partilha dos carismas congregacionais com leigos e leigas	
<i>Ir. Lurdes Luke</i>	123
“Se calarem a voz dos profetas...” Os escombros da Faixa de Gaza gritarão: o bem viver além do sinal de Jonas!	
<i>Pe. Aloir Pacini</i>	133
Orientações para os/as colaboradores/as	151

No Evangelho de Lucas, Jesus inicia seu ministério público com a proclamação do Ano da Graça, o Ano do Jubileu. Ele inicia sua manifestação messiânica fazendo **memória** da profecia de Isaías (4, 18-19). Com ela, Jesus ressignifica a **mística** do Reino latente em todo o Povo de Israel. A palavra de Isaías não era uma palavra do passado. Ela dá um sentido novo ao tempo presente do povo simples de Nazaré que esperava a libertação das tantas formas de opressão que os mantinha na aflição (v. 23).

Com efeito, as palavras de Isaías proclamadas por Jesus na sinagoga, deixaram maravilhados seus ouvintes (v. 22) que viram sua **esperança** renascer. Palavras que foram seguidas de sinais que mostravam que o Reino prometido já estava sendo realizado (v. 31-44).

No entanto, se as palavras e os gestos de Jesus, para uns, foram sinal de esperança, para outros, para aqueles que viviam da dor e do sofrimento dos pobres, a fala de Jesus tinha o tom de **profecia**. Ela denunciava, certa e claramente, os responsáveis pe-

las dores e sofrimentos do povo. Por isso, diante daquele anúncio, precipitaram-se sobre Jesus para tentar eliminá-lo (v. 23-30).

Neste ano jubilar, a CRB Nacional, atenta à centralidade de Jesus na vida de cada consagrada e de cada consagrado e nas milhares de comunidades espalhadas nas mais diversas realidades brasileiras, através de suas diversas atividades, quer retomar a experiência e a prática de Jesus: fazer **memória** de seu passado para ressignificar a **mística** que nutre a **profecia** e anima a **esperança** de nosso povo.

O Congresso comemorativo aos 70 Anos da CRB Nacional que acabamos de celebrar em Fortaleza, CE, foi um momento significativo dessa longa caminhada que, com a Graça de Deus, continuará por muitos e muitos anos.

Neste número da Revista Convergência, queremos partilhar com os irmãos e as irmãs que não puderam se fazer presentes, um pouco do muito que vivenciamos de 30 de maio a 02 de junho. Os três primeiros textos são testemunhos da memória dos 70 Anos. No primeiro, *frater* Henrique nos

oferece a continuidade da narrativa iniciada na edição anterior. Aqui o foco é a década de 1960. É o período de consolidação e transformação da CRB Nacional no contexto dos graves acontecimentos da vida nacional e das profundas mudanças eclesiais e na VRC possibilitadas pelo Concílio Vaticano II.

O segundo e o terceiro textos são duas preciosas memórias pessoais de dois ex-presidentes da CRB Nacional: Irmão Claudino Falchetto, marista, e Pe. Edênio Valle, verbita. Um religioso irmão e um religioso presbítero que animaram a VRC em tempos de profundas mudanças.

O bloco seguinte, composto por cinco textos, traz-nos o relato de cinco comunidades religiosas que, em contextos distintos, através de sua ação, são um sinal profético da VRC. Olhadas desde longe, são experiências que poderiam parecer apenas uma entre tantas. Mas, se vistas de perto, a partir daqueles e daquelas que experimentam a presença dos religiosos e religiosas em suas situações de dor e sofrimento, elas despertam esperança. Mas também, como aconteceu com Jesus em sua pregação na sinagoga de Nazaré, podem despertar a ira daqueles que, hoje, nutrem-se da “tirania” do mercado e da “idolatria”

do dinheiro (EG 56). Com efeito, os “senhores deste mundo”, não suportam a presença de homens e mulheres que, tendo todas as possibilidades de levar uma vida tranquila e confortável, deixam tudo para dedicar-se aos últimos da sociedade.

Depois da leitura de cada um destes cinco textos, podemos nos perguntar, individual e comunitariamente: *nossa presença, neste lugar concreto que nos cabe viver, está sendo uma denúncia profética das situações de dominação e opressão que afetam a tantas pessoas ao nosso redor?*

No terceiro bloco, temos quatro textos que indicam a esperança despertada pela atuação de religiosos e religiosas junto a grupos marginalizados em nossa sociedade. No primeiro texto, iremos conhecer o projeto de construção de uma nova economia a partir do Bem Viver amazônico. No segundo, conheceremos comunidades religiosas que, a partir do princípio da sinodalidade, atuam para o resgate da dignidade de pessoas e da criação. No terceiro, novamente em contexto amazônico, a missão junto às juventudes que querem ser sujeitos de sua história. O quarto texto relata o processo de construção da caminhada de partilha de carismas, um jeito novo

e esperançador de ressignificar os carismas institucionais.

Depois da leitura de cada um destes quatro textos, podemos nos perguntar, individual e comunitariamente: *nossa presença, neste lugar concreto que nos cabe viver, está sendo um sinal de esperança para os fracos e desvalidos que vivem ao nosso lado?*

Para finalizar o conjunto, um texto de Pe. Aloir Pacini convida-nos a uma reflexão em chave profética sobre um acontecimento de nosso presente próximo: o conflito na Faixa de Gaza que está levando ao extermínio do povo palestino que aí reside e que, por suas

consequências geopolíticas, pode levar a um conflito em escala mundial.

Nos próximos números da Revista Convergência, publicaremos outros textos produzidos para o Congresso e daremos especial destaque às reflexões resultantes das 15 Salas Temáticas em que, juntos, os 750 participantes do Congresso, buscamos vislumbrar caminhos para o futuro da VRC em nosso país.

Boa leitura a todos e todas!

Frei Vanildo Luiz Zugno

OFM Cap

PROFOLIDER 2024



- ✓ Casa de Retiros São José – Salvador, BA
- ✓ De 17 de outubro a 26 de novembro de 2024
- ✓ Informações e Inscrições:

formacao@crbnacional.org.br

Fone/Whatsapp: (61)98471-0242

CRB: ELEMENTOS DE SUA MEMÓRIA (PARTE II).¹

frater Cristiano Henrique de Matos, cmm²

Introdução

Na primeira parte deste trabalho abordamos o contexto histórico do surgimento da CRB e seus primeiros passos organizativos e funcionais. Neste segundo texto nos determos na década de 1960 quando importantes eventos marcaram a história da sociedade brasileira e nela, da Igreja e da VRC. Foi a década da consolidação e da busca de uma identidade no novo contexto que se apresentava.

A problemática da dupla fisionomia da Conferência

O contexto histórico

Os anos entre 1956 e 1962, ou seja, entre a II AGO e o início do

Concílio Vaticano II, assinalam um período de grandes mudanças na sociedade e na Igreja. A chamada “Guerra Fria”, o prolongado conflito entre os blocos “comunista” e “capitalista”, com sua ressonância na Revolução Cubana”, onde Fidel Castro implanta um regime comunista, marcam as décadas de 50 e 60 do século passado. Nesse cenário entra também a sangrenta “Guerra do Vietnã” (1959-1975) e a construção do “Muro de Berlin”, em 1961. No Brasil, assume o poder Juscelino Kubitschek como presidente da República (1956-1961), propondo um ousado “desenvolvimento”: *Recuperar em 5 anos um atraso de 50 anos!* Brasília tornar-se-ia a nova capital federal, em 1960. O país foi mergu-

¹ O presente texto é continuidade do publicado na edição anterior (544) da Revista Convergência.

² Membro da Congregação dos Irmãos (*Frateres*) de Nossa Senhora Mãe da Misericórdia. Graduado em História e Pedagogia. Mestre e Doutor em Teologia. Endereço para contato: fraterhenriquecmm@gmail.com

lhado numa crise política durante os conturbados governos de Jânio Quadros (1961) e João Goulart (1961-1964), para depois ser surpreendido pelo “Golpe Militar” de 31-3-1964, que daria início ao “Regime de Exceção”, ou ditadura militar, que só terminaria em 1985, com a redemocratização.

Neste mesmo período também a Igreja passa por mudanças significativas. Em 1958 falece o Papa Pio XII que, desde 1939, estava à frente da Igreja. Com ele se encerra a “Época piana”, o longo período de pontífices que assumiram este nome, associado a uma determinada “visão de Igreja”. Para a surpresa de todos foi eleito o Patriarca de Veneza, Cardeal Ângelo Roncalli (1881-1963), então com 77 anos de idade. Escolhe o nome de João, tornando-se na História Papa João XXIII. Logo no início de seu governo nota-se uma guinada na orientação da Igreja, claramente manifesta no anúncio da Convocação de um novo Concílio Ecumênico (geral), na Basílica de São Paulo Fora dos Muros, a 25-1-1959. Em várias ocasiões, o novo Pontífice fala da necessidade de *aggiornamento*, de uma profunda renovação da Igreja, um reavivamento, a fim de que possa exercer mais eficazmente sua missão evangelizadora num mundo em processo de grandes transformações. O 21º

Concílio Ecumênico seria oficialmente aberto em 11 de outubro de 1962, na Basílica de São Pedro, em Roma. Na ocasião João XXIII pronunciou seu famoso discurso *Gaudet Mater Ecclesia*. Entre a primeira e a segunda sessão do Concílio — Assembleia que chegou a reunir aproximadamente 2.500 bispos do mundo inteiro — morre o Papa Bom (3-6-1963), sendo sucedido pelo Arcebispo de Milão, Cardeal João Batista Montini (1897-1978), que escolhe o nome de Paulo VI (1963-1978). Ele dará ao Concílio sua orientação definitiva: refletir sobre a Igreja e sua missão essencial *ad intra* e *ad extra*, a fim de que ela possa ser, nos dias atuais, um autêntico “sinal e instrumento” do Reino de Deus.

O pano de fundo, aqui apresentado em linhas muito globais, é importante para que possamos entender a evolução da CRB, fundada em 1954, nos anos finais do pontificado de Pio XII, e logo confrontada com “ventos novos”, que ganharam mais força com o novo pontificado, iniciado, em 1958, com João XXIII.

O primeiro Secretário-geral da CRB

Os primeiros seis anos da existência da CRB são indiscutivelmente marcados pela pessoa de seu Secretário Geral, Padre Irineu Leopoldino de Souza, SDB

(1921-2004). Trata-se de um religioso salesiano de invulgar capacidade intelectual e expressivo tino organizador. Em 1945, defendeu sua tese de doutorado em História e de 1951 a 1954 trabalhou na Procuradoria Salesiana, junto ao Governo Federal, naquele tempo ainda sediada na cidade do Rio de Janeiro. Dotado de um caráter forte e decidido, tendia quase naturalmente a centralizar responsabilidades e atividades decorrentes de sua função. Tornou-se a figura-chave nos primeiros seis anos da CRB. Tendo características de empresário, fazia tudo para garantir um eficiente funcionamento do organismo lhe confiado. Numa fina e respeitosa análise de sua pessoa no tempo da CRB, Irmã Maria Carmelita de Freitas, FI (1933-2008), escreveu:

Na sua apreciação, Igreja e VR no Brasil, estavam em descompasso com a época e necessidades de uma urgente modernização. Foi com este sentido de adequação aos tempos que ele procurou dar à CRB uma sólida base administrativa, capaz de fazer frente às exigências do mundo moderno empresarial. Além disso, Padre Irineu possuía um acentuado sentido prático. Assumindo a Secretaria Geral da Conferência, incumbia-lhe a difícil tarefa de levar adiante uma organização sem precedentes na história dos religiosos no Brasil, e o não menos difícil trabalho de

unir esses mesmos religiosos/as, habituados a viver e atuar no âmbito da própria Ordem ou Congregação muito mais do que conviver e colaborar em nível extra ou intercongregacional. E a maneira mais prática que encontrou para uni-los foi, precisamente, a prestação de serviços, numa ampla gama de necessidades das Congregações. Daí o *slogan* largamente difundido pela CRB entre religiosos/as naqueles anos: *Na união todas as vantagens!* Além disso os serviços eram considerados, então, como meio indispensável para dar sustentação econômica às atividades mais específicas da Conferência.

À distância dos anos, iríamos reconhecer mais claramente tanto as inegáveis qualidades do Padre Irineu, quanto suas reais limitações à frente do dia a dia da CRB. Na “Carta Mortuária” um de seus confrades anotou:

Um salesiano de inteligência superior e imaginação fértil, cheio de grandes ideias nem sempre aderentes ao terra-a-terra, que lhe trouxeram (e provocaram) não pouco sofrimento. Além do mais, a preocupação de nada fazer *sozinho* prejudicou-lhe, e muito, a concretização de seus sonhos. Ao lado, porém, do sonhador frustrado descobrimos, sem esforço, o salesiano sacerdote fiel à sua vocação, espiritualmente rico, zeloso, e em seus projetos sempre animado das melhores intenções.

É interessante saber como o próprio Secretário Geral concebia a gerência da CRB. Num relatório de 1956, ele mesmo fala das “duas dimensões” ou dos “dois rumos” da Conferência. Uma orientaria a CRB numa direção “puramente religiosa”; outra abraçaria, sem receios, o “setor temporal, terreno e material”.

Argumentava: “Realizar uma parte só deste programa seria querer voar com uma asa somente. Fazer uma Conferência unicamente preocupada com valores espirituais, seria criar uma Conferência de Anjos, não de religiosos”. Mais adiante pondera: “Seria erro e sinal de pouco senso dizer que a CRB constitui uma cooperativa ou se comercializou, ou coisa parecida”. Na realidade, acrescentava, “tudo o que interessa à comunidade religiosa, interessa também à Conferência. Desde o custo dos gêneros de primeira necessidade, que vão para a dispensa e a cozinha, até assistência espiritual, disciplina e vida religiosa”.

CRB na sua dimensão comercial

Entrementes, o que, no decorrer dos anos, iria prevalecer na mente da maioria dos religiosos e das religiosas, é o imediatismo, no sentido de obter, com facilidade, vantagens materiais para o

bom andamento de “suas obras”. Prevaleciam, na maioria dos casos, os “descontos” e “redução dos gastos”, por exemplo com viagens. Este último “serviço”, na opinião do Padre Irineu, “obteve extraordinária aceitação por parte de todos os Religiosos”! Chegou-se a um total impressionante de passagens, aéreas ou marítimas, mais baratas: “Lá se vai o religioso, contente e feliz, com uma passagem bem mais em conta”. Sim, “hoje, graças a Deus, temos um serviço plenamente vitorioso e consolidado que pôde expandir-se por todo o Brasil, nas suas múltiplas agências ou filiais”.

Um exemplo típico de “serviços” prestados pela CRB naqueles anos é a aquisição de automóveis. Há muitas propagandas, regularmente publicadas na Revista da CRB. Numa delas lemos:

Não fique com carro velho...
Arranje um carro novo: Jeep, camionete, para carga ou para passageiro, de qualquer marca; caminhão, pequeno ou grande; ônibus colegial; tudo para entrega imediata... Conhece o plano de equipamentos ou de financiamento da sua Conferência. A CRB-Rio, coordenando forças, está em condições de resolver o seu problema!

Outro anúncio, no mínimo curioso, se refere a um “barbeador elétrico”, “tão suave... tão con-

fortável... pioneiro no mundo... pioneiro no Brasil. Para gozar das especiais reduções de preço proporcionadas às Casas Religiosas, pelo convênio Remington-Rand com a CRB, faça seu pedido diretamente à CRB: *Na união todas as vantagens*”!

Um dos serviços da CRB que não perderia sua importância, no decurso dos anos, foi a Procuradoria. Tratava de processos dos mais diversos, desde autorização ou reconhecimento de escolas superiores, ao recebimento de subvenções e auxílios federais, à naturalização de estrangeiros, registro de professores e muitos outros. O “Serviço de Procuratórios” é complexo. Inclui o exame de documentos, acompanhar os processos em suas diversas fases, manter correspondência com as Instituições religiosas, informando-as, orientando-as na preparação dos papéis, prevenindo dificuldades que possam surgir. Em suma, abrange uma assistência completa. Sem exagero — comenta o Secretário Geral — a Procuradoria da CRB Nacional corresponde a uma necessidade real dos religiosos em todos os recantos do país. Podemos dizer, sem exagerar, que o número de processos feitos nos conforta e nos estimula para dar continuidade a este Serviço.

No decorrer dos anos, a CRB consolidou-se como organização,

com sede própria, serviços bem estruturados e solidez financeira. Uma imponente rede de lojas facilitava aos religiosos a aquisição de todo tipo de artigos, desde giz escolar a panos para a confecção de hábitos religiosos. A Conferência ganhava prestígio exatamente na prestação desses múltiplos “serviços”.

Em várias ocasiões a dupla estrutura de “atividades-fim” (a Vida Religiosa em si) e de “atividades-meio” (os serviços oferecidos que deviam garantir a sustentação financeira) suscitava de um lado admiração e, de outro lado, provocava questionamentos. Sobretudo nos primeiros tempos da CRB sua estrutura era elogiada e apresentada como modelo ideal para outras Conferências de Religiosos. Assim, no 4º aniversário de sua fundação, o Núncio Apostólico, Dom Armando Lombardi, formulou o seguinte encômio:

A CRB tornou-se um fator poderoso de união de todas as Ordens e Congregações Religiosas, masculinas e femininas, um veículo de compreensão e de ajuda mútua, integrando a própria atividade num plano comum de trabalho e valorizando ao máximo seus esforços apostólicos a serviço da Igreja no Brasil.

No que diz respeito às finanças da Conferência, o Secretário Geral, Padre Irineu Leopoldino

de Souza, comentou no relatório destinado aos membros da III Assembleia dos Superiores Maiores, de julho de 1959: “A situação é sólida, muito bem controlada, goza a CRB de crédito ilimitado com as organizações bancárias e comerciais com quem tem transações, está apoiada num sistema certo, que não sugere nem pede nenhuma modificação. Porém, não é uma situação folgada”. Mas, não deixa de reconhecer que a responsabilidade de sua função é arriscada pelo fato de o Secretário Geral “na prática, executar, comandar e controlar toda a administração”, o que, em si, não é algo sadio. Na sua opinião seria recomendável que fosse criado um “Conselho fiscal” que, periodicamente, examinasse as contas e seus documentos correspondentes.

O novo Secretário-geral

A Assembleia, realizada de 20 a 23 de julho de 1959, poucos meses após o anúncio da convocação de um Concílio Ecumênico (25-1-1959), tinha como tema central “O Governo das Províncias”. Também trataria da “Organização jurídica da CRB”, prevendo, inclusive, uma revisão dos Estatutos da Conferência. Nos debates veio à tona que os Estatutos em vigor “continuavam omissos a respeito da fiscalização financeira da CRB”. Observou-se que este

movimento cresceu de tal forma que um sério acompanhamento, mediante um Conselho Administrativo, tornar-se-ia imprescindível. Formulou-se um novo artigo com dois parágrafos sobre esta questão, enquanto também foram eleitos os cinco membros do mencionado Conselho. Houve mais algumas modificações nos Estatutos, sendo a nova redação aprovada pelo respectivo Dicastério romano, em 15-8-1960.

Terminado o mandato da Diretoria, foi realizada uma nova eleição para o triênio de 1959 a 1962. Todos os integrantes da Diretoria anterior foram reeleitos, com exceção do Secretário Geral. Em seu lugar assumiu esta função o redentorista Padre Tiago Gerardo Cloin (1908-1975), sendo já subsecretário da CRB Nacional. Era conhecido por seus nutridos artigos e estudos sobre Igreja e Vida Religiosa, publicados na Revista da Conferência.

Efusivas palavras de agradecimentos foram dirigidas ao Padre Irineu que, depois de seis anos, iria deixar o cargo. Um dos oradores, membro da diretoria da CRB, chegou a sugerir que o 1º Secretário Geral mereceria “um monumento na sede da Conferência no Rio de Janeiro”!

Não há como esconder que atrás de belas palavras e muitos

elogios existia uma problemática mal resolvida, que estava incomodando não poucos religiosos na liderança da CRB, como também membros do Episcopado brasileiro. Afinal de contas, perguntavam, qual é a identidade da CRB? A evolução das Conferência até aquele momento revelava um “processo ambivalente”, cujo saldo registrou grandes conquistas (temporais), mas deixou também uma série de questionamentos, particularmente os que se relacionavam com a “razão de ser da Vida Consagrada”. Entre o episcopado nacional (e também fora do Brasil) havia bispos que publicamente demonstravam grande preocupação com o volume e o rumo que tomavam “os negócios” da CRB. Na opinião deles, compartilhada por um número crescente de religiosos e religiosas, a dimensão “comercial” chegara a sobrepor-se aos objetivos específicos da CRB.

Ainda em 1965, pouco antes da fase final do Concílio Vaticano II, os “Serviços” da CRB ocupam um lugar central na mente e na ação de numerosos religiosos e religiosas. Sintomático é o seguinte trecho do relatório da CRB-Minas Gerais, apresentado pelo presidente desta seção regional, no dia 9 de julho de 1965. Aqui o real e o simbólico se identificam! Vejamos:

Com a introdução do serviço de depósitos, há necessidade de aumentar o quadro dos funcionários. (...) Ficou resolvido em parte o grave problema do local para estocagem, que era feita nas próprias salas da sede social com as inconvenientes imagináveis e, mesmo graves, riscos pela sobrecarga que poderia acarretar sobre a estrutura do edifício. Foi alugada em boas condições uma loja no andar térreo do mesmo prédio na qual se instalou o depósito de mercadorias. A amplidão do movimento está a exigir a instalação de depósito de maiores dimensões, em local acessível aos meios de transporte e de preço módico. Esta aquisição não foi ainda realizada por insuficiência de recursos, uma vez que acarretaria a compra de uma viatura e do salário do motorista.

Uma nova orientação da CRB

Coube ao novo Secretário Geral, Padre Tiago Cloin, reorientar a Conferência para encontrar um caminho equilibrado e isso num duplo sentido: chegar a um maior entrosamento com a CNBB e, simultaneamente, articular uma mais intensa participação dos religiosos e das religiosas na Pastoral de Conjunto da Igreja no Brasil. Em suma: esperava-se dele que contribuísse para uma real revitalização da VR a partir dos carismas específicos de cada Ordem ou Congregação, sensibi-

lizando as Famílias Religiosas no Brasil da necessidade de unir-se mais eficazmente, a fim de poder participar responsabilmente na missão de uma Igreja em vias de renovação.

De singular relevância para a VR no Brasil foi a VI AGO, realizada entre 24 e 28 de abril de 1962. A temática era diretamente associada ao conteúdo da Carta Apostólica de João XXIII, de 8-11-1961, na qual o Papa expressa sua apreensão com os acontecimentos na América Latina, após o golpe de estado de Fidel Castro (1926-2016), na Ilha de Cuba, colocando-a sob um “regime comunista”.

Dirigindo-se aos bispos latino-americanos, o Papa diz:

Não foge à vossa vigilância os perigos que insidiam a fé e a vida católica de vossas Nações. Se tantos e tão grandes são os argumentos que nos alentam a esperança, causa-nos, porém, angústia veemente o saber que, em algumas regiões, noutros tempos tão florescentes em vida cristã, Deus e Sua Santa Igreja são perseguidos temerariamente, levando-se a cabo os intentos para propagar ainda mais este mal [do comunismo].

Em seguida, João XXIII faz um insistente apelo para uma união mais consistente de todos os católicos do Continente, esforço liderado pelos bispos, mas com

explícito apoio dos numerosos religiosos presentes e atuantes na América Latina.

A pedido do Núncio Apostólico no Brasil, a Assembleia foi antecipada para a última semana de abril, para coincidir com a Assembleia da CNBB. Realizou-se, de fato, entre 24 e 28 daquele mês de 1962, em sessões conjuntas de sacerdotes, irmãs e irmãos, no Colégio *Notre Dame de Sion*, no Rio de Janeiro. Participaram 103 religiosos sacerdotes (a crônica não menciona os religiosos irmãos!) e 236 religiosas. Houve também reuniões separadas para Superiores Maiores masculinos e femininos, com temáticas específicas.

Na abertura da VI AGO falou primeiro o Núncio Apostólico, Dom Armando Lombardi, dizendo: “É necessário rezar, refletir, estudar, agir, a fim de que não se repita também em outras partes o doloroso drama cubano, tanto mais que a própria Cuba está empenhada em encontrar quem a siga, no precipício em que se lançou”. Sem meias palavras o Núncio traduzia o pensamento de João XXIII, conclamando os religiosos a unir energicamente suas forças, sob o comando dos bispos. “Que sintam em si a ânsia do apostolado, tornando-se instrumentos dignos e capazes para a dilatação do Reino de Deus nas

almas”. Terminando sua alocução recorda ainda que

dentro de poucos meses estará reunido em Roma o Concílio Ecumênico Vaticano II. Segundo as intenções do Augusto Pontífice, que o convocou, este Concílio deve dar um novo impulso, um novo vigor, quase uma juventude nova à Santa Igreja. Rezemos, rezemos, para que este movimento de renovação, de frescura e de primavera beneficie copiosamente as Ordens, as Congregações e os Institutos que da Santa Igreja são os corpos escolhidos e especializados, prontos a arriscar tudo, porque tudo deram ao Mestre Divino.

É ainda significativo que o Representante da Santa Sé em terras brasileiras, menciona as seguintes palavras do Papa, contidas na Carta Apostólica de 1961:

Caridade cristã, justiça social e amor à Pátria exigem a cooperação da Igreja no estudo e na atuação de todas as reformas estruturais, econômicas e sociais, destinadas a melhorar o nível de vida do povo brasileiro no campo material, econômica, cultural e social. (...) Em concreto: o Santo padre nos convida, nos exorta, de certo modo nos impõe o seguinte: Difundir, explicar, precisar os princípios da Doutrina Social Católica, segundo os ensinamentos das grandes Encíclicas Sociais, praticamente resumidos e atualizados na Mater et Magistra, a Encícli-

ca sobre A recente evolução da Questão Social à luz da Doutrina Católica, publicada em de 15 de março de 1961. Muitas vezes tais ensinamentos são conhecidos apenas superficialmente, o que leva a interpretações arbitrarias. Um exemplo recente: há quem leu somente os títulos e os subtítulos das traduções da Mater et Magistra e, tendo encontrado, entre os subtítulos, a palavra ‘socialização’, concluiu, sem ler sequer o texto, que o Santo Padre aprovou ‘socialização’ no sentido ‘socialista’ da palavra.

Na mencionada AGO, tomou ainda a palavra Dom Hélder Câmara, Secretário Geral da CNBB, falando sobre a cooperação das duas Conferências. Referiu-se mais diretamente às grandes linhas do “Plano de Emergência”. Poderia haver intercâmbio quanto à fundação da CERIS, “Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sócio-religiosas”, como também na criação de um Instituto de Pastoral para o Clero diocesano e religioso, com a finalidade de promover a atualização dos métodos pastorais no Brasil. No final de sua colocação, Dom Hélder enfatizou: “Posso afirmar que há, da parte da CNBB, atitude de inteira confiança na CRB e dela precisamos para executar nosso Plano de Emergência. É bom pensar que estamos caminhando na via da caridade. As duas Confe-

rências estão maduras para este entrosamento de forças”.

Durante a última sessão, o Secretário Geral, Padre Tiago, fez uma exposição sobre o Plano de Pastoral de Conjunto dos Bispos do Nordeste e o “Movimento de Natal”, ao qual a CRB pretende dedicar particular atenção, promovendo o entrosamento do apostolado dos Religiosos e Religiosas existentes nessa área com o “Movimento de Natal” e dirigindo para lá novos Institutos, quer brasileiros, quer estrangeiros.

A época do Concílio Vaticano II

A Vida Religiosa sempre se situa numa realidade histórica bem concreta e também a atuação da CRB só entendemos tendo como pano de fundo circunstâncias sócio-políticas de determinada época. O período em questão, entre 1962 e 1968, comporta um tempo de grandes mudanças e turbulências no cenário nacional e internacional. Hoje temos consciência que não se tratava apenas de uma época de mudanças, mas de uma “mudança de época”!

Contexto histórico

Quanto ao Brasil, encontramos a confusa conjuntura dos governos de Jânio Quadros (1917-1992)

e João Goulart (1919-1976), o “Jango”. Jânio Quadros assumiu a presidência da República por sete meses em 1961 (de 31 de janeiro a 28 de agosto), propondo o combate radical à corrupção (símbolo: a “vassourinha”). Seu governo provocou insatisfação tanto na direita quanto na esquerda. Houve uma crise político-militar e a tentativa de implantar no Brasil o sistema parlamentarista (2-9-1961), logo após a renúncia do presidente. Foi de curta duração, pois em janeiro de 1963, o país voltou ao sistema presidencialista, já com o sucessor de Jânio, João Goulart, que fora seu vice-presidente. Jango incentivou as chamadas “reformas de base”, dentro de um “Plano Trienal”, para novamente combater a crescente inflação e promover o desenvolvimento econômico. Foram medidas de caráter nitidamente nacionalista, destacando-se a temida “reforma agrária”. Houve reações diversas e contraditórias ao seu governo: greves e manifestações de violência, sendo o presidente acusado de fortes tendências comunistas. Na imaginação de muitos a “Revolução de Cuba”, em 1959, e os sinais de simpatia por Fidel Castro, mostrados por Goulart, seriam uma ameaça séria para a “segurança nacional”. As radicalizações políticas e divisões entre simpatizantes e

opositores desgastaram a figura de Jango e criaram o clima favorável para uma intervenção das forças armadas. O “Golpe militar” foi consumido em 31 de março de 1964, inaugurando a ditadura militar que duraria quase 21 anos.

A Igreja no Brasil não ficou inativa. No dia 14 de julho de 1962, a CNBB emitiu uma “Mensagem” a ser lida nas missas dominicais. Destacamos os seguintes trechos:

Ninguém desconhece o clamor das massas que, martirizadas pelo espectro de fome, vão chegando aqui e acolá, às raias do desespero. (...) O povo das cidades e dos campos começa, não apenas a tomar conhecimento das verdadeiras causas desses males, como, sobretudo, a compreender que, sem participação na vida das instituições e da própria sociedade, jamais será libertado do estado de ignomínia em que se encontra. A Igreja, ontem como hoje, nunca deixou de pregar a doutrina do Evangelho e, de acordo com as circunstâncias e o vigor mais ou menos veemente dos seus Ministros, de clamar por uma ordem social baseada nos princípios de verdade revelada e das normas da justiça e da equidade. (...) O comunismo ateu explora ativamente a situação, enquanto o capitalismo liberal, não menos ateu, se beneficia da agitação comunista. (...) Estas posições não afastarão a Igreja de seus objetivos claros e definidos. Ela

saberá seguir o seu caminho, sem desviar-se nem para o duro e esmagador ateísmo do comunismo, nem para o maleável e frouxo ateísmo de um sistema capitalista não menos condenável.

Dois anos depois, os bispos, reunidos no Rio de Janeiro de 27 a 29 de maio de 1964, lançam uma “Declaração” em que diziam:

Logo após o movimento vitorioso da Revolução, verificou-se uma sensação de alívio e de esperança, sobretudo porque, em face do clima de insegurança e quase desespero em que se encontravam as diferentes classes ou grupos sociais, a Proteção Divina se fez sentir, de maneira sensível e insofismável. (...) Estamos onde sempre estivemos, em defesa dos sagrados direitos de Deus e da Pátria. Insistimos na necessidade e na urgência da restauração da ordem social, em cases cristãs e democráticas. Mas, esta restauração não será possível apenas com a condenação teórica e a repressão policial do comunismo, enquanto não se extirparem as injustiças sociais e outras modalidades de materialismo, tão perniciosas, que geram o próprio comunismo, e, sobretudo, enquanto o espírito sobrenatural autêntico não impregnar todas as pessoas e todas as atividades humanas. (...) Esperamos que os responsáveis pelos destinos temporais do Brasil aceitem, defendam e cumpram os princípios do Evan-

gelho e as normas da Doutrina Social Cristã, não só porque esses princípios são os nossos, mas porque constituem a base fora da qual não há, nem poderá haver, ordem social, segurança, estabilidade e verdadeiro progresso.

Não é difícil perceber o tom hesitante da Declaração episcopal e a incerteza quanto aos rumos que o regime de exceção iria tomar.

Início do Concílio Vaticano II

Exatamente neste mesmo período, início dos anos sessenta do século passado, é realizado, em Roma, o 21º Concílio Ecumênico (1962-1965), convocado por João XXIII, Papa que morreria entre a primeira e segunda sessão do Concílio (3-6-1963).

O Cardeal-Arcebispo de Milão, João Batista Montini (1897-1978), assumirá o pontificado sob o nome de Paulo VI. É ele que definirá com clareza a finalidade principal do Concílio: refletir, em profundidade, sobre a Igreja, sua identidade e missão. A linha pastoral tornar-se-á cada vez mais evidente no decorrer das sessões conciliares, em sintonia aliás com uma crescente tendência do episcopado brasileiro, que entra no Vaticano II com uma experiência concreta: o Plano de Emergência de Pastoral, aprovado na V Assembleia Geral Ordinária da

CNBB, de 2 e 5 de abril de 1962, ou seja, praticamente meio ano antes da abertura do Concílio.

Aproximação CRB e CNBB

Nesses mesmos anos percebemos uma aproximação cada vez mais cordial e eficaz entre a CNBB e a CRB. No relatório apresentado na VII AGO da CRB (julho de 1965) é dito:

Sem sacrificar ou diminuir a autonomia e independência com relação à Conferência dos Bispos, deve a CRB continuar a cultivar e intensificar o entendimento e entrosamento com a CNBB, e empenhar-se em que as seções regionais sigam a mesma linha em nível regional. É na base da confiança, colaboração e serviço — e nunca em clima de desconfiança, concorrência ou prestígio — que tais relações podem florescer. Entre as atividades apostólicas da CRB e CNBB deve haver identidade quanto à orientação pastoral e o maior entrosamento possível quanto à execução. (...) Quando as circunstâncias o aconselharem ou permitirem e a CNBB o solicitar, recomenda-se a criação de serviços comuns de apostolado financiados por ambos, para garantir maior entrosamento e para evitar dispersão de pessoal e recursos financeiros, por exemplo, um centro de documentação pastoral, de orientação vocacional, etc.”

A partir de 1967, a CRB teria uma representação oficial nas assembleias da CNBB.

Bons exemplos de colaboração entre as duas Conferências foram:

- 1) A criação do CERIS, o Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais, no qual foi incorporado o já existente Departamento da CRB de Estatística, confiado às Missionárias de Jesus Crucificado;
- 2) A fundação do SCAI, Serviço de Cooperação Apostólica Internacional, que atende a todo o pessoal apostólico (Clero secular e religioso, consagrados e consagradas, leigos e leigas) que vêm trabalhar no Brasil. Oferece três serviços específicos: acolhimento e aculturação; orientação sobre a área onde trabalhar e em que setor apostólico; assistência posterior (espiritual, pastoral, jurídica e, eventualmente, na medida do possível, financeira).

A CRB e o “Movimento de Natal”

Outra iniciativa de mútua colaboração é dada pelo chamado “Movimento de Natal”. O próprio secretário geral da CRB Nacional comenta que o citado Movimento teve uma forte repercussão em

âmbito nacional, inspirando, inclusive o planejamento pastoral da CNBB. Trata-se de uma ação conjugada de evangelização e de ação social, de notável envergadura em extensão e em profundidade. Está diretamente associada à visão e atuação do então jovem Bispo-Auxiliar da Arquidiocese de Natal, Dom Eugênio de Araújo Sales (1920-2012; com 33 anos bispo-auxiliar de Natal; Cardeal em 1969 e Arcebispo do Rio de Janeiro, em 1971). O Movimento visa a formação integral do cristão e se inspira na Doutrina Social da Igreja (DSI), particularmente na Encíclica *Mater et Magistra*, de João XXIII. Abrange no setor da evangelização os movimentos catequético e de ensino religioso, bíblico, litúrgico, de renovação do ministério presbiteral, de vocações sacerdotais e religiosas. No setor de ação social, integra os movimentos de educação de base, através de escolas radiofônicas, de ensino médio, sindicalização, artesanato, cooperativismo, treinamento de líderes, maternidades, centros sociais, clubes agrícolas, migração interna, imprensa e rádio. Na realidade, é um “movimento” conjugado de Bispos, Padres de ambos os cleros, Religiosos e, sobretudo, Religiosas, de leigos e leigas.

A promoção humana, através de uma ação social integral,

de inspiração católica, completa a ação estritamente apostólica, sob a pena de esta não alcançar seus objetivos. O trabalho social é — na visão de Dom Eugênio e seus colaboradores — um instrumento valioso para testemunhar a presença da Igreja, de seu amor concreto e desinteressado, exatamente em ambientes onde outra linguagem ficaria ininteligível. Foram muitas religiosas que se engajaram no “Movimento de Natal”, abraçando seu lema: “Educar para mudar”. É dentro do mencionado Movimento que se situa a experiência pastoral de Nísia Floresta, RN. Trata-se de uma paróquia sem padre residente, a uns 43 km de distância de Natal. Dom Eugênio convidou algumas Irmãs da Congregação das Missionárias de Jesus Crucificado, a “tomaram conta da paróquia”, sendo conhecidas popularmente como “vigárias”! Elas reorganizaram a vida paroquial, introduzindo pela manhã “oração em comum” (na hora da missa); à tarde, após a oração comunitária faziam uma breve instrução catequética.

L'Osservatore Romano de 18 de junho de 1964, publicou um comentário sobre a experiência de Nísia Floresta. É dito que as Irmãs fazem literalmente tudo:

A formação de leigos e leigas que exercem todo tipo de serviço na paróquia; dão assistência aos agonizantes com a oração ritual oportunamente adaptada, ministram o batismo e organizam o conselho paroquial. Semanalmente o pároco visita a comunidade. “O *jeep* é o instrumento de trabalho indispensável para as quatro corajosas Irmãs, que têm que cuidar não somente do centro, mas também de várias capelas do campo. Para tudo contam com o apoio espiritual do pároco e, quanto à parte material, com a Sociedade de Assistência Rural”.

É verdade que o modelo de “vigárias” possuía um sabor “clericalista”, mas na época era um grande avanço. No seu bojo escondia um dinamismo que iria muito além das propostas iniciais: abria para a mulher consagrada uma efetiva participação na pastoral, valorizando-a exatamente na sua feminilidade.

Documentos conciliares sobre a Vida Religiosa

A época em tela coincide com a realização do Concílio Vaticano II (1962-1965). Sabemos que os Padres Conciliares trataram em dois Documentos mais especificamente da VR: no Capítulo VI, da Constituição dogmática *Lumen Gentium*, LG (21-11-1964), e no Decreto *Perfectae Caritatis*, PC

(28-10-1965). O número 44 da LG acena ao *punctum saliens* da Vida Religiosa quando comenta:

O religioso manifesta para todos os fiéis a presença, já neste mundo, dos bens celestes, testemunha melhor a vida nova e eterna, adquirida pela redenção de Cristo, e melhor prenuncia a ressurreição futura e a glória do reino celestial. Este mesmo estado imita mais fielmente e representa perpetuamente na Igreja aquela forma de vida que o Filho de Deus, ao vir ao mundo, assumiu para cumprir a vontade do Pai, e propôs aos discípulos que o seguiam.

Por sua vez, o PC diz que

sempre houve na Igreja homens e mulheres que, pela prática dos conselhos evangélicos procuraram seguir a Cristo com maior liberdade e imitá-lo mais de perto” (n.1). O mesmo documento indica que a VR necessita de “conveniente renovação” que “compreende não só o contínuo regresso às fontes de toda a vida cristã e à genuína inspiração dos Institutos, mas também sua adaptação às novas condições dos tempos. (...) Dado que a VR tem por última norma o seguimento de Cristo proposto no Evangelho, esta deve ser a regra suprema de todos os Institutos” (n. 2).

Já antes do Concílio, nos anos pós-guerra, havia sinais inequívocos de uma “crise latente” no conjunto da Vida Consagrada. Vivíamos em estruturas rígidas, tidas como “sagradas” que, não raras vezes, engessaram as pessoas e as comunidades dos religiosos e religiosas. Mesmo não sendo verbalizado, muitos experimentavam um certo mal-estar, um desajustamento, algo artificial, muito distante do homem e mulher “comum”. A vida afetiva (e *a fortiori* a realidade sexual) era subestimada ou simplesmente negada! Logicamente havia também muitos elementos positivos, a começar por um estilo de vida simples e despojada, sem muitas exigências e avesso ao supérfluo. Quem entrou no Noviciado pouco antes do Concílio viveu intensamente essas contradições: formou-se na transição do “velho” para o “novo”.

Vozes inovadoras e apelo de “volta às fontes”

Por coincidir com a sua própria visão, a CRB publica na sua Revista o texto de um Documento intitulado *Pro Memoria*, fruto de uma recente Assembleia dos Superiores Religiosos da Bélgica, do qual citamos a seguinte passagem:

O primeiro apostolado dos religiosos é seu testemunho na Igreja e no mundo; apresentam-se como comunidade fraterna a exemplo da primeira comunidade cristã de Jerusalém da plenitude do ideal evangélico. Em consequência, toda vida religiosa, pelo simples fato de ser vida religiosa, é apostólica no sentido pleno. O ideal evangélico leva consigo naturalmente, como a caridade que é a fonte de toda vida religiosa, uma extensão sobre os outros, um apostolado exterior determinado pelas necessidades da Igreja e pelas diversas circunstâncias de lugar e de tempo em que ela se possa achar. Um sentido agudo de serviço à Igreja tem sempre sido o apanágio dos institutos religiosos os quais deveram frequentemente sua origem à percepção, pelo fundador, de uma necessidade particularmente grande da Igreja.

No mesmo texto se faz uma observação significativa sobre o papel específico da religiosa, sugerindo uma modificação dos cânones a fim de que seja concedida “maior iniciativa à mulher, mais respeito a seu grande valor e a seus critérios em todas as coisas que lhe toca diretamente”.

Paulo VI, dirigindo-se aos Superiores religiosos, no intervalo entre a terceira e a quarta sessão do Concílio, ou para ser exato no dia 23 de maio de 1964, comentava:

Os Institutos Religiosos só conservam o seu vigor e florescimento, enquanto na sua disciplina e obras e nos costumes e vida de seus membros, se mantiver íntegro e vivo o espírito do Fundador. (...) Cada família religiosa tem a sua missão própria, e a ela deve permanecer absolutamente fiel; é daí que advirá a fecundidade vital do Instituto e aí se encerra também o manancial inexaurível das regras do céu.

E observa o Papa:

Ao procurar esta renovação dos vossos Institutos, deveis ter o cuidado de que a vida espiritual dos vossos religiosos ocupe sempre o primeiro lugar. Portanto, nem vós, nem nenhum dos religiosos que têm por vocação dedicar-se às obras do apostolado, deve, de forma alguma, deixar-se influenciar por aquela ideia falsa de que o primeiro cuidado há de aplicar-se às obras exteriores e que a perfeição interior merece apenas o segundo lugar, como se isso fosse o que pedem as necessidades dos vossos tempos e da Igreja.

E faz ainda a seguinte advertência particularmente significativa:

Não cessais de inculcar *o amor da pobreza*, da qual tanto se fala hoje na Igreja. Os religiosos devem avantajarem-se a todos pelo luminoso exemplo da pobreza evangélica. É necessário, portanto, que amem a pobreza

a que espontaneamente se votarem. E não basta a dependência dos superiores, quanto ao uso, mas os próprios religiosos se devem contentar com as coisas necessárias à vida, evitando comodidades e luxos que são a ruína da Vida Religiosa.

O Decreto conciliar sobre a Vida Religiosa teve uma movimentada história, pelo fato de o “esquema” (texto) inicial receber inúmeras críticas. As mais insistentes, que apareceram nas sucessivas fases da discussão, foram as seguintes: “O esquema é pobre de fundo e de forma. Seu espírito não é propriamente *anticonciliar*, mas *anteconciliar*. Está demasiadamente apegado ao Direito (juridicismo) e, além disso, privado de teologia. É tímido demais para desencadear a necessária renovação”.

Acompanhando de perto a evolução do pensamento dos Padres Conciliares sobre a Vida Consagrada na Igreja, a CRB fez, poucos meses antes da promulgação do Decreto *Perfectae Caritatis*, uma “Declaração”, por ocasião da VII AGO (julho de 1965), da qual citamos os seguintes trechos:

Os Superiores Maiores dos Religiosos do Brasil, reunidos na cidade do Rio de Janeiro, renovam e manifestam o seu desejo e propósito de dinamizar toda a vida de ação no Reino de Deus, sob as orientações do Concílio Ecumênico, o grande dom de

Deus à Igreja e à Vida Religiosa neste século. Reformuladas e clarificadas as perspectivas da Vida Religiosa e seu finalismo, sentem-se os religiosos possuídos de novas forças para esta grande empresa. — Plenamente conscientes de sua especial consagração ao Reino de Deus, manifestam igualmente sua inteira disponibilidade para a missão que a Igreja neste esforço de adaptação e atualização lhes confia ou há de confiar no Brasil e no mundo. — Sobretudo neste momento querem que todo o seu trabalho apostólico seja orientado pelos Bispos, que são pastores e guias do apostolado, consagrado pelas suas palavras, seus conselhos e seus exemplos. (...) Na vivência cotidiana da ação apostólica, abrem os olhos e o coração de forma especial para todos aqueles que pelas circunstâncias dos tempos e dos lugares, pelas dificuldades da vida e situações ingratas, se encontram em maior necessidade, pobreza, ou em condições de maior urgência, pretendendo assim dar as suas preferências àqueles do Salvador que veio para evangelizar os pobres e curar os doentes. (...) Para todo revigoreamento da vida e da ação, sentem os religiosos a necessidade de adaptação inadiável, conforme as orientações e inspirações do Concílio, às condições de tempos e lugares que lhes permitirá um diálogo prudente, inteligível e sem ambiguidades com o mundo a que servem e a que se dedicam, em estilo evangélico de vida através do trabalho de cada dia para sustentação de suas vidas e progressos das instituições a que foram destinados.

Constatamos que, na realidade, o *aggiornamento* dos e das religiosas não foi nada fácil, encontrando por toda parte resistências e oposições, mas também houve inoportunas precipitações. Um caso típico (mas bastante significativo) é a questão do hábito religioso. As peripécias em torno da mudança das “vestes sagradas”, é particularmente interessante no que diz respeito à Companhia das Filhas de Caridade (de São Vicente de Paulo). Somente em 1964, no penúltimo ano do Concílio Vaticano II e apenas um mês antes do Decreto *Perfectae Caritatis*, tendo ainda a intervenção do próprio Papa Paulo VI, as religiosas receberam autorização para substituir o pesado e incômodo hábito tradicional com a famosa corneta (*cornette*), por uma vestimenta mais adequada (20-9-1964).

Durante os anos do Concílio Vaticano II e no período imediatamente pós-conciliar, a Revista da CRB publicou, além do texto oficial dos respectivos Documentos, muitos artigos direta ou indiretamente relacionados com os temas levantados na aula conciliar, tais como textos sobre Vocação, Formação, Espiritualidade, Apostolado. Percebia-se uma lenta mas progressiva abertura às novas visões teológicas e eclesiológicas decorrentes do Vaticano II.

Na AGO de 1965 houve uma reestruturação da CRB em seções regionais, fazendo-as coincidir com as da CNBB. Cada uma teria sua assembleia própria e sua diretoria, criando assim “condições para uma atuação mais intensa e simultaneamente mais diversificada da Conferência dos Religiosos nas várias regiões do território nacional”.

A nova Diretoria Nacional (1965)

Na mencionada Assembleia, no dia 22 de julho, foi eleita a nova Diretoria da CRB-Nacional, sendo a Padre Antônio Aquino, SJ (1922-1991), Provincial dos Jesuítas do Rio-São Paulo (1963-1968), o novo presidente, com 167 votos dos 229 sufragantes. Doutor em Direito Canônico pela Gregoriana, fora também Diretor de Estudos do Pontifício Colégio Pio-Brasileira, em Roma, de 1955 a 1958 (1961?). Como Secretário Executivo continuou o Padre Tiago G. Cloin, CRRS, mas seria por curto tempo. No fim no ano seguinte, ou seja, em dezembro de 1966, foi nomeado Bispo de Barra do Rio Grande, na Bahia. Trabalhara onze anos na CRB, com grande dedicação e competência. A ordenação episcopal teve lugar em 28 de janeiro de 1967. Sua função na CRB foi temporariamente executada pelo salesiano Padre Pascoal

Filippelli (1921-1990) até nomeação do novo Secretário Geral: o jovem (nascido em 1932) e talentoso Irmão Lassalista, Cristóvão Tarcísio Della Senta, que posteriormente teria uma brilhante carreira na área das Ciências de Educação.

Uma decisão muito acertada da AGO de 1965 foi a proposta de acompanhar o movimento de renovação suscitado pelo Concílio “fornecendo aos Superiores Maiores subsídios para poderem orientar, segundo as exigências da realidade brasileira, suas províncias no processo de adaptação ao espírito do Vaticano II, o que não seria possível sem sérios estudos e madura reflexão”. Aparece aqui um dos primeiros sinais do importante serviço de aprofundamento teológico-espiritual, sistematizado, anos depois, pela “Equipe de Reflexão Teológica” (ERT), da CRB.

O “Encontro da Gávea”

Um acontecimento de singular importância no processo de *aggiornamento* da VR no Brasil foi o “Encontro da Gávea”, no Rio de Janeiro de 28 de fevereiro a 5 de março de 1966. Foram dias de reflexão, palestras, círculos de debate e planejamento, com a participação de uns 40 religiosos, entre os quais a Diretoria da CRB, a

Comissão Executiva da Conferência, alguns Secretários Regionais e dez estudiosos da VR. Citamos alguns pontos do relatório final, elementos mais diretamente relacionados com os princípios e os objetos da “atualização” da VR pós-conciliar:

Procurem as Congregações estudar sua índole e missão própria, redescobrando o espírito e as intenções do Fundador com um instrumental científico adequado e por uma interpretação viva para poderem oferecer à Hierarquia sua contribuição específica no campo pastoral. — Dê-se mais importância aos valores humanos, base segura de uma espiritualidade sã. A cultura geral dos religiosos acompanhe a cosmovisão dinâmica de nossa época e procure estabelecer o equilíbrio entre a vida religiosa e os valores cultivados pela sociedade atual (como desenvolvimento, promoção humana, democracia, liberdade, diálogo). — Formar as novas gerações em um clima de corresponsabilidade de empenho, mediante o trabalho, na própria sustentação, de tal maneira que participem desde cedo das preocupações pela vida e aprendam a confiar na Providência Divina. Sejam formados não somente a receber, mas também a dar com generosidade. — Recordar que o sinal mais evidente e eloquente da pobreza, hoje não é a mendicância (o que repugna à mentalidade moderna), mas o tra-

balho contínuo. Trabalhar para poder viver, não viver de rendas acumuladas nem de esmolas. — Que haja membros das comunidades religiosas, mesmo daquelas que têm outras tarefas, presentes no mundo da pobreza real das favelas, bairros, etc. Serão um testemunho de preocupação dos religiosos por eles e um elemento de conscientização da comunidade por este mundo de subdesenvolvimento e sua promoção. — Que haja um esforço contínuo das comunidades religiosas, no sentido de alimentar a vida da comunidade pela Palavra de Deus ouvida em comum, com a vida litúrgica participada, sobretudo com a celebração intensa e comunitária da Eucaristia. — A CRB, sem descuidar os Serviços, dará uma colaboração dinâmica à formação dos religiosos, à reflexão teológica sobre a consagração religiosa e à orientação concreta na faixa da renovação. — A vida religiosa ativa seja impregnada do elemento apostólico e o apóstolo religioso imbuído de vida religiosa, para que se constitua em um autêntico testemunho. — Insista-se com as comunidades para que estudem os planos pastorais para que possam inserir neles suas atividades ministeriais.

Quando lemos este texto de 1966, com uma distância de quase 60 anos, nos surpreendemos com a sua atualidade. Na proximidade de seu Jubileu de Platina

(70 anos) de Fundação, a CRB percebe que também no Brasil deparamos com uma drástica diminuição numérica de religiosos (e mais especificamente de religiosas), enquanto está crescendo uma geração de consagrados e consagradas “digitais”, aqueles que teoricamente sabem tudo da “Vida Religiosa”, mas receiam de “colocar a mão na massa”!

Ainda forte empenho do “Setor Negócios” da CRB

Em fins da década de 60 do século passado, enquanto se insistia na identidade da Vida Religiosa, fortemente focalizada nos Documentos do Vaticano II, sobretudo na LG e PC, o “Setor de Serviços” da CRB atuava sem parar. A verdade é que, mesmo depois do Concílio, muitos religiosos apreciavam a CRB pelo lado “comercial”. Com muita frequência encontramos na Revista da Conferência anúncios de “bons negócios”, de “ganhar dinheiro” pelos muitos descontos na compra de produtos recomendados. Talvez a maior propaganda diz respeito a viagens. A título de exemplo citamos um anúncio de 1966:

Com planos de financiamento que variam de 10 a 15 prestações mensais, poderão eles [os religiosos] dispor dos mais confortáveis transportes, seja por via marítima ou aérea, valendo acrescentar ainda que a CRB tem reservadas e em caráter permanente duas cabines de seis lugares, *exclusivamente* para religiosos, em navios para qualquer parte da Europa. — Nas viagens aéreas, as relações comerciais entre a CRB e a TAP (Voo da Amizade), agora restabelecidas, permitem também a reserva permanente de passagens para qualquer país do Velho Continente.

Origens remotas da USGCB

Um acontecimento de 1966 não pode cair no esquecimento. Trata-se da primeira Assembleia das Superiores Gerais do Brasil, nos dias 27 a 29 de setembro daquele ano, realizada no Convento de Nossa Senhora do Cenáculo, no Rio de Janeiro, sob a coordenação da Madre Maria do Calvário (Maria da Conceição Villac, 1894-1978, Fundadora da Congregação e membro da primeira Diretoria da CRB-Nacional), na época Geral das Missionárias de Jesus Crucificado. No primeiro dia abordou-se o tema da “Adaptação e Renovação da Vida Religiosa”. Foi colocada em evidência que “adaptação feita sem madura

reflexão torna-se antes perigosa que benéfica, pois renovação não é ruptura com a tradição, mas o despojar-se do acessório, num esforço sincero de voltar às fontes, de procurar o essencial”. No dia seguinte, os trabalhos giraram em torno do “Apostolado da religiosa, conforme o Concílio Vaticano II”. No terceiro dia, procedeu-se às eleições da delegada e sua substituta junto à “União Internacional das Superiores Gerais” de Roma, entidade fundada a 8 de dezembro de 1965, por iniciativa da Sagrada Congregação dos Religiosos. Citamos da Ata:

Para o primeiro cargo foi eleita a Revma. Madre Maria do Santíssimo Sacramento (Carmelinda Rossato, 1912-1989), Madre Geral das Irmãs do Imaculado Coração de Maria; para o segundo, a Revma. Madre Maria do Calvário, Geral das Missionárias de Jesus Crucificado. A Madre delegada eleita dirigiu a palavra às madres gerais presentes, dizendo estar sensibilizada com a confiança nela depositada e pedindo a ajuda de seis outras madres gerais escolhidas pela assembleia para se reunirem de vez em quando, em encontros de reflexão”. Temos aqui o germe da futura USGCB, a União das Superiores Gerais de Congregações Brasileiras.

(Continua na próxima edição.)

Para dialogar em comunidade

1. Convidar os irmãos ou as irmãs mais idosos/as da comunidade para contar como a Congregação viveu as mudanças sociais e eclesiais do Concílio Vaticano II e as mudanças sociais da década de 1960.
2. Como as dinâmicas sociais e eclesiais daquele período ainda marcam a vida da Congregação e da VRC no Brasil?

ITINERÂNCIA – CRB NACIONAL: 1983-1989.

Ir. Claudino Falchetto¹

Antecedentes

Quando a CRB foi fundada em 1954, como decorrência da reflexão teológica que precedeu o Concílio Vaticano II e por ativa influência de Dom Helder Câmara, Secretário Geral da recém-criada CNBB, em 1952, eu iniciava minha caminhada vocacional marista como noviço. Sou sempre grato à CRB por ter sido uma escola de formação continuada para mim. Através de cursos, escritos, publicações, congressos, encontros nacionais ou nacionais a CRB sempre me ofereceu e aos religiosos do Brasil, substancial alimento atualizado de formação tanto inicial quanto permanente.

Por ter vivido largo tempo em Belo Horizonte, acompanhei com entusiasmo e proveito, durante

mais de dez anos, as atividades e os avanços da Regional mineira, sempre em sintonia com a Nacional e sempre criativa em propostas inovadoras, sobretudo na área da formação inicial. Ficaram famosos os encontros de junioristas no início dos anos 70, quando todos os anos, ao longo de um mês, uma centena ou mais de jovens religiosos se encontravam para partilhar a vida e assimilar conteúdos e práticas de vida.

Neste despretenhoso relato vamos dedicar uma primeira parte à memória histórica do fecundo período de seis anos, de 1983 a 1989, antecedido por momento obscuro, que obrigou a instituição a se reposicionar com referência a suas normas e finalidades estatutárias. Na segunda parte é oportuno trazer à lembrança alguns

¹ Irmão Marista. Presidente da CRB Nacional de 1983 a 1989. Endereço para contato: claudinof@marista.edu.br

aspectos significativos do processo de itinerância da CRB, como organismo de animação e coordenação da vida consagrada, mormente no que diz respeito à missão de evangelizar e às controversas relações com algumas autoridades.

O final da década de 60 foi de crise para a estrutura CRB Nacional, que na boa vontade de subsidiar as congregações a se organizarem, passou a priorizar serviços materiais disponibilizando recursos, muitos deles importados. Foi aberta inclusive uma agência de viagens, a fim de beneficiar os numerosos religiosos que então se dirigiam à Europa para cursos de aperfeiçoamento nas principais universidades, sobretudo as de Roma. Com a atenção voltada prioritariamente para o desenvolvimento desses serviços, por diferentes razões os negócios falharam e a CRB entrou numa perigosa crise, que beirou à falência e consumiu enormes energias, inclusive financeiras à instituição e às congregações que se cotizaram e aportaram recursos próprios em solidariedade e interdependência.

A Assembleia Geral de 1968, que elegeu o então jovem jesuíta padre Marcelo de Carvalho Azevedo, entendeu que a instituição CRB Nacional deveria rever o foco e dedicar-se exclusivamente ao essencial dos propósitos esta-

tutários de sua existência como promotora da vida consagrada, através de programas a serem oferecidos às congregações, sobretudo nas áreas da formação e da animação das Regionais. Padre Marcelo, por imposição da então grave crise, assumiu prioritariamente a difícil tarefa de reverter o quadro, enquanto Frei Constâncio Nogara, ofm, Irmã Maria Helena Ferreira, rscj, e eficiente secretariado dinamizavam os programas religiosos.

No final de seu primeiro mandato padre Marcelo foi reconduzido com expressivo sufrágio dos mais de quinhentos Superiores Maiores presentes, entendendo esses que o processo de saneamento da Nacional estava em processo, mas ainda longe de chegar a parâmetros ideais. Ao mesmo tempo pesou positivamente na reeleição o fato de que os programas CETESP (Teologia e Espiritualidade), CERNE (Renovação Espiritual), PROFOCO, (Formação de Contemplativas) os encontros nacionais e regionais de formação, tanto para formandos, quanto para formadores, postos à disposição das congregações, permaneciam com significativa e crescente adesão e satisfação.

Na prática da CRB Nacional, os Presidentes podem ser reconduzidos a um segundo mandato.

Excepcionalmente o próprio padre Marcelo, não só aceitou, mas quis assumir a responsabilidade de um terceiro turno, a fim de entregar ao sucessor uma instituição inteiramente recuperada e proativa. Os nove anos à frente da Nacional custaram-lhe muitas horas mal dormidas, muitos disabores e mesmo injúrias por parte de credores que o obrigavam a passar noites inteiras na sede, a fim de não sofrer agressões de todo tipo. Merece ele um monumento!

Essa grave crise que marcou o final dos anos 60, acendeu um alerta, mas foi sobretudo um momento de purificação que abrangeu de uma forma ou de outra todas as congregações, servindo como exemplo e como advertência para que as instituições religiosas permaneçam sempre centradas no essencial da própria intuição fundacional, que não repousa certamente nas conquistas materiais.

Já o salesiano padre Décio Teixeira, sucessor do padre Marcelo, de 1977 a 1982, encontrou a CRB saneada e navegando a pleno vapor. Sua experiência administrativa, sua mineira sabedoria de lidar com as pessoas, seu tino de estabelecer firmes contatos com as autoridades da Igreja, da sociedade e das equipes internas

permitiram-lhe consolidar as conquistas e desenvolver ainda mais os programas existentes, sobretudo no âmbito da reflexão teológica ao implementar a equipe de teólogos da Vida Religiosa Consagrada e abrindo novas frentes.

Em 1983 nova Assembleia Geral Eletiva reuniu-se nas dependências do mosteiro de São Bento, no Rio de Janeiro. Por insistência de alguns e estranheza de outros circulava entre os possíveis propostos ao cargo da presidência o nome do Irmão Claudino Falchetto, Irmão Marista, membro de Instituto laical. Como seu Provincial não o liberara para a função, foi acionada a interferência do argentino Cardeal Eduardo Píronio, hoje Beato, então Prefeito do dicastério romano dos religiosos para convencer o Provincial e o candidato. Inusitadamente e com efetivo simbolismo, foi eleito para a presidência da CRB Nacional um religioso Irmão.

A sede da CRB Nacional

A primeira sede da CRB Nacional encontrava-se no coração histórico da Cidade Maravilhosa e ocupava os mais de setecentos metros quadrados do quarto andar do edifício Alcindo Guanabara, na Cinelândia. Os serviços, as equipes, as secretarias de tal modo foram crescendo, a fim de

atender a novas demandas, que foi necessário buscar e ampliar os espaços. Adquiriu-se então, de maneira providencial, o terceiro andar do mesmo prédio, abrigando então com folga as inúmeras secretarias, que assessoravam os diferentes campos de reflexão e de atuação e permitiam a presença simultânea de diversas equipes para a programação e execução das próprias atividades. E eram muitas!

Somente para exemplificar, com frequência estavam na sede a Equipe de Reflexão Teológica, o GRP (Psicólogos), GRF (Formadores), GRI (Inseridos), GRS (Saúde), SGCB (Superioras Gerais de Congregações Brasileiras), a ordenação do CETESP, do CERNE e do PROFOCO, o serviço de controle das 150 bolsas de estudo da área da Enfermagem e das 150 bolsas de Serviço Social. Às doze Secretarias somavam-se ainda as salas da Revista Convergência, da Assessoria Jurídica, da coordenação dos serviços internos, a bela capela dedicada a São Bento etc.

Mais significativo de quanto ocorria na sede era o itinerário que a Vida Religiosa Consagrada (VRC) percorria ao longo desses seis anos de existência, os horizontes que a sociedade, a Igreja e a CRB vislumbravam e discerniam.

O ambiente conjuntural era de efervescência!

Tudo isso aconteceu há mais de cinquenta anos e os próximos seis anos da CRB (1983 a 1989) continuariam sob a influência do principal e mais impactante evento retrospectivo, que incidiu significativamente sobre as estruturas da Igreja e da Vida Consagrada, o Concílio Ecumênico Vaticano II, que orientou todas essas instâncias a que se debruçassem sobre a própria história, seu carisma e como era vivido, sobre a relação com a Igreja e com a sociedade, numa palavra, pediu um completo *aggiornamento*.

Tendências e respostas

A partir deste preâmbulo vamos considerar alguns fatos ou tendências que polarizaram as atenções e que foram significativos para a VRC na conjuntura da época. Observando a história percebemos que certos temas, tanto os positivos quanto os desafiadores, ocorreram por injeção de tendências conjunturais. Nas décadas de 60 e 70, quando teve início a diminuição das vocações, prevaleceu a atenção à formação inicial. A seguir, com as opções de Medellín e Puebla emergiu com evidência a temática da ida aos pobres, da inserção

e do compromisso com as classes mais desvalidas. O apelo a uma Nova Evangelização, lançado pelo Papa João Paulo II e acolhido pela Conferência Episcopal da AL (CELAM), pela Confederação Latino-americana de Religiosos (CLAR) e pela CRB, deu força à missão como exigência central a ser implementada. Noutra frente, como veremos, era exigência do dicastério romano para os religiosos que o Estatuto da CRB fosse atualizado.

Frei Eusebio Hernandez Sola (OAR), hoje bispo emérito de Tarazona, Espanha, era o secretário que, no dicastério romano dos religiosos, supervisionava as Conferências nacionais mundo afora. Afirmava, com razão, que o Estatuto da CRB incorporava alguns elementos que necessitavam de reavaliação ou atualização. Referia-se a três pontos principais: a presidência ocupada por alguém que não exercia o cargo de superior maior no momento da eleição, sendo a conferência entidade de superiores maiores; a existência das Regionais, que iam além do atendimento aos superiores maiores; o programa, único no mundo, de formação para as contemplativas (PROFOCO). Cada uma dessas áreas foi exaustivamente analisada e dialogada com o Cardeal Jérôme Hamer, então prefeito da Congregação para a Vida

Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica, e com Eusebio que, finalmente, após demoradas discussões admitiram serem esses três elementos imprescindíveis ao dinamismo da vida religiosa em nosso país e que poderiam permanecer incorporadas ao novo Estatuto.

Ao lado desses aprimoramentos estruturais, a vida da CRB, na sede e nas Regionais continuava cada vez com mais e maior vitalidade: foram criadas novas Regionais, surgiram novos grupos de animação, tais como o GR dos Psicólogos, dos Inseridos, da Educação; foram potencializadas em número e qualidade as Secretarias, a Equipe de Reflexão Teológica (ERT), o corpo editorial da Revista Convergência e das publicações, a coordenação das atividades internas, o serviço de assessoria jurídica, que intermediou a aquisição do terceiro andar, a adequação do mesmo à expansão dos serviços e inclusive, a escolha do logotipo da CRB.

A vitalidade da sede repercutia favoravelmente nas Regionais e na VRC em geral. Cursos, palestras, simpósios, animação vocacional e as Assembleias periódicas ocorriam por toda parte. A maior tendência no período foi certamente a da inserção nos meios populares. O tema da opção preferencial pelos pobres foi assu-

mido por províncias e por congregações, através da saída para a periferia, pela localização de casas de formação junto aos pobres, por comunidades que assumiram a formação mergulhadas na realidade, inclusive por movimentos espontâneos de religiosos que preferiam estar desvinculados da tutela de autoridades.

Aqui não me furto à constatação que fiz logo no primeiro ano de mandato, quando me dei conta de que havia um expressivo número de comunidades inseridas no Nordeste que se preparavam para seu encontro anual. A coordenação era do próprio grupo, que preferia estar desvinculada da CRB ou de qualquer outra autoridade. Senti-me na obrigação de participar do evento por ter sido eleito para animação de toda a vida religiosa. Então pedi para ser inscrito. A resposta foi: pois sim, o investimento é de R\$50,00, que foi integralmente coberto por mim. O encontro deu-se em Lagoa Seca, PB. Um dos palestrantes foi Frei Clodovis Boff e lá se encontravam mais de 140 religiosas, muitas delas em trajes típicos populares e visivelmente queimadas pelo sol do sertão. Confesso: foi talvez, em seis anos, o encontro mais festivo, mais criativo, mais alegre; um verdadeiro Aleluia da ressurreição! Era a vida religiosa inserida testemunhando o Cristo

andarilho anunciando o Reino no meio do povo. Esse movimento de saída, que envolveu igualmente a formação a partir da realidade, parece que arrefeceu! Foi ou foram tentativas criativas de resposta a tudo o que vinha sendo preconizado pela Igreja através e após o Concílio Vaticano II.

Comunhão e participação

De fato, duas Conferências do Episcopado Latino-americano, a de Medellín, em 1968 e a de Puebla em 1979, fizeram uma leitura contextualizada da realidade para todo o povo de Deus do continente e influenciaram de modo singular a VRC, sempre sensível aos apelos da Igreja. Medellín aprofundou, entre outras, a questão da opção preferencial pelos pobres e pelos jovens, duas dimensões muito próximas a não poucos carismas fundacionais.

Onze anos depois de Medellín, a Conferência de Puebla, sob a influência da magnífica Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, do Papa Paulo VI, refletiu e fez opções voltadas à evangelização, enquanto reafirmava e mantinha as opções de Medellín. Puebla teve como preocupação básica, buscar respostas à questão: o que é evangelizar, hoje e amanhã na América Latina?

O tema da evangelização vinha sendo retomado pelo Papa João Paulo II em todas as suas viagens apostólicas ao Continente Sul-americano. Tratava-se, na época, de preparar e celebrar, com suficiente antecedência e pompa, o V Centenário de Evangelização da América Latina.

O primeiro apelo veio do próprio Papa que, na abertura da XIX Assembleia Geral da CELAM, em Porto Príncipe, Haiti, no mês de março de 1983, pediu um “renovado compromisso (...) não de re-evangelização, que sugeriu para a Europa, mas de uma Nova Evangelização, “Nova no entusiasmo, nos seus métodos, na sua expressão”.² Essa convocação foi um forte convite à VRC para um mergulho no passado, aquilatando o ardor, os métodos e as expressões da evangelização à luz dos carismas e das intuições dos/as Fundadores/as.

O passado não é o presente. É diferente, mas não está desvinculado do momento atual. Entre um e outro há continuidade. É o que se chama de tradição. A tradição nos leva a interpretar o passado, a nos apropriarmos dele, revivendo-o como nosso.

Ao celebrarmos um aniversário sempre ligamos o presente ao

passado. Vemos então, no passado, as raízes do presente, e percebemos, no presente, as raízes do futuro. Não basta continuar evangelizando como os missionários que nos antecederam? Por que então uma Nova Evangelização? Na verdade, muitas situações em nosso Continente, não foram ainda evangelizadas. Em outras palavras, a força do Evangelho não conseguiu penetrar a fundo, ficando apenas como verniz, ou chegando até mesmo de maneira deturpada. Por exemplo, a situação atual de injustiça e de pobreza extrema é, para a evangelização na América Latina, um “sinal acusador”, como diz Puebla, pois revela uma grande contradição. “Em povos de arraigada fé cristã impuseram-se estruturas geradoras de injustiça.” (DP 437)

O Papa João XXIII ao convocar o Concílio Vaticano II quis, inspirado pelo Espírito Santo, abrir novas janelas de evangelização para um mundo moderno repleto de situações e de questões desafiadoras, inexistentes no passado. O Concílio determinou para a VRC a “volta às fontes” do Evangelho e dos Fundadores/as, ou seja, a volta ao carisma, à inspiração original. Esse olhar retrospectivo evidenciou que havia lacunas em muitos aspectos, em que pesem os esforços de adaptação, de inovação e de fidelidade ao Evan-

² Cf. *L'Osservatore Romano*, 20 de março de 1983, p. 15.

gelho que ocorreram ao longo da própria história. Certamente, era pertinente debruçar-se sobre o passado, a fim de voltar a beber da fonte primigênia.

Sim, mas a instituição CRB Nacional como se posicionou frente a tão premente e exigente apelo da Igreja? É o que veremos *a vol d'oiseau*.

Tua Palavra é Vida

O tema da Nova Evangelização foi retomado pelo Papa João Paulo II quando, na Nunciatura Apostólica, em Bogotá, em 1986, recebeu em audiência a Diretoria da CLAR e os presidentes das Conferências Nacionais e lhes dirigiu uma Mensagem afirmando:

É imenso o potencial evangélico e eclesial que a vida religiosa desenvolveu na evangelização da América Latina. Quando já se iniciou a novena de preparação das celebrações do V Centenário da Evangelização, convém recordar a responsabilidade que incumbe aos religiosos nesta nova evangelização do continente (...). Nesta nova evangelização para a qual a América Latina está convocada, escrevei novas páginas de santidade e de entrega ao vosso ideal evangélico. (...) Vós que sois peritos em vida evangélica, escrevei com vossa vida o Evangelho de Jesus nesta terra e nesta época...³

³ Cf *L'Osservatore Romano*, 13 de julho de 1986, p. 4.

O apelo do Papa caiu em terra fértil. Depois de longa reflexão e de múltiplas consultas a Junta Diretiva da CLAR, reunida em Buenos Aires, em 1986, optou por coordenar e animar a VRC do continente a partir da Bíblia, desenvolvendo um arrojado projeto de leitura e meditação dos textos sagrados em função da renovação, com olhar fixo no modelo de evangelizador que é Jesus. Nasceu então o projeto *Palavra-Vida*.

Para a elaboração do projeto a CLAR reuniu uma equipe com os mais renomados biblistas, exegetas e teólogos do continente, que trabalharam intensamente durante dois anos e finalmente entregaram a obra intitulada “Projeto Palavra-Vida 1988-1993”, que foi amplamente divulgada em todas as Conferências Nacionais. No Brasil a CRB Nacional publicou, em 1988, uma síntese do projeto da CLAR, indicando os cinco pilares ou cinco passos (A Palavra Convoca, Liberta, Anuncia e Denuncia, a Palavra é Jesus Cristo e, A Palavra Interpela, Recria a Igreja). No mesmo opúsculo detalhou a metodologia das doze reuniões comunitárias do primeiro ano sob o título de A Palavra Convoca.

Na apresentação deixava claro o objetivo “É desejo da CLAR que, durante estes cinco anos do Projeto

Palavra-Vida, cada religioso e religiosa leia toda a Bíblia e aprenda como Servo, a fazer-se novamente aluno da Palavra de Deus que chega até nós através do grito dos pobres.” (CRB, 1988, p. 30).

Acolhido com entusiasmo pelos religiosos/as do continente, o Projeto não teve semelhante guarida por parte da CELAM, que o inviabilizou, endereçando carta a todos os bispos do continente e proibindo que fosse posto em prática. As reações foram díspares e de perplexidade para muitos, sobretudo para a CLAR, que, sob pressão, terminou abandonando o sonho.

No Brasil, a presidência da CNBB estava a cargo do santo e sábio dom Luciano Mendes de Almeida, sj, e à testa da Comissão de Doutrina o igualmente sábio e santo cardeal Aloísio Lorscheider, ofm, que avocaram para si a questão, enviando nova carta a todos os bispos do Brasil, afirmando que o tema seria apresentado e dialogado na próxima Assembleia Geral da entidade. Antecipando a Assembleia foi criada uma comissão de bispos, presidida por Dom Aloisio Lorscheider, que se reuniu com os membros da CRB que haviam participado da elaboração do Palavra-Vida. Juntos constatarem a riqueza do Projeto, detectaram aspetos que poderiam criar óbices e solicitaram algumas mudanças. A partir dessas medidas,

assumidas pelas partes, a equipe da CRB Nacional reescreveu o Palavra-Vida, que passou a se chamar *Tua Palavra é Vida*. Foram elaborados sete volumes, amplamente difundidos e entregues aos religiosos no Brasil e traduzidos em outros diversos idiomas.

Quem presidiu a comissão da CLAR e depois da CRB na reelaboração do projeto, foi o padre João Edênio Valle, SVD, de feliz memória, que deixou, na Revista *Convergência*, um longo testemunho de sua dolorosa experiência. (VALLE: 2088, p. 709-727). Foi no seu mandato (1989-1993) que o “*Tua Palavra é Vida*” foi estudado e vivenciado por toda a VRC do Brasil de 1990 a 1995. *È do-veroso*, como dizem os italianos, consignar aqui um agradecimento especial à CNBB. Como pastores, os membros da Presidência, a Comissão Episcopal de Pastoral e a Comissão Episcopal de Doutrina souberam ajudar a discernir e apoiar demonstrando que o grande objetivo comum de toda a Igreja é a evangelização do povo brasileiro e que essa meta passa também pela vitalidade da VRC:

A corrente de vida nova desencadeada pelo Concílio Vaticano II, traduzido para a América Latina pelas Conferências de Medellín e Puebla, procurou se encarnar em novas formas de presença da Igreja na sociedade latino-americana, tais como as

CEBs, o CIMI, a CPT, e muitas outras. Todas elas foram moldando a nova face da Igreja no meio de nossos povos. (CRB, 1989).

A VRC não pode fugir ao que vive a Igreja porque é nela que age e respira. O episódio relativo ao projeto de leitura da Palavra, a partir da Bíblia, demonstra que o conflito também está, não raras vezes presente. Na época falou-se muito de magistério paralelo, denotando receio quando a Vida Religiosa assume sua fundamental característica, a de ser profética no mundo em que se situa, e de buscar seu jeito próprio de viver os apelos de Deus. Não é possível entender a VRC no Brasil, sem uma leitura contextualizada do que acontece na Igreja e na sociedade. E a CRB se espelha na VRC, reflete seus avanços e preocupações acendendo luzes que alimentem os passos a serem dados. Exerce assim seu objetivo de animar e promover a VRC à luz de prioridades, que são discernidas e apresentadas, sobretudo nas Assembleias Gerais.

Moto Perpétuo

A seleção e animação das prioridades passa pelos vários Grupos de Assessoria, que tornam a CRB uma caixa de ressonância para as grandes interrogações, carências, urgências e conquistas da VRC,

no Brasil. No final do sexênio 83-89, além das prioridades específicas endereçadas a cada Regional, outras questões foram estudadas, a partir do dinamismo de cada assessoria, de inúmeros artigos da revista *Convergência* e de valiosos títulos editados pela CRB.

Apesar de tanta riqueza e de tanta oferta às congregações e aos religiosos individualmente, deve-se dizer que a CRB não atingiu ainda todos os setores do universo religioso. Há quem tenha sido reticente, outros ausentes, silenciosos e mesmo distantes. O que importa, no entanto, é entender e assumir que a VRC é impulsionada pelo Espírito Santo. É Ele quem vai nos ensinando a conviver com os conflitos, desafios, e a louvar pelo chamado que nos é gratuitamente oferecido.

Ao final da rápida e despretenhiosa análise desse curto período da vida da CRB Nacional pode-se dizer que a VRC viveu uma difícil, mas rica situação histórica de itinerância. Hoje e sempre a VRC deve reaprender a situar-se com realismo evangélico diante da própria realidade histórica e face à realidade eclesial e social. Concluindo, vale ter sempre presente o caminho da transformação assinalado por Maria, nossa Boa Mãe, que nos aconselha no Evangelho: “Fazei tudo o que Ele vos disser” (Jo 2,5).

Referências

41

CELAM. **Puebla**. A Evangelização no Presente e no futuro da América Latina, Petrópolis, Vozes, 1982.

CRB. **Projeto Palavra-Vida**. Rio de Janeiro, CRB, 1988.

CRB. **XV AGO da CRB** – Perfil, A vida Religiosa no Brasil, São Paulo, CRB, 1989.

L'Osservatore Romano. Roma, 13 de julho de 1986.

L'Osservatore Romano. Roma, 20 de março de 1983.

VALLE, João Edênio Reis. O Projeto "Palavra-Vida" da CLAR, vinte anos depois. **Convergência**, Rio de Janeiro, v. 43, p. 709-727, 2008.



ENCONTRO PARA ACOMPANHANTES ESPIRITUAIS

**Tema: Acompanhamento Espiritual
e abuso sexual**

15 a 17/11/2024

**Presencial em Brasília,
Centro pastoral dos Estigmatinos.**

**Ass: Ir. Annete Havenne, ISM
Dra. Eliane De Carli, Núcleo Lux Mundi**

As inscrições serão abertas a partir do mês de Setembro

PE. EDÊNIO VALLE: MEMÓRIA, MÍSTICA, PROFECIA E ESPERANÇA.

No dia 19 de outubro de 2023, nove dias antes de seu falecimento, Pe. Edênio Vale, SVD, quem foi Presidente da CRB Nacional de 1989 a 1992, concedeu entrevista a Ir. Neusa Santos, Assessora Executiva para o Setor de Comunicação da CRB Nacional.

O objetivo da entrevista era recolher material para o documentário comemorativo aos 70 Anos da CRB Nacional. A conversa girou ao redor das quatro dinâmicas que orientam a celebração: Memória, Mística, Profecia e Esperança.

Transcrevemos a entrevista deste último legado de Pe. Edênio à VRC do Brasil.

Ir. Neusa Santos: Quais são as lembranças dessa época durante o triênio?

Padre Edênio Valle: Em primeiro lugar, quero expressar minha gratidão à Vida Religiosa no Brasil, especialmente àqueles que atualmente lideram, orientam e dão direção à caminhada dos religiosos e religiosas do Brasil que adentram uma fase definitivamente pós-moderna. É uma alegria estar com todos vocês, e

agradeço sinceramente. Gostaria de começar destacando três pontos importantes. Durante meus estudos de Teologia na Alemanha, aprendi que alguns teólogos da Idade Média afirmavam que toda boa teologia, todo olhar teológico perspicaz sobre a realidade, uma época ou um problema, exige que o teólogo tenha dois olhos, um voltado para frente e outro para trás (*unum in ante, alterum in retro*). Ao celebrarmos o septuagésimo

aniversário da CRB, agradeço pela sensibilidade dos organizadores deste encontro festivo, e instigo todos a adotar esse olhar retrospectivo e prospectivo.

Agora, compartilho duas reflexões. A primeira é de Dom Helder Câmara, que afirmou: "É preciso mudar muito para ser sempre o mesmo". O sínodo que o Papa Francisco, neste momento está coordenando, aceita essa abordagem de Dom Helder para compreender a vida da Igreja e a vida dos Consagrados. Cito também Jeremias, capítulo 31-17: "Há esperança para o seu futuro; há setas indicando o teu caminho".

Fui convidado a falar sobre os dois triênios nos quais presidi, e há outros dois, em que fui vice-presidente, além de ser membro da equipe de teologia. Durante esse período, aprendi a ouvir e testemunhei muitos acontecimentos. Transmito isso como um sinal de esperança para os próximos anos e décadas. Muito obrigado!

Vou abordar esta pergunta com base nas vivências, aprendizados e ensinamentos que acumulei ao longo da minha vida, agora que estou prestes a completar 90 anos. O cerne da Vida Re-

ligiosa está em ser evangelizador nas perspectivas dos pobres com novo ardor, novos métodos e nova expressão, e isso remonta às palavras de João Paulo II. Contudo, ao considerarmos as diversidades dos carismas congregacionais, é fundamental destacar nossa contribuição.

Minha experiência na congregação começa com o que observei na CRB, após percorrer o Brasil durante oito anos, em dois mandatos como presidente e outros dois como vice. A fala impactante do Papa é relevante, mas a realidade se mostrou mais desafiadora. Após os eventos de Medellín e Puebla, identifico três fases na trajetória da CRB. A primeira fase é a que foi dirigida pelo Padre Marcello Azevedo. Esta emerge para organizar aspectos dispersos no projeto da CRB. Nesse período, a aplicação do Conselho Econômico do Vaticano II, a realidade da América Latina e da Vida Religiosa são priorizadas. A equipe de teologia, composta por renomados membros, esforça-se para posicionar a América Latina, a vida da Igreja Latino-Americana e a evangelização dos pobres como elementos centrais,

dialogando intensamente sobre as implicações de Medellín.

A segunda fase de trabalho concentra-se nas pessoas, pois surgem dúvidas sobre a continuidade na Vida Religiosa. Durante esse período, inicia-se minha colaboração com a CRB. Neste momento, o desafio torna-se pessoal, e é a partir daí que surge a equipe de psicologia. Inicialmente, tínhamos a equipe de teologia, mas, diante da natureza individual do problema da VRC do Brasil, a equipe de psicologia passa a desempenhar um papel crucial. Ao revisitar revistas e pesquisas dos últimos 30 anos, notamos a presença do tema psicológico, refletido em alguns livros e pesquisas iniciais.

Após essa fase, emerge uma terceira etapa, que denominaria como impregnada de profetismo. Surge uma nova visão do carisma congregacional, focada na imersão na realidade latino-americana. Nesse contexto, a opção pelos pobres torna-se um gesto profético, envolvendo milhares de religiosos que, de forma consciente, se unem aos pobres e marginalizados de nossa sociedade. Essa luz que se compartilha com os

menos favorecidos marca o início de reflexões bíblicas, apesar das dificuldades, proibições e advertências enfrentadas por considerarem nossa abordagem arriscada para o carisma institucional.

A segunda fase direciona a atenção para questões individuais, especialmente sobre a continuidade na Vida Religiosa. Nesse período, meu trabalho com a CRB ganha destaque, envolvendo discussões sobre problemáticas sociopolíticas e econômicas, evidenciadas nas revistas e encontros regionais.

A mudança para uma abordagem mais inserida na realidade do povo, abandonando estruturas tradicionais, ocorre com o esvaziamento de conventos e seminários. Essa fase é desafiadora. Assumi o encargo da formação dos filósofos e teólogos, na minha congregação, que resulta em uma transição para um seminário inserido na realidade popular, composto por pequenas comunidades. Enfrentamos resistências internas, mas a decisão capitular prevaleceu.

Gostaria de destacar três nomes nesse percurso histórico: o fundador da CRB, Abade Benedetti, de São Paulo; o Padre Mar-

celo Azevedo, que solucionou um problema financeiro grave, e o terceiro período, caracterizado por criatividade e opção pelos pobres. Durante meu período, o grupo de psicologia publica livros críticos à instituição, apontando para a necessidade de passos mais ousados e uma Igreja em saída.

A leitura orante da Bíblia tornou-se um problema sério, documentado na revista *Convergência*, onde Frei Carlos e eu elaboramos um texto explicativo sobre os bastidores dessa questão. Hoje, com o entendimento mais amplo dos pontificados de Paulo VI, percebemos uma abertura gradual à compreensão da opção pelos pobres, inserção nos meios populares e crítica à instituição.

Compreendo que a Vida Religiosa progrediu, mas, ao olharmos para trás, devemos reconhecer erros e acertos. Atualmente, estamos em um caminho sinodal, buscando uma Igreja mais unida, independente de congregações antigas ou novas. Este é um resumo geral, e destaco a importância de visitar livros, como o da CRB aos 50 anos, que reúne contribuições valiosas de pensadores e teólogos sobre a evolução da Vida Religiosa.

Ir. Neusa Santos: Qual a mística que perpassou os dois mandatos do senhor?

Pe. Edênio Valle: Uma breve reflexão que surge nesse momento diz respeito à mística dessa Vida Religiosa ao longo dos 70 anos da CRB, que testemunhou diversas transformações. Não apenas o impacto do Concílio Vaticano II, que resultou no esvaziamento da Vida Religiosa feminina e no surgimento de novas formas, mas também a busca por uma mística alinhada aos movimentos pentecostais católicos e carismáticos.

Nessa fase, destaco a contribuição de Dom Luciano Mendes de Almeida, um pensador teólogo e fundamentado na tradição jesuíta. Como secretário da CNBB, sua visão consolidou-se, promovendo uma mística que começa pela leitura sistemática e orante da Bíblia. Publicamos seis livros em seis anos, seguidos por um sétimo, que resume desde a história de Adão e Eva até a dimensão escatológica da Igreja e da Vida Religiosa.

Essa mística é singular, por ser construída a partir das realidades dos mais pobres, uma tentativa de inserção, aprendizado,

convivência e trabalho com eles. Durante essa fase, descobrimos que o aporte europeu, após a Proclamação da República, voltou-se mais para a classe média do que para os ex-escravizados recentemente libertados pela Princesa Isabel.

A espiritualidade, até então, ocupava um papel fundamental, e surge o termo "mistagogia", envolvendo a entrada no mistério da própria vida, realidade e cosmos da história. A espiritualidade é crucial, e, no nosso caso, a abordagem bíblica, apesar de ter sido proibida pelo Vaticano, foi central. A CLAR (Confederação Latino-Americana de Religiosos), que iniciou o projeto bíblico, foi proibida, mas não afetou a CRB, que, com o apoio da CNBB, continuou seu trabalho. Aproximadamente 30% dos religiosos assumiram a sério a leitura orante da Bíblia, enquanto outros adotaram uma abordagem mais festiva e genérica.

A espiritualidade, especialmente no contexto atual, destaca-se como vital, exigindo uma profunda conexão com o presente, à luz do passado, para construir um futuro significativo. É central na Vida Religiosa, uma jornada es-

piritual que envolve um encontro com o mistério da salvação, personificado em Cristo Ressuscitado.

Ir. Neusa Santos: Padre Edênio Valle, quais os sinais proféticos que surgiram na Vida Religiosa a partir do Concílio Vaticano II?

Padre Edênio Valle: Este ponto é crucial, pois, antes desse período, a Vida Religiosa encontrava-se distante do mundo, em certa medida acomodada e, em certos aspectos, inerte, incapaz de encarar as tentações da vida real e sem sinal de esperança para este mundo pecador, como a própria Igreja reconhece, sendo composta por santos e pecadores. Aceitar essa realidade e buscar uma conversão, com caráter profético, foi o objetivo de uma assembleia que conduzi quando era vice-presidente da CRB. Nessa ocasião, discutimos e elaboramos um livro sobre o carisma profético da Vida Religiosa, fundamentado na Bíblia e em uma concepção moderna de profetismo.

A espiritualidade, ao lado da persistente ambição e do pecado inerentes à natureza humana, desempenhou um papel integral

nesse processo. Um exemplo dessa abordagem é a definição do perfil de nossa congregação, após 20 anos de reflexão sobre o carisma missionário do Verbo Divino. Estabelecemos um quádruplo diálogo profético com o mundo, buscando testemunhar o Evangelho.

Nesse contexto, destaco minha experiência de 42 anos trabalhando diretamente com a CRB. No primeiro sinal profético, buscamos testemunhar o Evangelho, dialogando a partir dos valores de Jesus com aqueles que estão distantes da fé. Minha atuação na universidade, na capelania e na paróquia universitária revelou o desafio de lidar com uma maioria de alunos declaradamente sem religião, um campo profético que exige anúncio do Evangelho em meio à fragilidade da Igreja.

O Papa Francisco, com suas iniciativas voltadas para a juventude e a família, ressalta a importância de trabalhar em lugares que afetam emocional, psicológica e comportamentalmente os indivíduos. O diálogo com jovens cujas mentes e corações são impactados pela cultura de massa e pelas éticas (ou falta de ética) das novelas televisivas representa

um desafio profético que não pode ser ignorado.

Outro campo de atuação profética envolve aqueles que não conhecem o Evangelho, destacando-se a crescente parcela da população brasileira sem religião. O diálogo com essas pessoas, bem como com igrejas que possuem práticas não totalmente alinhadas com o Evangelho, assume uma relevância crucial. O ecumenismo latino-americano, englobando religiões de raiz africana, indígenas e da América Central, é uma peça-chave nesse processo de aprendizado para a Igreja.

O terceiro grupo diz respeito a problemas sociais e culturais, exigindo diálogo e inculturação com diferentes culturas. Minha congregação promove um diálogo profético que se estende por 87 países, considerando a globalização da cultura e economia. Esse aspecto profético visa a busca pela verdade junto com o outro, seguindo o exemplo de Jesus, que morreu por causa da verdade na cruz.

Em síntese, a profecia na Vida Religiosa é, fundamentalmente, vivida através do diálogo, testemunho do Evangelho e enfren-

tamento das realidades contemporâneas, permitindo que Deus fale e aja por meio de nós. Essa abordagem, centrada no carisma do consagrado, não apenas imita o caminho de Jesus, mas caminha com Ele, seguindo Sua palavra. Isso é a essência da profecia e é fundamental.

Ir. Neusa Santos: Quais desafios e esperanças marcaram seu mandato na CRB?

Padre Edênio Valle: Olha, sobre a terceira pergunta, acerca dos desafios e esperanças, tenho um artigo disponível no 54º aniversário da fundação da CRB, dividido em 12 partes. Esse material originou-se de um livrinho escrito pela comissão de teologia, abordando oito questões fundamentais para a época. Durante o primeiro mandato de uma mulher na presidência da CRB, decidimos tomar essas questões como objetivos.

Resumir rapidamente é desafiador, devido à quantidade de artigos de experiência. No entanto, percebo que a Vida Religiosa, hoje, é diferente. Com 67 anos de Vida Religiosa, testemunhei vá-

rios períodos e desafios. Vi congregações se dividindo ao meio. As propostas do Papa Francisco, embora machuquem em partes, não guardo mágoas. Pelo contrário, agradeço pela graça de Deus, pois sem esperança não há cristianismo. No Vaticano II, um bispo auxiliar da Holanda disse que a índole da Igreja é escatológica, olhando para frente. É preciso ter um olho para frente e dois para trás, marcando a esperança como caminho essencial do Reino de Deus.

Ir. Neusa Santos: O que foi a CRB para o senhor?

Padre Edênio Valle: Sobre a CRB Nacional, sendo franco, penso que, se tivesse perdido o contato com a Igreja, teria sido uma perda significativa. Mantive diálogo com a CNBB e a CRB desde o primeiro dia. Retornei ao Brasil após oito anos no exterior, para celebrar minha primeira missa com a visão europeia do Vaticano II. Na CRB, aprendi a viver a tensão escatológica no coração da Igreja. Vivo os problemas sem medo, caminhando na força da luz da palavra de Deus e no seguimento de Jesus.

Aos 77 anos, olho para minha vida e vejo que vivi com propósito, seja nas igrejas, nas universidades católicas, nos institutos de teologia ou no centro de terapia em São Paulo, onde participo há quase 25 anos. Agradeço à CRB e à minha congregação, não esperando apenas coisas tranquilas, mas reconhecendo que o Reino de Deus exige a coragem da fé. Essa é a minha resposta.

Acredito que a Vida Consagrada no Brasil está de parabéns hoje, pois aprendeu muito após Medellín, o Conselho Ecumênico e o Concílio Vaticano II. Essa aprendizagem foi árdua, desafiadora, mas hoje, como Vida Religiosa Consagrada, temos uma compreensão mais cristã do seguimento de Jesus. Considero que essa aprendizagem, durante o tempo em que trabalhei na CRB, foi realizada e teve continuidade nos mandatos subsequentes. Aqui entra um grupo significativo que me apoiou, encontrando boa

vontade e uma busca pela verdade. Aprendemos a viver nas vicissitudes, nos 40 anos de deserto, e é por isso que agradecemos e estamos contentes. Em um artigo, detalhei minha argumentação ao comemorarmos os 50 anos da CRB, mencionando que, hoje, a Vida Religiosa começa a ter um rosto feminino. Mulheres profetas emergiram, assumindo novas pautas na continuidade da jornada que meu grupo anterior iniciou. A terceira razão é que agora estamos mais conscientes de que não podemos servir e ter como parâmetro a vida moderna, a crise da modernidade e a pós-modernidade, que são amplamente estudadas e presentes em nossas revistas, como *Convergência* e *Rap*, entre outras. Portanto, acredito que ela é diferente daquela na qual entrei há 64 anos, quando me tornei noviço, aos 17 anos. Essa é a minha resposta, pois começamos a enxergar, a partir dos pobres, o que é o Reino de Deus.

VAMOS A BETÂNIA? SIM! CUIDAR DA VIDA. CASA DE PASSAGEM PARA MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA.

Ir. Raquel Pena Pinto¹
Leonete Cassol²
Cristiana Rodrigues Marques³

A casa inteira encheu-se da fragrância do perfume.

Jo 12, 3

“Betânias”: gritos da realidade

Ao fazer a escuta da vida marcada por violências, num dos tantos territórios periféricos de Porto Alegre, RS, incomodava-nos, no passado, especialmente a situação das mulheres e crianças desprovidas de direitos básicos. Foi quando, então, surgiu o Centro

Social Antônio Gianelli para fazer frente a essa realidade. Ali, no bairro Belém Velho-Sertão II, a vida se fazia urgência e era feita de gemidos de mulheres e crianças que, em sua extrema vulnerabilidade, clamavam por sobrevivência e mais vida. Naquele tempo, a mulher se apresentava como caminho, como desafio e profecia implicada fortemente no Carisma

¹ Irmã das Filhas de Maria Santíssima do Horto. Mestra em Teologia. Diretora do Centro Social Antônio Gianelli. Endereço para contato: irpp0109@gmail.com

² Leiga Voluntária e Assessora Pedagógica do Centro Social Antonio Gianelli. Pedagoga, Especialista em Educação Inclusiva e Neuropsicopedagogia. Mestra em Educação. Endereço para contato: leonetecassol@gmail.com

³ Coordenadora da Casa de Passagem Betânia. Bacharel em Educação Física, Especialista em Psicopedagogia, Gestão escolar e Coordenação Pedagógica. Endereço para contato: ctianamarques@gmail.com

Gianellino de “ir aonde ninguém vai”, por isso, nasceu o Projeto Sertão II, com o desafio de ser espaço de educação para a paz e não violência.

Hoje, após 20 anos de missão neste local, os gemidos não são mais apenas gemidos que possam ser amenizados a partir do trabalho que realizamos; já são gritos, que repercutem insistentemente e se espalham por toda cidade, pois se trata mais do que simplesmente debater e ser consciente das violações sofridas pelas mulheres, trata-se de um desafio maior: o de pensar concretamente como evitar as tantas situações de violência doméstica vivenciadas pelas mulheres e crianças, sendo que, em diversas circunstâncias, se traduzem em feminicídio.

Como Irmãs Gianellinas, convidadas a um amor maior, não era mais possível a inércia diante disso! Dar respostas a esta urgência era imprescindível. Mais do que ter apenas um ato de coragem, estar atentas às condições de riscos sofridos pelas mulheres, na nossa cidade, era e é uma necessidade diante da qual não podemos nos calar, porque somos convocadas a um “Amor Vigilante”, atento, pronto para ajudar. Era preciso também dar voz ao apelo do Papa Francisco à Vida Religiosa Consagrada: “Não tenham medo

dos limites! Não tenham medo das fronteiras! Não tenham medo das periferias! Porque aí o Espírito vai lhes falar. Ponham-se ao alcance do Espírito Santo.” (apud BASTANTE, 2021).

Ao colocarmo-nos ao alcance do Espírito Santo, ouvimos o clamor da realidade, convocando-nos a recordar que “as mulheres sofrem de falta do amor efetivo por elas mesmas; de falta de autonomia, de autoestima, de desenvolvimento de seu próprio pensamento, de falta de coragem para dizer não às diferentes formas de sujeição doméstica, social, política e religiosa” (GEBARA, 2000, p. 198). Foi lançando um olhar sobre a cultura patriarcal, fortemente presente em nossa sociedade, que nos desafiamos a colaborar concretamente. Junto a essa questão, deparamo-nos com o relatório: “A violência Doméstica contra as Mulheres e Crianças”, desenvolvido pelo Instituto Innocenti, informando-nos que a porcentagem de mulheres no mundo, que sofreram algum tipo de mau trato familiar, oscila entre 20% e 50%. De acordo com este relatório, em todo o mundo foi constatado que a violência doméstica contra as mulheres acontece tanto em países desenvolvidos como naqueles em vias de desenvolvimento. Foi afirmado que “a violência doméstica

causa mais mortes e deficiências nas mulheres com idades entre 15 a 44 anos do que o câncer, a malária, a guerra e os acidentes de trânsito” (BERRO; GONÇALVES; NICODEMOS, 2018).

No Brasil a situação é catastrófica: “Numa comparação entre 83 países, o Brasil possui taxa média de 4,8 assassinatos a cada 100 mil mulheres, ocupando assim o 5º lugar no ranking mundial de feminicídios” (BERRO; GONÇALVES; NICODEMOS, 2018). Mesmo com dados que apontam para uma diminuição do feminicídio em 2023, ainda são quatro mortes todos os dias.

Frente a tal realidade, a Divina Ruah chamou-nos a Betânia, a ser Betânia, a assumir Betânia junto às mulheres vítimas de violência doméstica e de gênero.

Cientes da importância do papel e da atuação do Estado, para tornar efetivos os mecanismos legais em busca da igualdade de gênero, e de políticas públicas direcionadas às mulheres e meninas nos setores de segurança, saúde e educação, é que assumimos, junto ao Poder Público de Porto Alegre, a Causa da Mulher em situação de Violência Doméstica e de Gênero junto com seus dependentes menores de 18 anos, que estejam sob os seus cuidados.

Assim, abrimos a Casa de Passagem Betânia, no dia 28 de novembro de 2022, que já vinha sendo uma urgência na cidade de Porto Alegre, pois os índices de violência eram graves e também ocorria que as mulheres, depois de muitas horas de espera na Delegacia da Mulher, quando faziam suas denúncias, não tinham para onde ir, o que as colocavam em risco eminente de vida, obrigando-as a voltar para casa, ou para regiões acessíveis ao agressor, resultando em novas violações ou na última das agressões: o feminicídio.

Hoje, imediatamente após o registro da ocorrência, 24 horas por dia independente da hora, podemos oferecer refúgio e acompanhamento entre 15 a 30 dias àquelas mulheres que buscam ajuda. Estamos prontas, com as portas abertas, como “Casa das Pobres” para acolher em primeiro lugar e sempre de novo, oferecendo nossa pobreza, nossa fragilidade, sobretudo, nossa humanidade. Deste modo, a Casa Betânia torna-se efetivamente lugar de hospitalidade, cuidado e escuta do grito cruel da realidade de violência contra a mulher. Um lugar onde a mulher cansada, ferida, amedrontada, encontra descanso, calor humano, compreensão e um pouco de alívio.

Betânia, lugar do encontro

Uma Comunidade de Iguais. Um espaço para sarar feridas. Um lugar para enfrentar batalhas. A Casa de Passagem para mulheres em situação de violência foi buscar inspiração na Betânia do tempo de Jesus, que tem origem hebraica e quer dizer “Casa dos Pobres”. Foi originalmente uma aldeia da antiga Judéia, fica a cerca de três quilômetros da Cidade Velha de Jerusalém. Nesta Casa, Jesus, perseguido pelos poderes civil e religioso, vai ao encontro das suas amigas Marta e Maria e de seu amigo Lázaro. É lá que “Jesus chora a situação de exclusão de mulheres e pobres. Jesus chora a morte na casa da Árvore da Vida, da árvore do Projeto de Deus, de um mundo de iguais, a morte na casa de Marta” (SOAVE, 2002, p. 60). O Projeto de Deus apresenta-se a nós como espaço de abertura a novos campos pastorais, vem como um lugar de encontro para viver uma espiritualidade encarnada na vida mesma das pessoas, especialmente como fecundidade que rompe padrões e não aceita o feminicídio como último ato derradeiro da violência contra a mulher. Por isso, lança-se a Betânia para cuidar das dores da vida.

Despir-se de preconceitos como as duas irmãs, Marta e Maria, e o irmão Lázaro, a quem Jesus visi-

ta, pois, mesmo sabendo que Ele estava sendo perseguido, acolheram-no com amor de amigo, ofereceram aconchego, jantar, alívio para suas dores, escuta e partilha de preocupações. Era perigoso, no tempo de Jesus, e continua sendo perigoso também hoje, acolher em sua própria casa uma pessoa perseguida e oferecer-lhe um jantar, mas o amor capaz de hospedar é aquela força que nos faz lançar fora todo medo, fazendo-nos enfrentar as tempestades do caminho, porque “no amor não há medo” (1Jo 4,18).

Jesus propõe, em sua passagem pela Betânia, um modelo de discipulado a partir de uma mulher, de uma visita realizada como lugar para confirmar a dignidade e a autoridade das mulheres e dos pobres, como lugar para devolver sempre de novo a vida onde ela se encontra ameaçada pelas exclusões. Somos sabedoras que será preciso voltar muitas vezes a Betânia, como lugar profético, onde Jesus busca descanso e luz para construir um modelo de Igreja, colocando no centro a força da mulher. Recordamos o Papa Francisco quando nos desafia a pensar que a “Igreja é Mulher” e que, portanto, é preciso “desmasculinizá-la”. Nas atitudes e nos lábios de Jesus as mulheres nunca ouviram palavras depreciativas e nenhuma exortação para

viverem submissas, ao contrário, Ele sempre redefiniu e derrubou estereótipos vigentes na sociedade daquela época. (PAPA FRANCISCO..., 2023).

Com essa perspectiva bíblica e com a digital da mística de Antônio Gianelli, quando, desde 1829, chamava a atenção sobre o fato de que *descuidar da educação da mulher não só é uma injustiça, mas também um erro político, uma enorme imprudência, uma verdadeira estupidez*, é que fomos a Betânia e lá permanecemos, aprendendo todos os dias. Foi pensando à frente do seu tempo que Gianelli reuniu um grupo de jovens mulheres, as quais acolheram sua proposta, a partir do Carisma da “Caridade Evangélica Vigilante”, movidas pelo desejo de fazer o bem a partir das necessidades e urgências do seu tempo. Desde esse movimento, respondemos: *Sim! Vamos a Betânia cuidar da vida, pois lá a casa inteira se encherá de perfume*.

Junto a Jesus e a Gianelli, somos desafiadas a fazer da Casa Betânia espaço da mesa, do comer junto e da vida compartilhada, lugar da unção e do cuidado, ambiente que exalará o bom odor da amizade, da convivência, da solidariedade, do sonho e sempre da afirmação da igualdade de direitos como esperança que se faz sementes.

Betânia é passagem: o cotidiano

Somos uma Casa de Passagem, que vem se constituindo como experiência e se fazendo identidade com todas as pessoas e instituições envolvidas na Rede de proteção à mulher na cidade de Porto Alegre. Cabe ressaltar que estamos envolvidas numa política pública para as mulheres em situação de violência junto aos órgãos públicos ligada diretamente a Secretaria de Desenvolvimento Social.

A Casa Betânia funciona ininterruptamente e as mulheres podem chegar a qualquer momento do dia e em qualquer dia da semana. É um local especializado no acolhimento de mulheres em situação de violência doméstica e de gênero, buscando proteção, a partir da *Lei Maria da Penha, Art. 5*, que configura violência doméstica e familiar contra a mulher, qualquer ação ou omissão que, baseadas no gênero, lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual, ou psicológico e dano moral e patrimonial.

As mulheres, que chegam para abrigagem, representam uma pequena parcela das pessoas que sofrem violência doméstica. O momento da chegada na Casa de Passagem configura um ponto

crucial na jornada das mulheres em direção à busca por segurança, quebra do ciclo de violência e reconstrução dos seus caminhos. Quando ingressam na casa de passagem, sem saber muito sobre o local e sem conhecer as pessoas que lá se encontram, as mulheres demonstram um misto de emoções que vão desde o medo, insegurança, desconfiança até a revolta por ter que deixar sua vida para trás e, de alguma forma, serem elas a perderem a liberdade e não seus violadores. Esses fatos se evidenciam através de falas como: “Eu aqui e aquele safado ninguém pega!”; “Tenho medo do escuro”; “Não sei onde eu estou, mas aqui é longe, né?”; “Não tem como ele saber onde eu estou?”; “E se eu quiser sair, posso?”; “Posso dormir de luz acesa? Não consigo mais dormir no escuro”.

Geralmente estão muito abaladas, feridas física e emocionalmente. Cada mulher vem de uma realidade diferente, algumas chegam com todos os pertences que conseguiram pegar no momento da fuga do agressor, outras chegam com a roupa do corpo, há as que chegam com os filhos, outras deixam os filhos para trás na esperança de poder buscá-los mais tarde. A diversidade das mulheres acolhidas se refere a gênero e idade, pois ingressam mulheres de 18 a 80 anos, território e

classe social, escolaridade, cultura, crença religiosa, condição de saúde, sobretudo com questões de saúde mental.

No decorrer do acolhimento, fomos aprendendo a identificar fases pelas quais as acolhidas passam, tais como: o reconhecimento do local, a elaboração dos fatos que geraram o acolhimento, a aproximação das demais mulheres, a partilha de experiências e a tomada de decisão. Neste percurso, como profissionais, vamos conhecendo-as, e as mulheres vão conhecendo a equipe da casa e entendendo os princípios de convivência. Aos poucos, conseguem falar sobre o fato que gerou o acolhimento com mais crítica, identificando o tipo de violência sofrida e compartilham com as demais atendidas. Começam a pensar sobre o que gostariam de fazer depois do acolhimento, algumas decidem voltar para casa, outras voltar para a rua, buscar uma rede de apoio, dar nova chance ao relacionamento ou solicitar outro acolhimento.

Como procedimento padrão da Casa de Passagem Betânia, após a equipe ambientar as mulheres e deixá-las confortáveis, realiza-se o momento de escuta terapêutica de forma particularizada através de uma entrevista inicial e da acolhida pela enfermagem. A partir das informações obti-

das nos atendimentos técnicos, a Assistente Social, a Psicóloga, o Enfermeiro e a Técnica de Enfermagem iniciam as orientações do plano individual de acolhida, oferecendo além do suporte emocional, alternativas para organizar as suas demandas pessoais, como: consultas médicas, busca de medicamentos, informações sobre benefícios, busca de pertences, acolhida da patrulha Maria da Penha, moradia e outras.

Durante o acolhimento, as mulheres participam de atividades socioeducativas propostas pelas educadoras sociais, que trabalham 24 horas por dia. Tais momentos desempenham um papel fundamental no processo de crescimento pessoal, visto que ajudam a fortalecer a autoestima, promovem o empoderamento feminino, favorecem a descoberta de novas aptidões. Neste sentido, são realizadas oficinas de autocuidado e embelezamento, culinária, artesanato, exercícios físicos, roda de conversa sobre as leis que amparam as mulheres, os tipos de violência, sessões de cinema, entre outros. As crianças e adolescentes, que acompanham as mulheres acolhidas, participam de atividades conforme suas faixas etárias.

As mulheres também participam dos grupos terapêuticos, que

são conduzidos pela equipe técnica, sobretudo a psicóloga. Esse é um dos momentos mais ricos do acolhimento, tendo em vista que, ao se encontrarem no grupo terapêutico, as acolhidas têm a oportunidade de se conectar umas com as outras através da partilha de experiências. Essas partilhas propiciam a formação de uma rede de apoio e constroem um senso de comunidade e de solidariedade.

Também é muito significativo o momento de desligamento da Casa de Passagem, organizado conforme o plano individual da acolhida. Neste ponto, quando não é possível restabelecer vínculos com uma rede de apoio familiar e manter-se em segurança sem a estrutura de um abrigo, as mulheres têm a opção de seguir em acolhimento institucional, ou podem retornar ao território de origem, desde que entendam e queiram assumir o risco que isso implica; ou ainda, podem ir para outra cidade/estado, quando existe a possibilidade de retomar vínculos com a rede familiar que se encontra em território diferente.

Quando desligadas do acolhimento, muitas mulheres deixam depoimentos e conselhos para as próximas que serão abrigadas. Fica evidente a mudança experimentada, o empoderamento torna-se vivo na postura, no com-

portamento e autocuidado traduzidos no penteado diferente, na roupa, no uso de maquiagem, especialmente do batom que adorna o sorriso. Com certeza, na maioria dos casos, existe um resgate da autoestima e não é raro a escuta de frases, como: “Sou outra pessoa, não vou deixar ninguém mais pisar em mim”; “A vida agora vai ser diferente”.

No entanto, há situações em que as mulheres resolvem que voltarão às suas rotinas e dizem: “Gostaria de tentar outra vez”. Algumas, nestas tentativas, retornam ao acolhimento cada vez mais machucadas pelas circunstâncias do próprio ciclo repetitivo da violência.

Algumas mulheres ficam poucas horas no acolhimento porque têm para onde ir, apenas necessitam de um local para passar a noite, outras passam os 15 dias e manifestam dificuldades de se desvincularem das pessoas que conheceram na casa, outras ainda ficam por um curto período e sentem necessidade de retornar para a sua casa sem ter maiores planos, outras não têm como sobreviver e precisam ser encaminhadas para casas de longa permanência. O que podemos observar é que, independentemente do caminho que cada mulher segue após o acolhimento, a esperança é sempre de uma vida melhor.

Betânia: experiência profética para a VRC

Pensar em experiência, acima de tudo, é dar tempo à vida e escutá-la em suas condições de emergência, sem pressa. Em tempos onde tudo se faz com uma velocidade fugaz, onde as relações humanas e os encontros são marcados pelo instante, pela provisoriidade, pelo cancelamento do outro, permanecer com mais vagar e permitir-se experimentar já é um desafio sensível à VRC na atualidade. Não podemos esquecer que somos atravessados por ambivalências e pelos tempos da chamada modernidade líquida; que não estamos dando o devido tempo para a escuta da Divina Ruah; que muitas vezes nos refugiamos nas comunidades virtuais; que também não nos permitimos os desafios de viver e conviver com o que nos passa e o que nos atinge como sopro de Deus.

A experiência, segundo Larrosa,

requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a aten-

ção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (2022).

Se tomarmos isso como um caminho para nossas vidas, deveríamos nos questionar sobre o que de fato nos toma, como ser profético se não nos permitimos experienciar.

Depois de um ano de experiência com a Casa de Passagem Betânia protegendo e cuidando da vida das mulheres e de seus filhos e filhas, violentados de tantas maneiras, podemos dizer que vamos aprendendo a encontrar Deus em meio às dores e vulnerabilidades, em meios a nossas fragilidades e carências, mas com a marca da solidariedade e com um desejo enorme de fazer o bem, seguindo Aquele que passou a vida fazendo o bem (At 10,38). Como nos orienta o Papa Francisco, a “missão no coração do povo não é uma parte da minha vida, ou um ornamento que posso pôr de lado; não é um apêndice ou um momento entre tantos outros da minha vida. É algo que não posso arrancar do meu ser, se não quero me destruir. Eu sou uma missão nesta terra, e para isso estou neste mundo” (EG 273). Inspiradas pela Ruah, vamos redescobrimo-

-nos missão, surpreendendo-nos e aprendendo todos os dias, na Casa Betânia.

A presença da VRC tem sido simples, porém atenta, provedora, acolhedora e amorosa. O chá, que a Irmã Esmeralda faz todos os dias e que as mulheres dizem só conseguir dormir depois de tomá-lo, é símbolo do cuidado, do carinho e da atenção que buscam, por isso, torna-se bênção e o difere de outros chás oferecidos. A VRC, assumida como desafio de ser simplesmente presença, mantém vivo o carisma fundacional, abre-se ao sopro do Espírito e se aproxima da vida sofrida das pessoas, tornando-se serviço pronto para atender a seus gemidos. Empenhar-nos para responder aos apelos da realidade nos coloca num movimento capaz de oxigenar o sentido de sermos enviadas como discípulas missionárias, abraçando o desafio de seguir Jesus de Nazaré, colocando nossa vida a serviço de quem vive à margem.

Sabemos o quanto as mulheres precisam. Cheira mal a falta de oportunidade, de trabalho e/ou recursos financeiros que garantam a autonomia da mulher, causando dependência econômica do homem agressor; o achar que é tarde para recomeçar por sentir-se velha; cheira mal o medo de represálias ou ameaças muitas vezes de morte, cheira mal a falta

de informação e discussão sobre o tema do machismo na Igreja e na sociedade e o que consequentemente possibilita o ciclo da violência doméstica e de gênero. Cheira mal a indiferença e a acomodação de quem olha esta triste realidade como se nada tivesse a ver. À luz de Betânia e de nossa realidade, sonhamos em derramar um bom perfume para superar o mau odor dos preconceitos, da desigualdade entre mulheres e homens, do racismo, da homofobia, do feminicídio, do medo de arriscar, de equivocarmos, do medo da dor e da morte, do medo de enfrentar situações desafiadoras do nosso tempo, do medo da incompreensão, do medo ser um pequeno resto. Despertemos!

Assim, assumir esta causa podendo estar junto delas, participando de um momento limite de suas vidas, SER-PARA-ELAS 24 horas por dia, com um trabalho em equipe, partilhando o Carisma com leigos e leigas que caminham conosco e, ao mesmo tempo, ampliando um trabalho em Rede com órgãos públicos de várias instâncias, possibilita-nos uma abrangência maior e ainda nos obriga a sair de nós mesmas e

das nossas “coisinhas”. Reencontramo-nos na alegria de servir, de ser presença, de ser sustentação, de ser projeto de transformação e humanização, em um mundo totalmente desumanizado, além de fazer efetivamente a diferença na vida das pessoas.

Temos a alegria de saber que, com apenas um ano de funcionamento, o índice de morte de mulheres diminuiu significativamente e estamos colaborando para fazer essa diferença. Conforme os órgãos de Segurança Pública, durante o ano de 2023, Porto Alegre reduziu em quase 80% a morte de mulheres. Entre os fatores para esta queda constam o monitoramento eletrônico dos agressores e a criação da nova casa de acolhimento, a Casa Betânia. (VIESSERI, 2023).

É pela vida, pela vida das mulheres! A Casa Betânia nos faz recorrer ao sonho inicial, aos fundamentos e aos passos corajosos que garantiram 20 anos da nossa história e missão no Centro Social Antônio Gianelli.

Vamos, sim, a Betânia, como peregrinas da esperança, porque esperar também é profecia!

- BASTANTE, Jesus. Papa Francisco aos religiosos espanhóis: não tenham medo dos limites, não tenham medo das fronteiras, não tenham medo das periferias. **IHU**, 18 de maio de 2021. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/609356-papa-francisco-aos-religiosos-espanhois-nao-tenham-medo-dos-limites-nao-tenham-medo-das-fronteiras-nao-tenham-medo-das-periferias> Acesso em: 09 de fevereiro de 2024.
- BERRO, Eloísa Castro; GONÇALVES, Aparecida; NICODEMOS, Manuela. Mulheres em situação de violência: números, avanços e desafios. **Teoria e Debate**, Edição 218, 7 de março de 2022. Disponível em: <https://teoriaedebate.org.br/2022/03/07/mulheres-em-situacao-de-violencia-numeros-avancos-e-desafios/>Acesso em: 09 fevereiro 2024.
- BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral. São Paulo: Paulinas, 1990.
Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2024/01/05/feminicidio-4-mulheres-morrem-por-dia-vitimas-deste-tipo-de-crime-no-brasil.ghtml> Acesso em: 10/02/2024.
- FONDO DE LAS NACIONES UNIDAS PARA LA INFANCIA. Centro de Investigaciones Innocenti. La Violência Doméstica Contra Mujeres y Niñas, Florencia, n. 6, jun., 2000. Acesso em: 26 fev. 2018. p. 4.
- FRANCISCO, Papa. **Evangelii Gaudium**. Exortação Apostólica sobre o Anúncio do Evangelho no Mundo de Hoje. São Paulo: Paulinas, 2013.
- GEBARA, Ivone. **Rompendo o Silêncio**: uma fenomenologia feminista do mal. Petrópolis: Vozes, 2000.
- LORROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. No. 19, Pag. 23-28, 2002.
- PAPA FRANCISCO: a Igreja é “mulher”, devemos “desmasculinizá-la”. **VaticanNews**, 30 de novembro de 2023. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-11/papa-audiencia-comissao-teologica-internacional-30-11-2023.html> Acesso em: 12 de fevereiro de 2024.
- SOAVE, Maria. **A amante, a sábia, a guerreira, a feiticeira**. Uma poética ecofeminista do Novo Testamento. CEBI, p. 61, 2002.
- VIESSERI, Bruna. Como Porto Alegre diminuiu em quase 80% o número de feminicídios em 2023. **GZH**, 8 de outubro de 2023. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2023/10/como-porto-alegre-diminuiu-em-quase-80-o-numero-de-feminicidios-em-2023-cln-f5jpt4003m013z3dv99qgh.html> Acesso em 11 de fevereiro de 2024

CERNE 125

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:

EMAIL: formacao@crbnacional.org.br
Telefone/WhatsApp: (61) 98471-0242

*Convento São Lourenço -
Porto Alegre, RS*

*De 16 de fevereiro a 27
de março de 2025*

ANNA PATA, ANNA YAN': UMA HISTÓRIA DE AMIZADE E COMPROMISSO NA TERRA DE MAKUNAIMA.

Pe. Gabriel Vilardi²

Introdução

A Vida Religiosa Consagrada (VRC) assumiu já há alguns séculos um caráter fortemente apostólico, alcançando os lugares mais longínquos do planeta e comprometendo-se com as mais variadas atividades missionárias. É verdade que em muitas ocasiões acompanhou um cruel avanço colonizador de forças que nada tinham de cristãs, servindo a interesses discutíveis para a sensibilidade dos atuais tempos. Por outro lado, também significou uma presença luminosa e comprometida

em muitos rincões de injustiças e perseguições. Nesse sentido, na Amazônia não foi diferente.

Na terra dos filhos do Sol, habitada imemorialmente por povos com ricas tradições culturais, um dia aportaram religiosos e religiosas. Após um longo período de erros e tentativas, com muita desconstrução e encarnação evangélica, uma nova aliança foi forjada com os descendentes de Macunaíma. E o Jesus amigo dos marginalizados pôde ser, então, testemunhado em meio a uma intensa luta e a uma profunda amizade!

¹ “Nossa Terra, Nossa Mãe” em Língua Macuxi.

² Padre Jesuíta. Bacharel em Direito e em Filosofia. Mestrando em Direito. Foi membro da Pastoral Indigenista da Diocese de Roraima (2022-2023). Endereço para contato: gabrielvilardi@hotmail.com

Aproximação histórica: genocídio e perseguição

Há quase 300 anos a Igreja se fez presente em Roraima por meio da vida religiosa consagrada. Os primeiros missionários a andar por essas terras foram os jesuítas, no final do século XVII e início do XVIII, mas foi só em 1725 que chegaram os carmelitas para uma presença mais permanente. Depois disso muitos outros vieram, entre eles os franciscanos, os beneditinos e, em meados do século passado, os missionários e as Missionárias da Consolata. Estes últimos romperam com uma visão colonizadora e, em comunhão com o espírito do Vaticano II, deram um significativo salto na visão pastoral-evangelizadora, a partir do final da década de 1960.

No país, os desmandos da ditadura civil-militar se abateram cruelmente contra os Povos Indígenas e as populações tradicionais da Amazônia. Os interesses econômicos de uns poucos empresários e burocratas preponderavam sobre milhares de seres humanos que, milenarmente, tinham a maior floresta tropical do mundo como sua casa. Conforme o Relatório da Comissão Nacional da Verdade, publicado em 12 de dezembro de 2014, foram vítimas de genocídio em Roraima cerca

de 2650 Waimiri-Atroaris e, pelo menos, outros 354 Yanomamis (SANTOS; FERNANDES NETO, 2016. p. 21).

A volúpia gananciosa dos fazendeiros avançava sobre as malocas indígenas, suas plantações eram pisoteadas pelo gado insaciável, suas mulheres abusadas pelos despudorados “patriarcas do desenvolvimento”, seus filhos escravizados pelos imorais “pioneiros” e suas lideranças tradicionais desmoralizadas pelo vício alcoólico introduzido pelo “civilizado”. O progresso tem gosto de sangue e cinzas, a destruição sinônimo de *karaiwá* (não-indígena)!

“Para o povo pobre do Brasil, o futuro que o sistema oferece é uma marginalização cada dia maior”, “para os índios, o futuro oferecido é a morte” (Y JUCA PIRAMA, p. 14), nesses termos bradaram corajosamente os missionários do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), no documento-denúncia *Y Juca Pirama. O índio, aquele que deve morrer*, publicado no final de 1973. Arrogantemente a resposta dos militares veio na forma de desqualificação por parte do ministro do Interior, afirmando que “o problema dos índios é um problema do Brasil”, mesmo porque “outros países não têm o menor conhecimento do problema do índio brasileiro”

(SANTOS; FERNANDES NETO, 2016, p. 20). Todavia, as violações contra os Povos Indígenas eram um problema de todos, inclusive da Igreja!

Nesse desolador cenário de escravidão e sistemáticas violações de direitos, os clamores da escandalosa realidade dos indígenas finalmente tocaram os missionários e as missionárias da então Prelazia de Roraima. Os padres, os irmãos e as irmãs fundadas pelo Beato José Allamano fizeram seu êxodo, saindo das fazendas e indo para as comunidades indígenas. Com isso, puderam constatar a indignidade a que estavam submetidos e, então, os indigenistas começaram o seu longo e inacabado processo de conversão, em busca do Evangelho da Vida e da libertação do Povo de Deus, submetido às trevas da dominação (Ex 3, 7-14).

Opção preferencial pelos Povos Indígenas: aliança e resistência

Esses patriarcas e essas matriarcas do apostolado indigenista nos moldes como se conhece hoje, foram compreendendo ao longo do caminho que seus esquemas de “outros mundos”, forjados na Europa ou mesmo no restante

no Brasil, não eram válidos nos lavrados e montanhas de Macaúma. Homens e mulheres que embalados pela mística e pela força dos *parixaras* (danças tradicionais celebrativas) fizeram sua aliança com a causa indígena numa radicalidade e compromisso que deram muitos frutos!

Por meio do testemunho luminoso desses primeiros missionários e missionárias pode-se perceber como as reações e resistências enfrentadas foram ferozes. Todavia, permaneceram despertos e na expectativa do Deus sempre itinerante, como alerta o Papa Francisco em sua mensagem ao XXXVIII Dia Mundial da VRC, ao lembrar de Simeão e Ana (Lc 2, 25-38):

Faz-nos bem contemplar estes dois anciãos, pacientes na expectativa, vigilantes no espírito e perseverantes na oração. O seu coração manteve-se desperto, como uma tocha sempre acesa. São de idade avançada, mas têm a juventude do coração; não se deixam desgastar pelos dias, porque, na expectativa, os seus olhos permanecem voltados para Deus (Sal 145,15), sempre à espera. Ao longo do caminho da vida, sentiram dificuldades e desilusões, mas não cederam ao derrotismo: não “mandaram para a reforma” a esperança. (...) De fato, a pior

coisa que nos pode acontecer é deixar-nos cair no «sono do espírito»: adormecer o coração, anestesiar a alma, arquivar a esperança nos cantos obscuros das desilusões e resignações (FRANCISCO, 2024).

A partir das periferias geográficas e existenciais, pois os Povos Indígenas nunca deixaram de ser marginalizados nesses cinco últimos séculos de colonização, e em sintonia com a mais avançada perspectiva trazida pelo recém-fundado CIMI (1972), a Pastoral Indigenista da Diocese de Roraima, com rebeldia e vanguarda, foi se fazendo carne. Os antigos métodos da primeira evangelização tridentina precisavam ser urgentemente repensados, afinal a Divina Ruah pairava sobre os rios amazônicos muito antes da chegada de quaisquer cristãos. E assim, no frescor de novos ares e sem medo de se arriscar, a amizade com as comunidades indígenas se aprofundou.

Aos poucos a vida religiosa consagrada ouviu o chamado insistente dos pastores dessa Igreja particular e foi somando forças nessa empreitada. Entre as figuras imprescindíveis dessa trajetória, está o saudoso bispo-religioso Dom Aldo Mongiano, introduzido pelos seus coirmãos da Consolata nesse universo que também lhe

era estranho. Tão logo se tornou um dos principais propulsores dessa aliança, liderou a Diocese de Roraima a realizar a sua opção preferencial pelos Povos Indígenas. Um compromisso que foi profeticamente assumido pelos religiosos e religiosas, em uma vida de inserção e desde o início em estreita colaboração com um bem formado e generoso laicato.

Vida religiosa inserida

Os missionários e as missionárias tomaram consciência de que era preciso comer a mesma farinha com *damurida* (comida típica feita à base de pimenta) e tomar *caxiri* (bebida fermentada) na cuiá se se quisesse realmente partilhar as alegrias e as angústias dos indígenas roraimenses. Por isso, deixaram a capital rumo aos interiores do Estado, em um movimento de encarnação nessa realidade multicultural. Nesse sentido, a Igreja da Amazônia soube reconhecer a importância desse deslocamento que não é só externo, mas também interior:

Somos agradecidos pela presença significativa da VRC em nossa Amazônia. Homens e mulheres da vida monástica e apostólica, que a partir de seus Carismas estão presentes em comunidades onde ninguém quer estar

e procuram estar com quem ninguém quer estar (DF, n. 97).

Um cristianismo que mais do que discursos eloquentes ou gestos caricaturais quer se fazer simples presença servidora. Tal qual uma Igreja-Galileia, de onde não se deve esperar ações apoteóticas ou grandes sinais de poder, mas tão somente o desejo de partilhar a vida oculta e a luta ancestral dos originários habitantes desse país.

Uma Igreja laical e missionária

Desde o início, a Igreja de Roraima com seu diminuto clero foi largamente sustentada pela fé e pelo engajamento dedicado dos leigos e leigas, conscientes da sua vocação batismal. Na missão indigenista não foi diferente. O enamoramento e o compromisso brotaram de muitos corações sensíveis a essa causa. Com isso o trabalho pastoral foi construído em maior horizontalidade e abertura sinodal, muito antes do chamado do Papa Francisco:

Uma Igreja de rostos amazônicos requer a presença estável de responsáveis leigos, maduros e dotados de autoridade, que conheçam as línguas, as culturas, a experiência espiritual e o modo

de viver em comunidade de cada lugar, ao mesmo tempo que deixem espaço à multiplicidade dos dons que o Espírito Santo semeia em todos. Com efeito, onde houver uma necessidade peculiar, Ele já infundiu carismas que permitam dar-lhe resposta. Isto requer na Igreja capacidade para abrir estradas à audácia do Espírito, confiar e concretamente permitir o desenvolvimento duma cultura eclesial própria, marcadamente laical. Os desafios da Amazônia exigem da Igreja um esforço especial para conseguir uma presença capilar que só é possível com um incisivo protagonismo dos leigos. (QA, n. 94).

Para que esse serviço aos Povos Indígenas de Roraima tenha sua continuidade assegurada, deve-se assumir uma fidelidade criativa, que não tenha medo de se reinventar. Ou seja, um trabalho frutífero implica o estabelecimento de novos “modos de ser Igreja”, fundados em renovadas relações entre religiosos e leigos, bem como entre missionários e indígenas. Assim como ocorreu em muitos outros lugares da Amazônia, foi preciso deixar-se guiar pelo Espírito que sopra como quer e redescobrir um “caminho de santidade amazônico”, como insiste o pontífice que veio do fim do mundo:

Move-nos o exemplo de tantos sacerdotes, religiosas, religiosos e leigos que se dedicam a anunciar e servir com grande fidelidade, muitas vezes arriscando a vida e, sem dúvida, à custa da sua comodidade. O seu testemunho lembra-nos que a Igreja não precisa de muitos burocratas e funcionários, mas de missionários apaixonados, devorados pelo entusiasmo de comunicar a verdadeira vida. Os santos surpreendem, desinstalam, porque a sua vida nos chama a sair da mediocridade tranquila e anestesiadora. (GE, n. 138).

Dimensão socioambiental da evangelização

Se é verdade que os ataques aos povos originários encharcaram de sangue e lágrimas uma terra tão abençoada pelo Criador em belezas naturais e diversidade cultural, também não se deve olvidar que os filhos de Macunaima (grande herói mitológico do povo Macuxi, que vivia no Monte Roraima) nunca se dobraram completamente aos seus algozes. Diante de um intenso e insistente processo de apagamento identitário, não perderam suas vigorosas raízes e jamais renunciaram ao direito de resistir. E esta sagrada força espiritual, como verdadeira semente do Verbo, também motivou e alimentou gerações de missionários:

Dizem os mais velhos que Makunaimi nasceu no pé da Serra Marari e morou vários anos naquele lugar. Depois passou a morar na Pedra Pintada, fez uma casa e um malocão muito grande. Casou e teve dois filhos: Ani'ke e Insikiran e sua esposa chamava-se Ariipa. Makunaimi foi um homem sábio, inteligente e tinha o poder de fazer coisas extraordinárias. Tudo o que pedia, era atendido. Quando acontecia uma tempestade, bastava falar, a tempestade parava. Ressuscitava até os mortos. Makunaimi foi um pajé muito forte. Desde lá até hoje nós, o povo Macuxi, temos nossos pajés, graça a Makunaimi. Aquele que nos deixou o dom da saúde. Ensinou a seus dois filhos a viver. Costumava fazer tapão e jiqui para pegar peixe para alimentar os filhos. Com desenhos deixou sinalizado nas pedras onde seus descendentes deviam morar sem perturbações. Nas terras onde vivemos temos esses desenhos deixados por Makunaimi por isso lutamos por elas. São nossas e são as terras que o nosso grande pajé nos deixou (MORAIS, 2004, p. 13).

Muito antes da Carta Encíclica *Laudato Si*, prenunciadora de uma nova compreensão da responsabilidade cristã pelo cuidado com a Casa Comum, algumas dessas intuições já eram a base pastoral do trabalho missionário. Uma noção muito além de um sacramentalismo exacerbado e em-

pobrecedor. A missão passou a ser entendida como o apoio à busca por condições de vida mais digna para esses povos tão explorados, o que significava e significa, com toda a sua atualidade, a luta pela garantia da terra: *anna pata*, *anna yan*, como dizem os macuxis, “nossa terra, nossa mãe”. Sem terra e a sua autodeterminação, a vida é impraticável!

A diocese, capitaneada pelo seu bispo, junto com os religiosos e os leigos tornou-se a principal aliada dos Povos Indígenas. A partir daí surge, inclusive, uma das maiores organizações indígenas do país, o Conselho Indígena de Roraima (CIR). Ainda que esse incansável trabalho de conscientização e formação tenha sido bastante relevante na gênese do movimento sócio-político, apostou-se no protagonismo indígena para além de qualquer tutela paternalista. Nesse sentido, mesmo diante de uma virulenta oposição da elite local, a Igreja estava consciente do seu papel:

Cabe a todos nós sermos guardiões da obra de Deus. Os protagonistas do cuidado, proteção e defesa dos direitos dos povos e dos direitos da natureza nesta região são as próprias comunidades amazônicas. São eles os agentes de seu próprio destino e de sua própria missão. Neste cenário, o papel da Igreja é de

aliada. Eles expressaram claramente que querem que a Igreja os acompanhe, que caminhe com eles e que não lhes imponha um modo particular de ser, um modo específico de desenvolvimento que pouco tem a ver com as suas culturas, tradições e espiritualidades. Eles sabem como cuidar da Amazônia, como amá-la e protegê-la; o que eles precisam é que a Igreja os apoie (DF, n. 74).

Compromisso renovado rumo a uma Igreja de rosto amazônico

Quando o então nonagenário Dom Aldo Mongiano, em 2011 fez a sua última visita à comunidade Maturuca, na região Serras, pertencente à Terra Indígena Raposa Serra do Sol, recebeu emocionado a gratidão de uma multidão de lideranças indígenas. Um dos principais sinais de esperança e ressurreição para os povos originários da região foi o longo, porém parcialmente exitoso processo de demarcação de seus territórios.² Entretanto, as ameaças espreitam ávidas por atacar qualquer forma de vida alternativa ao sis-

² Existem na região 23 Terras Indígenas demarcadas em ilhas que se tornaram pequenas e precisam ser reestudadas, bem como 4 Terras Indígenas que ainda não foram reconhecidos e demarcados pelo governo.

tema dominante, como reconheceu com sabedoria e em tom de cautela o velho missionário:

Fiquei contente em ver, enfim, que o processo que eu chamo de libertação do povo indígena, em certo sentido, está avançando, está crescendo. Eles estão mais organizados, mas tem ainda que fazer muita coisa. Antes lutavam para ter uma terra [...] Tendo terra, talvez se pede uma organização mais intensa, um planejamento mais bem determinado, com objetivos claros e aceitos por todos. (apud MORAIS, 2018, p. 40).

Apesar dos importantes avanços das últimas décadas, muitas questões seguem pendentes. Claro que hoje a necessidade de apoio da Igreja é menor, afinal existem outras organizações, universidades e parceiros que engrossaram a causa. Todavia, assim como as comunidades indígenas vivem uma etapa distinta no seu processo histórico, também a Pastoral Indigenista por meio dos seus missionários e missionárias precisa continuar avançando com lucidez e profecia. Os desafios são outros, mas certamente enormes!

Primeiro, é inadiável aumentar a sensibilização bem como o investimento na formação de novos agentes de pastoral, privilegiadamente, os leigos e as leigas. Além de pertencerem ao *ethos*

amazônico, possuem uma possibilidade de permanência e continuidade na missão muito maior do que os religiosos e as religiosas. Esses estão cada vez mais absorvidos por outras e pesadas responsabilidades requisitadas por suas congregações e institutos.

O segundo ponto é a manutenção de uma reflexão crítica relevante e um diálogo aberto com a academia e demais organizações da sociedade civil, sem se fechar sobre si mesma. Como insta efusivamente o Papa Francisco, a Igreja não pode ficar encerrada nas sacristias, satisfeita com uma “pastoral de manutenção” e falando sempre para o seu restrito grupo. Impõe-se, pois, assumir a desinstaladora tensão da autocrítica, sem se acomodar ao itinerário já percorrido.

Por fim, o caminho da interculturalidade deve ser inadiável e inegociável. Até as fórmulas que funcionaram bem nos últimos cinquenta anos, podem não caber necessariamente mais. Para se deixar questionar e repensar os métodos juntamente com os verdadeiros mestres que são os indígenas, supõe-se anos de inserção e conhecimento da realidade missionária, com aprofundamento das línguas, culturas e espiritualidades originárias, como pede o Sínodo para Amazônia:

Muitas pessoas consagradas gastaram as suas energias e grande parte da sua vida pelo Reino de Deus na Amazônia. A vida consagrada, capaz de diálogo, síntese, encarnação e profecia, ocupa um lugar especial nesta configuração plural e harmoniosa da Igreja amazônica. Mas faz-lhes falta um novo esforço de inculturação, que ponha em jogo a criatividade, a audácia missionária, a sensibilidade e a força peculiar da vida comunitária. (QA, n. 95).

A tradição indigenista em Roraima construída em conjunto pelos religiosos e leigos, há mais de cinquenta anos, deve seguir impulsionando a missão com audácia e destemor. Com o coração humildemente agradecido por tanto bem recebido, na condição de simples servos (Lc 17, 10), portadores de um dom manifestado pelo Deus de Rosto Indígena, o desafio é permanecer aberto para discernir os novos sinais dos tempos, como ensina o Papa do discernimento:

Peçamos ao Senhor a graça de não hesitar quando o Espírito nos exige que demos um passo em frente; peçamos a coragem apostólica de comunicar o Evangelho aos outros e de renunciar a fazer da nossa vida um museu de recordações. Em qualquer situação, deixemos que o Espírito Santo nos faça contemplar a história na perspectiva de Jesus ressuscitado. Assim a Igreja, em vez de cair cansada, poderá continuar em frente acolhendo as surpresas do Senhor. (GE, n. 139).

Prestes a completar o jubileu de 300 anos a vida religiosa consagrada em Roraima conseguiu, com a graça de Deus, manter-se como “fermento na massa” e anunciadora do Reino de Paz e Justiça. Depois de séculos de redes vazias, baseado no sacramentalismo controlador das fazendas, soube ouvir o Senhor e lançar as redes em águas mais profundas, indo para junto dos territórios sagrados dos preferidos de Jesus de Nazaré. É tempo de agradecer Àquele que nos chamou e continuar sonhando poder contribuir com fecundidade junto aos inúmeros Povos Indígenas, herdeiros de Makunaimî e da Terra Sem Males!

Referências

- CNBB/REPAM. **Documento de Santarém 50 anos**: gratidão e profecia. Brasília, CNBB, 1992.
- DOCUMENTO FINAL. Amazônia. Novos Caminhos para a Igreja e a Ecologia Integral. Roma, 26 de outubro de 2019. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20191026_sinodo-amazonia_po.html Acesso em: 27 de fevereiro de 2024.
- FRANCISCO, Papa. **Evangelii Gaudium**. Exortação Apostólica pós-sinodal sobre o anúncio da Boa Nova no mundo de hoje. São Paulo: Paulus, 2013.
- FRANCISCO, Papa. **Gaudete et Exultate**. Exortação Apostólica sobre a santidade no mundo atual. São Paulo, Paulinas, 2018.
- FRANCISCO, Papa. **XXXVIII Dia Mundial da Vida Consagrada**. 2 fevereiro de 2024. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2024/documents/20240202_omelia-vita-consacrata.html#:~:text=Santa%20Missa%20por%20ocasi%C3%A3o%20do,Francisco&text=Ao%20povo%20que%20esperava%20a,da%20alian%C3%A7a%20que%20v%C3%B3s%20desejais..va Acesso em: 4 fevereiro de 2024.
- MORAIS, Vângela Maria Isidoro de. **Filhos de Deus e Netos de Makunaima**: apropriações do catolicismo em terras macuxi. Curitiba: CRV, 2018.

A FORÇA DAS ÁGUAS E A FORÇA DA SOLIDARIEDADE.

Ir. Maria de Lurdes Urban¹

A força das águas

Quase todas as semanas somos surpreendidos por uma notícia de acidente climático. Ora são chuvas repentinas que levam casas, carros, pessoas, abrem crateras e entes queridos partem. Ora são incêndios, queimadas que deixam as pessoas sem ação diante da violência da natureza, muitas vezes motivada por descuido ou descaso dos humanos.

Assim aconteceu na noite de 4 de setembro de 2023, quando houve um ciclone extratropical e o Rio Taquari que, no Rio Grande do Sul, banha os municípios de Muçum, Roca Sales, Lajeado,

Estrela, derramou 20 milhões de litros de água por segundo e subiu em torno de 60 centímetros a 2 metros por hora. Em curto espaço de tempo, choveu 200mm e deixou a cidade de Muçum, de 26.000 habitantes, debaixo das águas revoltas. As águas arrastaram e ficaram submersas ou desaparecidas casas, móveis, animais e pessoas. As residências viram esqueletos; as lojas e mercados pareciam tapetas. Morreram 42 pessoas na região, 16 em Muçum, das quais 5 não foram mais encontradas.

O jornal ZH (Zero Hora) registrou:

¹ Religiosa da Congregação das Irmãs de Notre Dame. Presidente da CRB-RS. Endereço para contato: coordenacao.rs@crbnacional.org.br

Cheias afetam polos de produção de aves, suínos e vacas leiteiras. Os 79 municípios com decreto de emergência já reconhecido, concentram quase um terço dessas atividades no Estado. Em cada localidade, há armazéns, chiqueiros, tambos e aviários destruídos, além de lavouras, insumos, produtos, rações e embalagens inutilizadas. As enchentes que afetaram o Vale do Taquari nas últimas semanas, provocarão o redesenho dos municípios. O crescimento urbano deve se afastar do leito do rio e subir em direção aos morros. Especialistas apontam riscos da mudança no planejamento (ZH:23 e 24 de setembro de 2024).

Ações Solidárias

A Igreja Matriz Nossa Senhora da Purificação e o Hospital Beneficente Nossa Senhora Aparecida ficam no alto da cidade de Muçum. As águas não chegaram até lá, por isso, os idosos de uma casa geriátrica foram levados ao Hospital e o povo começou a refugiar-se na Igreja, além de ser espaço para a recepção de doativos. Os milagres e fatos inusitados se podia ouvir e ver em toda parte.

Foram montados dois refeitórios: Um pelo Rotary Clube que foi com toda infraestrutura para uma semana, preparava as refeições para os voluntários que vinham às dezenas de outras cidades. O outro refeitório, no Sa-

lão Paroquial, onde se serviam as refeições para as pessoas de Muçum que tinham perdido tudo na enchente.

Apelo desencadeador

A administração municipal de Espumoso, cidade do interior, logo se movimentou e montou uma equipe de voluntários e doativos e foram prestar socorro. Irmã Marli Auxiliero, enfermeira, estava no grupo e foi ao Hospital para atender os anciãos e os internados. Ela escreveu à coordenação da CRB-RS: “As pessoas só querem falar. Então, ou eu escuto ou eu trabalho. A CRB-RS não poderia ir ali para fazer a escuta”? Esse foi o apelo desencadeador e nos pusemos a caminho. Formamos 7 equipes, com dezenas de religiosos e leigos, em dias diferentes, com a assessoria do Instituto LUSPE: Instituto de atendimento psicológico, especializado em atendimento de desastres naturais e tecnológicos de Caxias do Sul, RS. Dra Ana Paula Reis Costa, fundadora do Instituto, que já estava trabalhando online com uma parte de sua equipe em Roca Sales, RS, nos orientou, inicialmente pelo whats para esta escuta específica da população atingida em Muçum, e para que as ações saíssem do papel imediatamente.

Os seguintes passos sucederam-se, rapidamente:

- Uma carta da CRB-RS foi a todos os consagrados, que por sua vez, chamaram os seus colaboradores para formar equipes ad hoc.
- Abertura de um contato em um aplicativo de mensagens “*Ajuda Humanitária de Muçum*” onde foram colocados os nomes das pessoas interessadas em colaborar. Ali saíam e continuam saindo as orientações: como se preparar, postura, previsões de crise e comunicação, o que levar, como material de limpeza, calçados, roupas, lanches, documentos; o que fazer, o que falar, atitudes não recomendadas e prontidão para circunstâncias de estresse e exaustão nos tinguídos e voluntários.
- Uma pessoa do grupo ficou responsável para fazer os contatos locais e transmitir as orientações aos voluntários/as que vinham de Marau, Casca, Santa Maria, Porto Alegre, Canoas, Vião, Espumoso. Os locais que não se manifestaram, tinham que prestar solidariedade nas suas cidades, porque as demandas eram desafiantes.
- Congregações que não puderam enviar seus religiosos, mandaram seus colaboradores, ajuda financeira, disponibilizaram conduções, lanches, pernoites. Também houve pessoas que queriam ajudar e não puderam porque as estradas e pontes estavam interrompidas.
- Contato para saber das urgências com o pároco local e o administrador do hospital.
- O prefeito da cidade disponibilizou uma equipe de 7 assessores jovens, com coragem e ânimo que até hoje se esmeram para refazer e reerguer a cidade. Os órgãos federais e estaduais se fizeram presentes para ações pontuais e as ajudas prometidas não foram todas cumpridas.
- Todos nos unimos aos apelos da CNBB, dioceses, paróquias e órgãos públicos para juntar donativos e socorros.
- As congregações religiosas agiram imediatamente. As maiores foram com equipes locais para ajudar, levando donativos.
- As congregações que fecharam casas, selecionaram materiais úteis e urgentes para tal tipo de calamidade, respondendo aos apelos dos órgãos públicos e eclesiais para agir.

- Preocupamo-nos em dar suporte psicológico e espiritual para quem perdeu tudo: entes queridos, construções, animais, documentos. Uma situação da primeira semana foi o enterro coletivo em cemitérios vizinhos porque a água levava também os cemitérios.
- Aos sábados do mês de setembro, quase todas as cidades do RS enviaram pessoas voluntárias e donativos para socorrer, limpar, ajudar.
- A escuta em situação de tragédia coletiva – atenção psicológica em emergências – se fez urgente e poucos tinham conhecimento para esta escuta, cuja qualidade de efeito e ação, durabilidade e frequência, era tão específica.

“Precisamos de formação”:

Depois das imersões e orientações das psicólogas, os leigos e religiosos retornaram impactados e constataram: “Nós não estamos preparados para tais circunstâncias. Não teremos sempre as psicólogas conosco para nos assessorar. Precisamos de formação”.

Temos consciência de que as tragédias ambientais vão se repetir em grande escala e precisamos nos instrumentalizar com huma-

nidade, psicologia e ciência. Um treinamento que pode ser dado como capacitação para atuação de qualquer leigo ou religioso interessado em aprender a ser um socorrista de emergências.

Pelo que vimos e ouvimos também em Muçum e Roca Sales, o povo precisa de ajuda humanitária pelo menos, por 2 anos, para se reconstruir minimamente.

E, como é do conhecimento de todos, uma segunda enchente – em novembro de 2023 – abateu-se sobre Muçum e Roca Sales, tão devastadora quanto a primeira e em algumas situações até mais devastadoras. Não bastasse, uma avalanche de destruição, chuvas, mortes e isolamentos, se abateu sobre a capital, Porto Alegre, em janeiro de 2024 e nossa presença foi requerida.

As aulas em fevereiro de 2024, começaram em Muçum e região sem que as pessoas e os espaços fossem suficientemente recuperados. Os jornais trouxeram matérias amplas.

Atenção na prática do cuidado em desastres socioambientais

Em parceria com o Instituto LUSPE, a CRB-RS organizou um curso de nível técnico, de 40 horas, *online*, todas as quartas-fei-

ras à noite, por duas horas, para leigos, religiosos e profissionais interessados.

Foram elaborados materiais impressos e digitais elencando os conteúdos, horários, certificação e investimentos. As prefeituras e a Defesa Civil também foram contatadas para formar os seus agentes.

A divulgação foi feita nas prefeituras do Estado e na capital, na defesa civil, com as assistentes sociais; nas paróquias, nos trens e nos ônibus, pelas mídias sociais. As pessoas não se sentem encorajadas a prestar ajuda presencial em tais circunstâncias, porque elas mesmas se sentem muito vulneráveis.

A partir da experiência conjunta, o Instituto LUSPE também elaborou uma cartilha impressa e digital para orientar as pessoas em situações de emergência, otimizando recursos, respostas e caminhos para resiliência coletiva bem como, cuidados a médio e longo prazo. O documento foi distribuído juntamente com a CRB-RS em Muçum e em Roca Sales, por ocasião da Cantata Natalina realizada no dia 16 de dezembro de 2023 pelas escolas Notre Dame, em Roca Sales.

O Instituto LUSPE disponibilizou uma linha telefônica para escuta humanitária em situações emergenciais.

Um caminho a trilhar

Dra. Ana Paula Reis da Costa, Diretora do Instituto LUSPE que, com sua equipe de psicólogas, assessorou os religiosos e suas equipes, ao analisar o trabalho realizado, constatou que os religiosos e religiosas, como pessoas habituadas a um certo despojamento, auxiliaram prontamente as pessoas e as equipes sem solicitar por mais materiais, ou outros utensílios externos ou ainda, na busca de locais para adquiri-los, como, por exemplo, não solicitaram por ir a bancos ou supermercados ou farmácias, carregando tudo que precisavam consigo, incluindo recursos de alimentação próprios e ainda para oferecer, caso necessário.

Religiosos e religiosas apresentavam-se dispostos para qualquer tarefa, diferentemente de outros voluntários que dispunham de resistência para algumas ações necessárias. Resistência nos leigos que muitas vezes incorreu em estresse para as equipes e pessoas sobrecarregadas sem chance de escolha.

É notável também sua postura respeitosa, silenciosa e acolhedora, sempre solicitando licença para intervir onde quer que estivessem. Uma postura que por formação chegava acompanhada

de um olhar afetivo que se tornou tranquilizador nas trocas.

Dra. Ana Paula ressaltou a importância do cuidado na escutatória, na acolhida, no reconhecimento e na elaboração das dores, dos medos, no exercício de acompanhamento para processar as mudanças. É sempre mais fácil fazer, do que sentir, encontrar tecido humano sensível e recipiente para chorar ou caminhar em conjunto, é raro. Quanto maior é a violência, mais necessitamos do sagrado para sair do desamparo. E a verdadeira Esperança nasce mesmo só depois da partilha da dor. E esta esperança permanece lá, trabalhando no coração de todos os envolvidos.

Os voluntários religiosos conheciam com intimidade esses sofrimentos, e, por isso sua ajuda foi muito mais do que material ou psicológica, foi vitalizadora. É importante, segundo Dra. Ana, pontuar que a abertura que tiveram os religiosos para estudar, ler, perguntar e aprender sobre luto, trauma e primeiros socorros emocionais, gerou um cuidado integral que nos permitiu crescer na mutualidade e então todos ali pudemos experimentar de fato uma aliança entre Fé e Ciência, a serviço da proteção da vida.

Houve cuidado para não expor as pessoas traumatizadas. Fize-

ram o seu melhor para ouvi-las, aninhá-las em nossos corações e conversar sobre possíveis aberturas de horizontes e vias de sobrevivência. Os religiosos e religiosas ajudaram a dobrar e guardar a roupa lavada, arrumaram o almoxarifado para que os técnicos pudessem achar os itens necessários; passaram pano, deram de comer aos acamados, foram à rua escutar e ver as histórias de destruição.

Tudo isso foi um consolo para os enlutados, porque encontravam alguém para repartir a sua dor, ausência ou perda.

Quem cuida dos cuidadores?

Aprendemos também que, depois de uma imersão numa situação como luto, enchentes, incêndios, desastres, doenças, perdas, precisamos de um espaço de acolhida, recuperação, reconhecimento e fortalecimento do nosso físico, emocional e espiritual. Só se aprende fazendo e na humildade de que precisamos sempre uns dos outros. A psicologia dos desastres tem muito a nos oferecer e saber que podemos aprender e aplicar. Foram as lições que nos permitiram sentirmo-nos menos impotentes e mais úteis na reconstrução das vidas invadidas

pela tragédia. Qualquer um pode ser um cuidador/interventor em desastres. Não é necessário que seja psicólogo, médico, enfermeiro, ou assistente social, só é preciso ter um treinamento propício.

Quisemos através dessa cadeia de ações, iniciar uma corrente-cidadã efetiva e continuada dos consagrados e leigos no “Cuidado da Casa Comum”. Despertamos e exercitamos nossa criatividade em Muçum, RS, numa situação de ciclone extratropical ocorrida na noite de 4 de setembro de 2023 e subsequentes.

Através dos levantamentos de dados, fotos, depoimentos, noticiários, estatísticas e ações solidárias de religiosos e leigos, atuação da Defesa Civil e da Igreja na tragédia ambiental de Muçum, RS procuramos refletir como cidadãos, sobre a importância e necessidade continuada e urgente de cuidar da “Casa Comum”. É um exemplo concreto do que significa *Amizade Social*, campanha da fraternidade de 2024.

**CLARETIANO
EXTENSÃO**

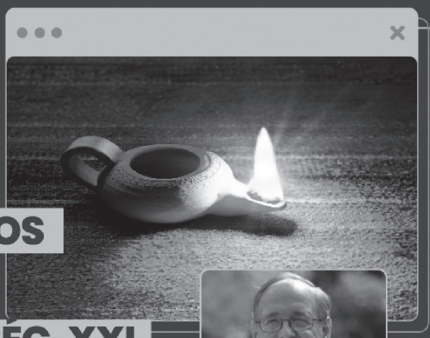
O ENCANTO

**DE UMA ALIANÇA E
DOS TRÊS CONSELHOS**

TEOLOGIA DA VIDA

CONSAGRADA NO SÉC. XXI

PROF. DR. JOSÉ CRISTO REY GARCÍA PAREDES



23, 24, 25 e 26 de Julho

9h às 11h30 (Horário de Brasília)

Local: Claretiano - Colégio São Paulo com transmissão on-line

INSCREVA-SE

extensao.claretiano.edu.br

APOIO:



REALIZAÇÃO:



Claretiano

Para maiores informações: **(16) 3660-1892**

CASA HERBERT DE SOUZA

Ir. Carlos Antônio Lins¹

O contexto

A Casa Herbert de Souza está situada na comunidade do Tururu, Bairro do Janga, Município do Paulista, Região Metropolitana do Recife. Sua sede foi construída em uma Área doada na década de 80, pelo Arcebispo Dom Helder Câmara, com a finalidade de abrigar famílias em situação de pobreza naquela época, vindas de diversas localidades.

Marcada pela desigualdade social, a comunidade é estigmatizada e apresenta altos índices de violência, uso de drogas, assassinatos de jovens, adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativa e liberdade assistida, jovens do sexo masculino em situação prisional, drogadição,

desemprego, trabalho informal, trabalho infantil e ausência do poder público com medidas emergenciais no âmbito municipal, estadual e nacional.

A Casa Herbert de Souza atua há 25 anos gestando projetos sociais que possibilitam a melhoria na qualidade de vida das crianças e adolescentes da comunidade do Tururu/Paulista-PE, público este que se encontra em situação de risco e/ou vulnerabilidade social e sofre com os fatores internos (pessoais), como a baixa autoestima; e externos (sociais) como evasão escolar, discriminação étnico-social, uso e tráfico de drogas, trabalho infantil, violência comunitária e doméstica e negação dos direitos sociais.

¹ Religioso do Instituto Diocesano Missionários Franciscanos Filhos de Maria. Graduado em Serviço Social. Endereço para contato: carloslinspe@yahoo.com.br

As ações

As ações da Casa Herbert de Souza são enfatizadas nas áreas de Educação, Assistência Social e Saúde, visando sempre a defesa dos Direitos Humanos, a garantia e execução do Estatuto da Criança e Adolescente – ECA, fortalecendo a cidadania, a cultura e o vínculo familiar e comunitário.

Na perspectiva da garantia de direitos, a Casa Herbert de Souza, através de uma prática pedagógica inclusiva, norteadada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), assume sua missão apresentando oportunidades por meio de atividades nas áreas de educação, cidadania, saúde e cultura, além de intervenções familiares, buscando garantir as Políticas Públicas da infância e adolescência de forma efetiva, no combate às diversas formas de violências (psicológica, física, verbal) que assolam a infância das nossas crianças, sendo elas vítimas diretas ou indiretas. As diversas transformações sociais contemporâneas impõem cada vez mais um formato idealizado de padrão de vida e beleza, dita a moda, a cultura e a tecnologia levando as crianças e adolescentes a serem dependentes desse sistema excludente, colocando-os cada vez mais em situação de risco e vulnerabilidade social.

Ao analisar a estrutura atual em nossa região, vê-se claramente a ausência dos referidos pontos apresentados pelo Sociólogo Herbert de Souza. Em consequência dessa ausência temos crianças e adolescentes expostos, sendo submetidos à intensa ansiedade gerada por estar nas ruas, surgindo reações agressivas em suas relações familiares, escolares e sociais, enfim em todos os contextos que estão inseridos.

Sabe-se que o trabalho infantil é uma realidade silenciosa e que, mesmo sendo ilegal, segue presente na vida de crianças e adolescentes, reconhecendo que muitas vezes é a única saída encontrada. A problemática do trabalho infantil não é recente, trata-se de uma expressão da questão social que se prolonga até a atualidade. Por esse motivo, apresentar a caracterização e as devidas singularidades existentes em cada período marcante da história é de extrema importância.

A utilização da mão de obra barata infantil é considerada como crime, no entanto algumas pessoas não cumprem o que está contido no art. 5º da Lei n.º 8.069/90, Estatuto da Criança e do Adolescente, que deixa claro a punição de todos, independentemente de violarem direitos fundamentais de crianças e adolescentes.

Por isso que a Casa Herbert de Souza procura, através de seu trabalho, atender às necessidades de crianças, adolescentes e jovens e seus familiares, tendo como proposta pedagógica o desenvolvimento integral e a contribuição na participação em direitos constituídos, propiciando e favorecendo um ambiente estimulante, por meio de experiências variadas, a fim de assegurar a contribuição na formação de cidadão consciente, crítico, com a capacidade de pensar, interagir e assumir o papel de agente transformador da sociedade e participar de direitos existentes.

Na trajetória histórica, reconhece-se que a vida das pessoas que são atendidas pela Casa Hebert de Souza busca estar na sociedade de maneira a ter seus direitos e espaços reconhecidos socialmente, atuando de forma consciente, sendo protagonistas de uma nova história, travando novas lutas em busca de vitórias.

A presença religiosa

A presença dos irmãos franciscanos, fundadores e coordenadores da Casa Herbert de Souza, durante esses 25 anos e que vem lutando junto à comunidade do Tururu para que crianças e adolescentes tenham seus direitos

garantidos, cabe-nos dizer que a referida instituição, nos últimos anos, não se afugentou do compromisso com a comunidade local e com a sociedade no geral, manteve-se atenta às necessidades e aos novos desafios impostos pela chegada do novo Coronavírus, que assustou o mundo impondo novas regras de convivência.

As ações da Casa Herbert de Souza são enfatizadas nas áreas de Educação, Assistência Social, Cidadania, Saúde, apoio socioeducativo, combate e enfrentamento ao trabalho infantil, visando sempre a defesa dos Direitos Humanos, a garantia e execução do Estatuto da Criança e do Adolescente, fortalecendo a cidadania, a cultura e o vínculo familiar e comunitário.

Uma velha profecia sempre nova

Diante do exposto acima vale ressaltar o projeto assumido por esta instituição de enfrentamento ao trabalho infantil e apoio socioeducativo a crianças e adolescentes, oferecendo assim uma realidade diferente através da educação, cidadania, cultura e musicalidade, tendo presente que o trabalho infantil não é um fenômeno novo no mundo e no Brasil. Este projeto colocou-nos diante

de uma dinâmica social que é de extrema importância, não apenas para uma compreensão ampla, mas para tomadas de decisões coerentes a esta realidade.

É imperioso perceber a vida religiosa inserida, comprometida e atenta a uma realidade silenciada, massacrada, buscando oferecer uma experiência de misericórdia e de novas possibilidades, onde nada e ninguém importasse. Aqui está a grande missão, decifrar nesta realidade tocante a mensagem do Senhor, como? Apenas quando se permite tocar, a criatividade surge, a vida anda e tudo acontece.

Através deste projeto foi possível tocar a vida de diferentes pessoas, acreditando em novas formas de estar em sociedade, defendendo a vida e sendo sempre protagonistas de suas realidades.

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperança é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo (FREIRE, 2003, p. 110-111).

Referência

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

CASA DE LOURENÇA, LUGAR DE ESCUTA!

Ir. Sandra Clemente dos Santos¹

As origens

A Congregação das Irmãs de Nossa Senhora da Glória foi fundada no ano de 1735, no bairro de Afogados que fica localizado na cidade de Recife, Pernambuco. Atualmente, no ano de 2024, estamos completando 286 anos de criação e faz parte de nosso carisma fundacional o acolhimento às pessoas em situação de rua. Resgatar essa dimensão, tem sido de suma importância, pois nos impulsiona a fomentar o nosso carisma fundacional, que desde os primórdios está ligado aos gerados e não amados da sociedade.

Como Deus não realiza nada sem um propósito, nós descobrimos a nossa fundadora, Lourença do Rosário, no ano de 2003, após 265 de história. Pelos relatos da época, o "beatário" - forma em

que no período colonial o grupo de mulheres que se reuniam para viver em comunidade e dedicar sua vida aos serviços dos mais necessitados eram conhecidas - atendiam órfãs, desvalidos e marginalizados da sociedade. Além disso, mendigavam pelos sertões brasileiros com a imagem do menino Jesus. Tendo em nosso coração o desejo de ter uma missão dedicada à nossa fundadora e escutando os apelos de Deus nessa realidade específica, nasce a Casa de Lourença, lugar da escuta. Hoje em um relato de um assistido: "Lourença ela é nossa mãe, ela cuida de nós, ela não nos abandona".

Esse projeto tem como objetivo geral: acolher os necessitados e servi-los com alegria, à luz dos sinais dos tempos e lugares. A luz

¹ Religiosa da Congregação das Irmãs de Nossa Senhora da Glória. Graduada em Serviço Social. Endereço para contato: irsandra33@gmail.com

da urgência do tempo e lugar é a população em situação de rua. Sendo assim, buscamos amenizar o sofrimento daqueles que em seu cotidiano padecem por falta de justiça social – sem perspectivas no que tange aos direitos básicos.

Para tanto, o *Projeto Casa de Lourença, Lugar de Escuta*, tem por finalidade proporcionar as pessoas em situação de rua da cidade do Recife-PE, mas especificamente do Bairro Boa Vista e adjacências, um atendimento bio-psico-sócio-espiritual como forma de contribuir, mesmo que minimamente, para efetivação dos direitos sociais inerentes a essa população, sobretudo, o direito a dignidade humana, através da escuta qualificada realizada por profissionais específicos destas áreas, a saber: Assistente Social, Psicólogo/o, Médico/a Clínico/a Geral e Orientação Espiritual. Além disso, temos um espaço para banho diário dessas pessoas e um local para que eles lavem suas roupas, como parte do acolhimento a esse público.

O projeto

Quatro salas disponíveis para as escutas – psicologia, serviço social, médico e orientação espiritual; sete banheiros para que possam tomar banho; dois sanitários; lavanderia com três tanques. As

ações acontecem diariamente em parceria com outras entidades com objetivos afins.

A Casa de Lourença iniciou seus trabalhos no dia 12 de maio de 2022, tendo como marco a celebração dos 264 anos de fundação do Convento. A Congregação das Irmãs de Nossa Senhora da Glória vem fielmente assumindo seu carisma de acolher e servir com alegria aos mais necessitados à luz dos sinais dos tempos e lugares. Missão que foi suscitada durante o tempo da pandemia, quando a população em situação de rua não tinha mais assistência, as Irmãs procuraram dar alimento e atenção, enquanto muitos se isolavam devido à COVID 19.

No período da pandemia a nossa congregação sentiu o clamor do povo em situação de rua. Fazíamos a distribuição dos alimentos que eram produzidos por nós mesmas. Diante disso, recebíamos diversos relatos dos acolhidos. Um deles nos informou que estava desde a noite anterior sem se alimentar. Outro nos contou uma história bem marcante, o qual falou que "nós não pegar essa doença, pois ninguém chegava perto de nós com medo". Outro nos perguntou o que colocávamos na sopa para ser tão gostosa. Respondemos que o ingrediente especial era "o amor".

Com o passar do tempo não conseguimos produzir o alimento e ir distribuir, pois éramos poucas, resolvemos fazer uma parceria com a ONG Anjos da Noite, que já distribuía alimentos nas ruas. Essa cooperação funcionava da seguinte forma: nós produzíamos os alimentos e eles faziam a distribuição. Certo dia sentimos a necessidade de ajudar na distribuição dos alimentos que já acontecia na Igreja de Santa Cecília, em Boa Vista - Recife, PE. Quando chegamos no local um deles chamando "Pessoa" questionou uma irmã: "cadê o Jesus e a Maria de vocês, que vocês não vieram mais nos visitar?" ela explicou que não estávamos fazendo a distribuição, mas estávamos produzindo o alimento e ele falou: "mas nós não queremos só o alimento, vocês também nos escutam".

Nesse sentido a Casa de Lourença procura ser a resposta que provém do apelo do próprio grupo assistido, de ser escutado, para além de um prato de comida, existe uma outra necessidade, que gera empatia, compaixão, dignidade, esperança, como nos sinaliza o Papa Francisco: "Ouvir com o ouvido do coração." Através de uma escuta qualificada se pretende humanizar as relações e superar alguns estereótipos em relação a população em situação de rua.

Os três primeiros meses foram de adaptações, reconhecimento, divulgação, diálogos, aperfeiçoamento, enfim, tivemos uma participação muito restrita da população em situação de rua, que não conseguia reconhecer o espaço como sendo mais uma oportunidade de cuidados que estava aberto e voltado para eles.

As parcerias

Vislumbramos esse cenário mudar e crescer de maneira satisfatória e intensa, a partir do mês de agosto de 2022, quando fizemos a parceria com a Escola Técnica de Enfermagem Irmã Dulce, através da pessoa de Luciélma, que disponibilizou duas equipes para atuarem na Casa de Lourença. A partir daí o público mais que triplicou.

Vale ressaltar ainda que a Casa de Lourença, passou por algumas reformas necessárias, tendo em vista, o aperfeiçoamento no atendimento dos serviços prestados. Foi organizada uma sala para curativos e posto uma pia para lavar as mãos na sala da saúde.

É importante enfatizar que as parcerias foram e são de fundamental importância para que possamos desenvolver o trabalho e oferecer uma qualidade nos servi-

ços prestados, destacamos abaixo nossas parcerias: CAEP - Centro de Análise e Estudos Psicanalíticos, MNPR/PE - Movimento Nacional da População de Rua em Pernambuco, EID - Escola Técnica de Enfermagem Irmã Dulce, Pastoral do Povo da Rua, Policlínica Gouveia de Barros, Obra Lúmen de Evangelização. Cada uma delas foi de suma importância para que nosso Projeto tivesse alcançados metas tão expressivas e significativas na atuação junto a população em situação de rua.

Destacamos ainda, entre as parcerias realizadas, a presença ativa dos Seminaristas: Diocese de Penedo, AL, Diocese de Garanhuns, PE e Diocese de Afogados da Ingazeira, PE. Eles têm dado uma assistência riquíssima no acompanhamento da espiritualidade dos nossos assistidos, que depois dos encontros saem muito satisfeitos e leves espiritualmente. Percebemos que a participação dos Seminaristas tem tido um efeito salutar para nosso Projeto, acredita-se que isso se dá pela maneira, como eles se aproximam dos nossos usuários.

Constatamos também que outra equipe que está fazendo a diferença é a de Enfermagem, pois eles têm uma abordagem direta com a população em situação de rua, desde procedimentos da área da saúde até no jeito de ajudar a escolher uma roupa dentre as doações que chegam.

Verificamos que a escuta qualificada exige uma postura na dimensão da viabilidade da garantia de direitos, que precisa e demanda em algumas situações, alguns encaminhamentos para fazer com que essa escuta seja objetivada através das demandas apresentadas e que necessitam de uma postura efetiva. Vejamos o que vem a ser, cada uma dessas escutas:

Escuta Social: É pautada principalmente no processo de acolhida, que procura identificar o caráter diagnóstico dessa escuta que deve apreender dados do campo relacional familiar, econômico e social, compreender os múltiplos significados das demandas e vulnerabilidades, identificar recursos e potencialidades. Ela também é a porta de entrada para a população em situação de rua (PopRua) que quer ser institucionalizado, dialoga com todos os equipamentos que se relacionam com a Casa de Lourença e realiza visitas Institucionais procurando dar visibilidade e conseguir novas parcerias para nosso Projeto.

Escuta Saúde: No que tange ao serviço à saúde são realizados acompanhamentos ao banho, realização de exame físico em busca de achados importantes, curativos simples, aferição de pressão, corte de unhas, cabelo e barba, oximetria e HGT em jejum se necessário, monitoramento do peso

e aconselhamentos. Foi realizada uma escuta ativa e qualificada dos moradores em situação de rua, em congruência com uma inspeção minuciosa ensinada e passada para os alunos da EID tornando-os autônomos no processo do cuidado, realizando o primeiro acolhimento e se necessário, a partir da ferramenta do exame físico, a identificação dos achados importantes que precisam de maior atenção e acompanhamento especializado são reconhecidos pela equipe e encaminhados ao profissional médico da casa, e ainda a policlínica Gouveia de Barros para atendimentos posteriores, a partir do contato com o enfermeiro que trabalha no local.

Escuta Psicológica: A psicanálise é um dispositivo para uma escuta que desvela a complexidade do inconsciente e daquilo que realmente é dito além do sintoma. A escuta psicanalítica provoca o paciente a se colocar diante de suas próprias palavras, é uma escuta ativa, pois leva o sujeito a examinar e se dar conta de sua própria “singularidade” e se “implicar” com ela, isto é, dar consequência, decidir o que fazer com isso.

Escuta Espiritual: Acontece em consonância com as demais escutas que aí se realizam diariamente. Trata-se de iluminar com a luz da fé e da Palavra de Deus

os horizontes, muitas vezes obscurecidos dos nossos irmãos em situação de rua. Na escuta é prioridade um acompanhamento com abertura, sem julgamentos nem preconceitos, com acolhimento e empatia, o sigilo do conteúdo escutado e a devida orientação necessária. Aqueles que buscam a escuta espiritual se mostram muito satisfeitos e dizem se sentirem, de fato, ajudados. Aquele que faz a escuta espiritual também vive uma profunda experiência de humanidade e do verdadeiro sentido da espiritualidade, que é levar as pessoas a uma conveniente relação consigo mesmas, com os demais e com Deus.

Atualmente a Casa de Lourença tem aproximadamente 1.200 pessoas cadastradas. É um número bastante expressivo de pessoas que utilizam o espaço da Casa para atender alguma necessidade pessoal. Verificamos que diariamente são feitos novos cadastros, nos sinalizando a itinerância e heterogeneidade dessa população. Estando em conformidade com o decreto 7.053/2009²:

² Decreto Nº 7.053 de 23 de dezembro de 2009, Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências.

considera-se população em situação de rua o grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória.

Constata-se através da participação e dos depoimentos dos usuários o bom êxito da Casa de Lourença e como ela tem sido de suma importância para esse público, que têm se sentido muito bem acolhido, pois nosso atendimento humanizado, tem feito uma grande diferença, como alguns já disseram: “Recebem um tratamento diferenciado, em relação as demais Instituições, que prestam atendimento ao PopRua.”

Tais depoimentos nos deixam cientes de que estamos no caminho certo, embora precisemos ampliar nossa rede de doadores e voluntários que queiram se somar ao nosso trabalho e que comunguem dos mesmos ideais oferecidos pela Casa de Lourença.

Deste universo de assistidos, alguns expressaram o desejo de serem acolhidos pelas Institui-

ções que oferecem esse tipo de trabalho. Nós encaminhamos para a Comunidade Obra Lúmen, quatro pessoas em situação de rua, das quais, duas ainda permanecem fazendo o processo de ressocialização.

Na medida em que avançamos com as atividades na Casa de Lourença, vamos nos comprometendo significativamente com a causa do nosso público alvo. Participamos do dia de luta, 19 de agosto, marcado pela chacina da Sé, em São Paulo; Comitê Estadual de Políticas Públicas para Pessoas em Situação Rua; Audiências Públicas; PopRuaJud (Que tem como finalidade facilitar o acesso da população em situação de rua ao judiciário).

Sentimos que essa missão é um sinal profético para a VRC, pois nos ajuda a viver a opção preferencial pelos pobres que está no coração do Evangelho. Nos ajuda a compreender que compartilhar com os pobres significa também nos enriquecer uns com os outros e juntos sonharmos com uma sociedade mais justa, fraterna e solidária, através da efetivação do acesso a direitos e cidadania que se conscientiza por meio de políticas públicas de qualidade e eficientes. Superando a pobreza extrema, erradicando a fome e dignificando a pessoa humana.

CASA AMAZÔNICA DE FRANCISCO E CLARA.

Ir. Elis Alberta Ribeiro dos Santos¹

Introdução

Este breve relato objetiva apresentar a iniciativa de mulheres consagradas que realizaram uma mobilização, junto à Igreja local, para incentivar a implantação de uma Casa de Francisco e Clara na periferia do bairro Zumbi dos Palmares, na zona Leste da cidade de Manaus. Movimento que foi assumido como uma possibilidade de encarnar e tornar fecundo o chamado do Papa Francisco, em terras amazônicas, que consiste em contribuir para construção de economias que superem o princípio da maximização do lucro e a lógica de extração ilimitada da Mãe Terra. A proposta quiz também reunir práticas e saberes que brotam das periferias organizadas e de grupos sociais que são

duramente afetados pelo sistema capitalista.

A Articulação Brasileira pela Economia de Francisco e Clara, desde maio de 2019, construiu grupos de trabalhos e produziu documentos que foram frutos de discussões internas, como os 10 princípios para viver a Economia de Francisco e Clara e o projeto Casas de Francisco e Clara. Este, por sua vez, foi abraçado como possibilidade de territorializar a proposta da Articulação Nacional, através das/os jovens que estiveram no encontro Internacional da Economia de Francisco, realizado em setembro de 2022, na cidade de Assis, Itália, e outros agentes de transformação, que se juntaram às/aos jovens para efe-

¹ Religiosa Indígena do Povo Mura. Irmã da Divina Providência. Mestra em Antropologia Social. Integrante do Secretariado Nacional pela Economia de Francisco e Clara e Articuladora da Casa Amazônica de Francisco e Clara.

tivarem concretamente o pacto com o Papa Francisco: dar alma à economia.

Nessa perspectiva, constituiu-se na Área Missionária Santos Mártires, Zona Leste de Manaus, um amplo debate, no desejo de tornar realidade sonhos conectados e criar a primeira casa de Francisco e Clara na região Amazônica. Foi uma iniciativa socioambiental da Igreja local, articulada por religiosas, leigas e leigos, em sua maioria mulheres e jovens, para desenvolver projetos econômicos comunitários, ecológicos, orgânicos e sustentáveis que cuidam da Casa Comum.

A Casa tem como missão fomentar um espaço de diálogo, reflexão e boas práticas de economias do Bem Viver a partir das necessidades do território amazônico. Tendo como objetivo territorializar a proposta da Economia de Francisco e Clara por meio de uma educação e espiritualidade ecológicas a serviço dos povos amazônicos. A iniciativa está vinculada à Articulação Brasileira pela Economia de Francisco e Clara – ABEFC, assumindo uma identidade de trabalho articulado em rede.

O espaço criado contempla a manutenção de uma horta comunitária urbana, a produção de sabão ecológico e o trabalho com

Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), além dos espaços formativos sobre economias do Bem Viver e Ecologia Integral. Promove-se também a economia solidária prezando pelo trabalho em redes, contando inicialmente com ajuda de Instituições, principalmente, religiosas para a manutenção dessas ações que fazem parte da Casa, também existe parcerias com Faculdades e Universidades.

O coração da Casa brota do reconhecimento das potencialidades do território, já que há muito tempo mulheres e homens se organizam para transformar as ruínas em novas construções e fazer de seus espaços lugares-farol de esperança. Deve-se reconhecer que já existem formas alternativas de se fazer economia e esses formatos já são experimentados com os frutos da Economia Solidária e de outras iniciativas que fomentam a agricultura orgânica e integram campo-cidade, com projetos de mobilizadores/as locais, para economias alternativas, coletivos de produtores comunitários e com o trabalho cooperado. O objetivo da Casa é integrá-los cada vez mais na vida comunitária, para que a comunidade seja meio e fim do trabalho desenvolvido, reconhecendo assim a cidadania econômica de todos os atores sociais.

Territorializando a Proposta

A consolidação das Casas de Francisco e Clara nasce da união estratégica de diversas iniciativas já experimentadas por comunidades espalhadas pelo Brasil. Inspiradas por um novo fôlego que surge do chamado do Papa Francisco e motivadas a romper com estruturas econômicas caducas, as casas, potencializam trabalhos e projetos a partir de um espaço que é referência da comunidade. Esse espaço como referência é, sobretudo, o ambiente oferecido, que favorece a mística, a troca, o diálogo, a escuta, o planejamento e a realização de projetos de caráter socioambiental que visam conceber e/ou fortalecer economias alternativas para melhoria das condições de vida das pessoas e comunidades alcançadas, em conjunto com o cuidado e defesa da Mãe Terra. Tem-se como horizonte a promoção de uma Ecologia Integral, baseada em uma economia que faz viver e não mata, que cuida da terra e não a degrada, que mobiliza à comunidade para uma transformação social. Essa economia nós chamamos de Economia de Francisco e Clara.

Com o desejo de territorializar a proposta do Papa, a Articulação Brasileira pela Economia de Francisco e Clara (ABEFC), lançou o projeto das Casas de Fran-

cisco e Clara pelo Brasil, que tem como base a *Laudato Si* e se movimenta a partir da espiritualidade de São Francisco e de Santa Clara de Assis, onde Jesus nos chama, hoje, a reconstruir o nosso Planeta, que está em “ruínas”, frente a um sistema econômico adoecido e predador.

Da Articulação Nacional, partimos para nosso território periférico. O debate em torno da Campanha da Fraternidade de 2023 nos impulsionou a assumir um compromisso com a pobreza da terra e dos seus povos. No diálogo com os comunitários, eles lembraram da atuação das Irmãs da Divina Providência, como uma presença profética para consolidação dos direitos humanos, da comunidade/bairro e das famílias, desde o início da ocupação.

A partir desse resgate histórico e da análise da realidade local, abraçamos três ações que mobilizaram a criação da Casa Amazônica de Francisco e Clara: a implantação da horta comunitária urbana, a produção do sabão ecológico e as Práticas Integrativas Complementares em Saúde, motivando mulheres e jovens a resgatarem os saberes dos nossos povos amazônicos e dos nossos ancestrais.

O projeto ganhou força com o ciclo de formação, realizado em

dois meses, para compreensão do chamado do Papa Francisco e da proposta da ABEFC, conectado com a realidade da Amazônia e de seus povos. Também foi trabalhado temas relacionados a produção e manutenção da horta comunitária e uso das plantas medicinais. Para a realização desse ciclo formativo contamos com a parceria da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), da Faculdade Católica do Amazonas, da Rede Eclesial Panamazônica (REPAM) e dos próprios membros da casa, especialmente das mulheres, que compartilharam dos seus saberes para a capacitação da equipe.

A partir dos sonhos conectados e com desejo de cuidar da nossa querida Amazônia construimos, com muitas mãos, a Casa Amazônica de Francisco e Clara, na Área Missionária Santos Mártires (bairro Zumbi dos Palmares, zona leste da cidade de Manaus). Um espaço ecológico de oração, encontro, partilhas, formação e incidência política. Para a realização desses sonhos, que se conectaram, desde a periferia até outros espaços e instituições que têm somado junto conosco, foi preciso mobilizar pessoas de boa vontade. Um grupo aproximadamente de 25 articuladores/as, em sua maioria mulheres e jovens.

Nossa mobilização foi crescendo e tomando rosto, sonhos co-

nectados tornaram-se realidade. Com a presença do Cardeal Leonardo Steiner, OFM, foi inaugurada a primeira Casa Amazônica de Francisco e Clara, no quintal da casa das Irmãs da Divina Providência. Como integrantes da ABEFC e coautoras do livro “Re-almar a Economia”, Ir. Elis Alberta dos Santos e Gabriela Conso-laro conduziram o lançamento da obra em meio à comunidade reunida, em celebração e unidade. Vários representantes de instituições locais também se fizeram presentes.

Envolvidas/os pela proposta do Papa Francisco para darmos alma a economia e cuidarmos da nossa casa comum, a criação da Casa Amazônica foi e é uma resposta aos apelos da periferia da cidade de Manaus, que sofre com uma série de violências, afetando principalmente, crianças, jovens e mulheres, sem falar nas violências predatórias ao meio ambiente, do mau uso dos descartáveis e da produção, cada vez maior de lixo que permanece espalhado em vários pontos da cidade.

Hoje, estamos com o projeto consolidado, que oferece também um espaço formativo sobre economias do Bem Viver e Ecologia Integral, a partir de uma espiritualidade encarnada na realidade da nossa “Querida Amazônia”. Assim favorecemos a economia

solidária, prezando pelo trabalho em redes, contando com ajuda de Instituições, principalmente religiosas para a manutenção dessas ações que fazem parte da Casa, também temos parcerias com Faculdades e Universidades.

A partir do contexto social urbano periférico, a casa Amazônica de Francisco e Clara, tem consolidado as práticas do bem viver dos povos da Amazônia. O espaço de escuta tem oportunizado as narrativas das mulheres mais velhas, que com os seus saberes ancestrais, motivam aos/as jovens a se reconectarem com os valores culturais que lhes foram retirados pela colonização.

A Casa Amazônica de Francisco e Clara tem como missão fomentar um espaço de diálogo, reflexão e boas práticas de economias do Bem Viver a partir das necessidades do território amazônico. Como objetivo geral busca territorializar a proposta da Economia de Francisco e Clara por meio de uma educação e espiritualidade ecológicas a serviço dos povos amazônicos.

A casa é o espaço em que a comunidade se encontra e dialoga sobre o cuidado da casa comum e da importância de promover a economia solidária e participativa, de modo que todas e todos participem, visando o bem comum de

seus membros e do entorno. O território é o lugar da transformação e os saberes compartilhados promovem o espírito de pertença ao que é comum (a casa) e o amor pela causa.

As mulheres e os jovens articulados entre si, com o projeto e com o entorno, tornaram-se mobilizadoras de casas de Francisco e Clara. Atualmente outras organizações ou pessoas que desejam realizar alguma mobilização territorial, solicitam ajuda da Casa Amazônica. O sonho de ser um espaço de referência tornou-se realidade. Como nos apresenta o Papa Francisco na *Laudato Si*:

A cultura ecológica não se pode reduzir a uma série de respostas urgentes e parciais para os problemas que vão surgindo à volta da degradação ambiental, do esgotamento das reservas naturais e da poluição. Deveria ser um olhar diferente, um pensamento, uma política, um programa educativo, um estilo de vida e uma espiritualidade que oponham uma resistência ao paradigma tecnocrático e capitalista (LS 111).

Nossa mobilização tem oportunizado essas vivências. Em uma Amazônia pluricultural temos sonhado, a partir da periferia, um mundo possível e saudável para se viver, no qual, as diferenças sejam valorizadas e que nossas culturas sejam preservadas.

Uma voz profética e esperançosa na periferia de Manaus

O nosso sonho é de uma Amazônia que integre e promova todos os seus habitantes, para poderem consolidar o “bem viver”. Mas impõem-se um grito profético e um árduo empenho em prol dos mais pobres. Pois, apesar do desastre ecológico que a Amazônia está enfrentando, deve-se notar que “uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social”, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, “para ouvir tanto o clamor da terra, como o clamor dos pobres” (QA 8).

Nos primeiros encontros para apresentação e adesão da proposta da Economia de Francisco e Clara junto às lideranças comunitárias da Área Missionária Santos Mártires, foi unânime a recordação com muito carinho e saudade do trabalho desenvolvido pelas Irmãs da Divina Providência, que auxiliaram as famílias em seu sustento por meio da implementação de hortas comunitárias e a fabricação dos pães.

Além das multimisturas, remédios caseiros, plantas medicinais e várias outras iniciativas desenvolvidas em outras épocas que beneficiaram as populações

do bairro, promovendo geração de renda e resgatando a dignidade de adultos e jovens, a criação do Clube de Mães, a Pastoral da Criança e o Projeto Criança Cidadã foram instrumentos essenciais para mobilizar as pessoas para o trabalho comunitário e fortalecer a organização social para enfrentamento das vulnerabilidades sociais, possibilitando o fortalecimento de ações e iniciativas que apoiaram o protagonismo das comunidades e grupos sociais, amparando aos mais pobres e excluídos/as da sociedade. A luta pelo direito à terra e a moradia digna sempre estiveram presentes nas ações da Irmãs.

A presença da VRC nas organizações e movimentos populares é uma atuação profética na Amazônia. Nas comunidades de inserção somos poucas, mas pelas diversas situações de vulnerabilidades que passam nossos povos, nos unimos intercongregacionalmente para promover ações em prol da vida. Assim tem sido na casa Amazônica de Francisco e Clara. Somos três comunidades que pertencem à três congregações Religiosas femininas e contamos também com a parceria da Sociedade das Missões Estrangeiras.

No dia da inauguração da casa Amazônica, o Cardeal Leonardo Steiner destacou a importância da iniciativa, alertando que “a

Economia só tem sentido quando está a serviço, quando ajuda a criar fraternidade, quando ajuda a criar justiça, quando ajuda as pessoas a terem vida digna” (STEINER, 2023):

uma iniciativa pequena, igual à semente, que a gente persevera, acredite na força da semente, acredite que é possível uma nova economia, uma economia da fraternidade, uma economia onde todos tenham oportunidade, uma economia da solidariedade, uma economia da partilha”, pedindo a Deus “a graça de caminhar juntos e construirmos esse mundo novo tão necessário, que no Evangelho Jesus chama de Reino de Deus”, e que “não nos esqueçamos que todos nós estamos ao serviço do Reino de Deus (STEINER, 2023).

Interpeladas/os pelas mudanças climáticas, pela fumaça que assola e sufoca nossa região, pelos clamores dos povos indígenas e dos pobres da periferia urbana da capital amazonense, nos unimos para proporcionar uma casa no chão da Amazônia que favorece

uma experiência mística, profética, popular, mas sobretudo, comunitária, com o protagonismo feminino, que mostra que a Igreja é de fato povo de Deus que se movimenta, que se organiza, que pensa, que consegue refletir um sistema e movimentar pessoas para fazer outras

realidades acontecerem, realidades inclusivas, plurais, acolhedoras, de trabalho comunitário, de mão na terra e sorriso no rosto (CONSOLARO, 2023).

É uma economia da esperança, do bem viver dos povos amazônicos, da solidariedade, do bem comum. Uma economia que faz viver e não mata, que compartilha das dores, dos desafios e esperanças da comunidade, que se reúne em torno da mesa, na fraternidade e no amor, que é movida por uma espiritualidade encarnada e ecológica. Propomos um novo horizonte, dos passos dados na caminhada, nos quais sejam possíveis os diferentes modos de bem viver. Precisamos estabelecer relações de reciprocidade e coletividade com todos os seres vivos e não vivos, pois a Terra é a maior das expressões da Criação.

Formamos a Articulação Brasileira pela Economia de Francisco e Clara, trazemos a importância e o reconhecimento das lutas das mulheres na construção de novos mundos mais justos e diversos. Pautado pela agroecologia, medicina integrativa, sabão ecológico e comunhão fraterna, o grupo se fortalece e segue desenvolvendo este verdadeiro farol de esperança.

Para concluir este breve relato, compartilho mais um farol de

esperança. Estamos ampliando a casa Amazônica para abraçar mais uma iniciativa local: a Casa Amazônica Vestibulares que prepara a nossa juventude da periferia para ingressar em uma Universidade. Pautadas/os pelo dinamismo da proposta do Papa Francisco, além do currículo con-

templar os temas do processo seletivo dos vestibulares, valorizaremos o projeto de vida, a ecologia integral e o compromisso com as causas da Amazônia.

Celebremos! E usemos as mãos para fazer da Casa de Francisco e Clara realidade em todos os territórios do Brasil.

Referências

CONSOLARO, Gabriela. Inauguração da primeira Casa de Francisco e Clara na Amazônia. 31/11/2023. **IHU**, São Leopoldo, 1 de dezembro de 2023. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/634823-a-economia-ela-esta-morta-porque-a-economia-ela-devia-estar-ao-servico-das-pessoas-afirma-cardeal-steiner-na-inauguracao-da-1-casa-de-francisco-e-clara-na-amazonia>. Acesso em: 28/02/2024.

FRANCISCO, Papa. **Laudato Si**. Carta Encíclica sobre o cuidado da Casa Comum. São Paulo: Paulus, 2019.

FRANCISCO, Papa. **Querida Amazônia**. Exortação Apostólica pós-sinodal ao povo de Deus e todas as pessoas de boa vontade. São Paulo: Paulus, 2020.

STEINER, Leonardo. Inauguração da primeira Casa de Francisco e Clara na Amazônia. 31/11/2023. **IHU**, São Leopoldo. 1 de dezembro de 2023. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/634823-a-economia-ela-esta-morta-porque-a-economia-ela-devia-estar-ao-servico-das-pessoas-afirma-cardeal-steiner-na-inauguracao-da-1-casa-de-francisco-e-clara-na-amazonia>. Acesso em: 28/02/2024.

PROJETO TRANSFORMAÇÃO: SINODALIDADE E CUIDADO DE MÃOS DADAS.

Ir. Sylvania Ioner¹
Ir. Jaqueline Zilli²
Márcia Carbonari³

O começo

Em 2023, o Papa Francisco convocou o Sínodo da Igreja, mas diferentemente dos anteriores, o encontro buscou envolver todos e todas no processo sinodal, onde o escutar uns aos outros foi premissa central. Assim, ele convidou a Igreja inteira a se interrogar sobre um tema decisivo e provocativo: “O caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que

Deus espera da Igreja do terceiro milênio”.

O Concílio Vaticano II (1962-1965) recuperou a compreensão da Igreja como Povo de Deus composta por todos os batizados, homens e mulheres que se colocam a caminho no anúncio da pessoa de Jesus e de seu projeto. Agora, estamos sendo chamados a “caminhar juntos”, testemunhando

¹ Religiosa da Congregação Nossa Senhora e presidente da Associação das Entidades do Projeto Transformação. Graduada em Administração de Empresas e Especialista em Getsão Hospitalar e Gestão de Pessoas. Endereço para contato: silvani@notredame.org.br

² Religiosa das Irmãs Franciscanas Missionária de Maria Auxiliadora e vice-presidente da Associação das Entidades do Projeto Transformação. Graduada em Teologia, Ciências da Computação e Tecnologia de Processos Gerenciais. Especialista em Espiritualidade Franciscana e Marketing Digital. Endereço para contato: Jaqueline.fmma@gmail.com

³ Coordenadora de Projetos na Associação das Entidades do Projeto Transformação. Licenciada em História. Mestra em Educação. Endereço para contato: mariacarbonari30@gmail.com

a alegria da salvação e a experiência do amor de Deus para uma Igreja sinodal, feita de “comunhão”, “participação” e “missão”.

Em sua página oficial, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) destaca a sinodalidade como “o esforço coletivo e a busca contínua a caminhar juntos como irmãos e irmãs que somos” (CNBB, 2023). É um jeito de ser Igreja pelo qual cada pessoa é importante, tem voz, é ouvida, capacitada e envolvida na realização da missão. Sinodalidade é encontro, é diálogo, é caminhar juntos tal qual Cristo em Emaús. Segundo o documento *Instrumentum Laboris* (SEGRETARIA...,2023), alguns sinais da sinodalidade na Igreja são o reconhecimento da dignidade comum, o serviço, a escuta, o exercício da humildade e do perdão, de encontro e diálogo, a vivência da unidade na diversidade, uma Igreja aberta, acolhedora, que abraça, que administra tensões, que busca o discernimento por meio da prática do diálogo no Espírito, onde a escuta da experiência vivida por cada um estimula a passagem do “eu” para o “nós”.

Tocados por essa inspiração, queremos registrar neste texto a experiência realizada pela Igreja de Passo Fundo junto ao Projeto Transformação. Uma experiência

de mais de quinze anos onde o aspecto intercongregacional e o “caminhar juntos” se fortalece a cada novo ano de existência.

Uma experiência sinodal no cuidado da vida, da criação e das pessoas

O ano de 2007 foi um período marcante, fruto de um desafio de realidade, ao pensarmos o tema do meio ambiente e das pessoas que faziam a catação de materiais recicláveis. Aproximadamente mil e quinhentos catadores e catadoras de materiais recicláveis disputavam espaço pelas ruas da cidade. Eram homens, jovens, mulheres, muitas delas gestantes ou acompanhadas de crianças em cima dos carrinhos que se misturavam com feixes de papelão, plástico, metais e vidros que representavam o ganha-pão da família. A realidade inquietava e impulsionava pessoas e entidades.

Naquele mesmo ano, a Campanha da Fraternidade - CF propôs a reflexão sobre “Fraternidade e Amazônia”, e lema “Vida e missão neste chão”. A Campanha instigou a reflexão de como pensar ações na Arquidiocese de Passo Fundo. Que relação tinha a Amazônia com este chão de Passo Fundo? Qual gesto concreto poderia representar o cuidado com a Casa Comum? A CF visava fomentar práticas de solidariedade

com os povos da Amazônia na luta pela preservação das condições de vida e do meio ambiente naquele ecossistema e, ao mesmo tempo, conscientizar sobre as questões ambientais nas demais regiões. Ou seja, refletir sobre ações na Amazônia significava valorizar a riqueza natural do Brasil e da América Latina, assim como, pensar e agir sobre a questão ambiental em contexto local.

Provocados pelo tema da Campanha da Fraternidade e buscando dar uma resposta a realidade difícil dos catadores e catadoras de Passo Fundo, algumas entidades eclesiais e instituições religiosas ligadas a Arquidiocese de Passo Fundo, no Rio Grande do Sul, iniciaram o Projeto Transformação. O Transformação é sinal concreto, é mostra de que o diálogo no Espírito é um caminho fecundo e amoroso na busca de uma Igreja Sinodal.

Nesta perspectiva, foi no diálogo e encontro entre Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria Auxiliadora (AMA), Caritas Arquidiocesana de Passo Fundo, Congregação Missionária Redentorista (Instituto Menino Deus), Congregação de Nossa Senhora (SND), Fundo Diocesano de Solidariedade (FDS), os Missionários da Sagrada Família (ASafa) e Paróquia Santa Teresinha que

nasceu uma iniciativa buscando enfrentar o desafio urgente de preservar e recuperar o meio ambiente em que vivemos, buscando articular a necessidade do cuidado da vida humana e ambiental, educando para a convivência sábia do ser humano com a natureza e ajudando na construção de alternativas de preservação do meio ambiente, diminuindo o impacto ambiental em nosso meio e ajudando na geração de renda e inclusão social de diversas famílias por meio de trabalho digno e sustentável.

Com o tempo, algumas destas entidades se desligaram, umas passaram a se integrar na modalidade de apoiadoras e outras como associadas. Atualmente são entidades integrantes da Associação das Entidades do Projeto Transformação: Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria Auxiliadora (AMA), Caritas Arquidiocesana de Passo Fundo, Congregação de Nossa Senhora (SND), Congregação Missionária Redentorista e Missionários da Sagrada Família (ASafa).

O nome Projeto Transformação, engloba três verbos: TRANSFORMAR, FORMAR, AGIR, que formam a palavra TRANSFORMAÇÃO, e que possibilitam infinitas propostas e ações. Mais que palavras, expressam atitudes e

compromissos que evidenciam a experiência no projeto. As três palavras buscam caracterizar a atuação de forma indissociável. Assim, o Projeto Transformação, através de seus programas e ações: busca a transformação da realidade local, sem esquecer o olhar de respeito e dignidade da Casa-Comum; quer *formar* (educar, conscientizar) as pessoas e a comunidade, na construção de uma nova cultura; busca a *ação* concreta no sentido de incluir e promover trabalhadores e trabalhadoras esquecidos da sociedade. O “A” da palavra ação é maiúsculo, levando em conta dois aspectos: o primeiro, dando um horizonte ao projeto e chamando atenção para o mesmo, de forma diferente; O segundo, os projetos, os discursos que impactam, a atitude consciente, só produzem efeito quando traduzidos em ações concretas.

Assim, de imediato, duas frentes foram organizadas. Uma delas na produção de papel reciclado na comunidade da Vila Jardim, com o grupo de mulheres e a outra com a organização de uma associação de recicladores na Vila Popular. A seguir faremos um relato breve do início dos trabalhos.

O local de atuação junto à Vila Popular era conhecida como a “Cruzeirinho”, pois as pessoas que ali moravam eram da periferia da Vila Cruzeiro, ou seja,

periferia de uma periferia. Foi realizado um levantamento socioeconômico onde identificou-se uma realidade de extrema exclusão, onde a maioria das pessoas viviam da coleta de materiais recicláveis. Através da Paróquia Santa Terezinha foi conseguido a cedência de um terreno da Prefeitura Municipal, e de posse do terreno iniciou-se a construção de um galpão de 726,60 m². Este foi construído com recursos das entidades fundadoras do projeto, recursos públicos e da Procura Missionária dos Missionários da Sagrada Família. Parte do pavilhão foi destinado ao grupo de catadores e catadoras e parte para desenvolvimento de atividades comunitárias. No ano de 2008, com o pavilhão finalizado, o projeto dedicou-se à organização de catadores e catadoras em uma associação, a Associação Amigos do Meio Ambiente (AAMA). Foi um longo processo de formação com foco no trabalho cooperativo e economia solidária. No dia 20 de agosto de 2008 o espaço foi inaugurado e a associação iniciou o trabalho com a coleta, separação e comercialização de materiais recicláveis. Hoje, a AAMA transformou-se em Cooperativa de Trabalho Amigos do Meio Ambiente (COAMA), que conta com dez integrantes e desde 2022 iniciou uma parceria com uma grande e reconhecida empre-

sa de biodiesel chamada B8 para o atuar também na coleta do óleo de cozinha usado, por meio do Projeto Ser Sustentável.

Ao mesmo tempo o espaço comunitário foi usado para o desenvolvimento de celebrações, encontros, atividades com crianças, artesanato. Aos poucos as entidades amadureceram a ideia de iniciar ali um atendimento para as crianças e adolescentes filhas dos catadores e catadoras. Assim nascia o Projeto Transformação em Arte, que hoje é o Programa Criança e Adolescente onde acontece o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, atendendo no contraturno escolar, quarenta e cinco crianças e adolescentes com oficinas de inclusão digital, musicalização e socialização e projeto de vida. O Programa conta com uma equipe de coordenação, educadores sociais, psicóloga e assistente social que realizam atividades com objetivo de garantir os direitos das crianças e adolescentes e a proteção social às famílias. Grande parte do público atendido é filho de catadores e catadoras da nossa cidade.

No final de 2008, o Projeto Transformação recebeu um pedido de ajuda da Cooperativa Mista de Produção e Trabalho dos Empreendedores Populares da Santa Marta (COOTRAEMPO). Fundada em 2005, encontrava-se

em dificuldade de organização e funcionamento, poucos membros, pouco material para a triagem. O Projeto Transformação aceitou o desafio de auxiliar a Cooperativa e passou a integrá-la no trabalho de assessoria. A COOTRAEMPO ficou por muitos anos atuando na Vila Donária, até que em janeiro de 2022 um incêndio destruiu o pavilhão onde acontecia o trabalho de reciclagem. A alternativa foi integrar o grupo de catadores e catadoras da Vila Donária aos do bairro Bom Jesus, onde existia um pavilhão que estava cedido para a Associação de Recicladores Esperança da Vitória (AREVI). Como essa associação não estava mais em funcionamento, foram feitas tratativas para que a COOTRAEMPO pudesse realizar seus trabalhos ali. A COOTRAEMPO funciona hoje no Bairro Bom Jesus e possui em torno de 10 cooperados, sendo assessorada pela Projeto Transformação.

Em 2009, foi realizado um encontro promovido pelo Projeto Transformação, catadores e catadoras, apoiadores e a Secretaria Municipal de Meio Ambiente. Neste encontro a voz dos catadores e catadoras se levantou e propôs ao Município de Passo Fundo, por meio da Secretaria do Meio Ambiente, para que a empresa privada que realizava o trabalho no aterro do município (lixão) se

retirasse e a esteira fosse entregue para uma associação de catadores. O aterro ficava no Parque Bela Vista, nele os catadores individuais acampavam numa área próxima. Quando as máquinas que traziam os resíduos da cidade se retiravam, eles subiam no “lixão” para catar. Ouvindo a voz profética do povo, a Igreja representada nas entidades que congregam o Projeto Transformação, passou a dialogar com os catadores e catadoras daquele local. O processo de organização passou por muita escuta, diálogo, acolhimento, discernimento e convencimento. Foram necessários vários momentos de formação e capacitação, análise da realidade e envolvimento de vários sujeitos, entre eles o poder público. Assim, com paciência e determinação nasceu a Associação dos Recicladores do Parque Bela Vista (RECIBELA), que em julho de 2010 iniciou o trabalho na esteira com sessenta e cinco catadores e catadoras. Um feito histórico para a cidade, onde pela primeira vez uma associação de catadores e catadoras assumiu a triagem de resíduos no aterro sanitário. Hoje a RECIBELA é uma cooperativa de trabalho e congrega mais de 80 trabalhadores, sendo na sua maioria mulheres.

A COAMA e A COOTRAEMPO, realizam a triagem, fardamento e

comercialização de resíduos para a indústria em dois galpões. O resíduo que chega até estes espaços se dá em formato de PEV – Pontos de Entrega Voluntária em empresas, residências, instituições de ensino, órgãos governamentais, condomínios, Eco pontos, entre outros. A coleta ocorre por agendamento ou rotas fixas. Os catadores passam nestes locais e coletam o resíduo, dispondo de caminhão de coleta identificado. Diferentemente das outras duas cooperativas, a RECIBELA atua na Central de Triagem e Transbordo do município. O resíduo que é triado, fardado e comercializado para as indústrias de reciclagem é resultado da coleta seletiva que ocorre no centro da cidade ao longo da Avenida Brasil e mais alguns bairros. A Prefeitura Municipal adotou o sistema de contêineres, sendo de dois tipos: o contêiner azul para resíduo seco e laranja para o orgânico. Os trabalhadores da RECIBELA utilizam de esteira e máquinas para dispor do resíduo que chega da coleta seletiva da cidade e daí passa pelo processo de triagem. Segundo dados divulgados pela Secretaria do Meio Ambiente, cada habitante da cidade produz em média 800 gramas a 1 kg de resíduos por dia, totalizando mais de 190 toneladas.

Os catadores/as organizados em cooperativas são homens e

mulheres de pouco estudo, muitos semianalfabetos, jovens e idosos que vivem em bairros periféricos da nossa cidade e de muita vulnerabilidade. Tiram do resíduo o sustento de suas famílias. Possuem um saber que veio da experiência e realizam um trabalho valoroso de cuidado com o planeta. A cada papelão, latinha, papel que passa pela mão do catador na mesa de triagem do galpão, é um papelão, uma latinha, um papel a menos que engrossa os aterros e lixões. O catador/a devolve o resíduo ao ciclo econômico e poupa o planeta da extração.

Hoje temos em torno de cem catadores que desenvolvem suas atividades em cooperativas de trabalho assessoradas pelo TransformAção, gerando renda e inclusão social e econômica aos catadores e catadoras de Passo Fundo.

Cuidando de mãos dadas

Desde a fundação, o Projeto é mantido com a participação solidária das entidades que o compõem. Mensalmente são realizadas reuniões para dialogar sobre as ações e a organização do trabalho. Hoje, são cinco entidades da igreja católica de Passo Fundo, sendo duas delas de religiosas (Congregação Nossa Senhora e Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria Auxiliadora), duas

delas de religiosos (Congregação Missionária Redentorista e Missionários da Sagrada Família) e a Cáritas Arquidiocesana que congrega religiosos, leigos e leigas. Homens e mulheres que num espaço democrático e horizontal se unem na missão de transformar a realidade em que vivem. Como batizados e batizadas, sentem e vivenciam o compromisso de ser Igreja em movimento, “Igreja Tenda” que está junto de quem mais precisa. Homens e mulheres que experienciam um caminhar respeitoso de reconhecimento da dignidade de todos e todas como filhos e filhas de Deus.

Cabe destacar também o aspecto intercongregacional do Projeto TransformAção, onde quatro congregações de religiosas e religiosos atuam de modo conjunto, associado, cooperativo para alcançar os objetivos traçados e manter viva a missão. Sabemos que cada congregação religiosa tem seu carisma, sua estrutura, sua dinâmica própria de organização. No Projeto TransformAção, as instituições religiosas vivenciam a diversidade na unidade.

No ano de 2010 as entidades fundadoras do Projeto TransformAção, criaram a Associação das Entidades do Projeto TransformAção, uma associação civil de direito privado, sem fins econômicos e de assistência social.

O trabalho intercongregacional também acontece na manutenção da associação criada, onde cada entidade membro colabora com uma mensalidade. Além da mensalidade, as entidades colaboram com a liberação de recursos humanos, financeiros, cedência de carro, equipamentos e da sede onde funciona a parte administrativa da entidade.

A participação das entidades na associação se dá pela indicação de representantes. Os representantes compõem a equipe diretiva da entidade, responsável por dinamizar as ações e organizar o funcionamento. O Projeto também conta com um grupo de colaboradores contratados que auxiliam nas atividades diárias junto ao público atendido. Diretamente temos mais de quinze pessoas que atuam na entidade, sendo dez colaboradores e cinco da equipe diretiva.

O Projeto Transformação inspirado pelo slogan “Cuidar da vida, cuidar da natureza, cuidar das pessoas”, desde sua origem, vem desenvolvendo ações no tema da educação socioambiental, cooperativismo, serviço de convivência e fortalecimento de vínculos com criança e adolescente e fortalecimento de políticas públicas. Esses são desdobrados em seu planejamento anual em seis programas:

O primeiro programa – **EDUCAÇÃO SOCIOAMBIENTAL** – visa o desenvolvimento de atividades formativas em escolas, universidades, empresas, igrejas, condomínios por meio de oficinas, palestras, conversas, visitas às cooperativas de reciclagem que almejam despertar a sensibilização e conscientização da comunidade para a questão ambiental e social, envolvendo a temática de destinação de resíduos, buscando destacar a importância da reciclagem assim como a sua contribuição para a preservação de recursos naturais e geração de trabalho e renda às cooperativas, construindo cidadania.

O segundo programa – **COOPERATIVISMO** – tem por objetivo estimular o desenvolvimento integrado das cooperativas de catadores/as, ofertando condições favoráveis para qualidade de vida no trabalho de coleta, triagem e comercialização dos resíduos recicláveis, com enfoque voltado a potencializar o espírito cooperativo, a produção, a inclusão social, a renda e a emancipação a cem catadores e catadoras da cidade de Passo Fundo. Desde 2007 a organização atuou na constituição e assessoramento de três cooperativas de trabalho, sendo: **COAMA**, **COOTRAEMPO** e **RECIBELA**, como já relatado. O processo de assessoramento acontece de modo

sistemático e continuado, com reuniões semanais, encontros de formação, apoio na gestão administrativa, contábil, negociações com o poder público e gestão de contratos, documentos institucionais, atualização estatutária, licenças, comercialização, logística e manutenção de maquinários e equipamentos e busca de recursos para manutenção dos galpões.

O terceiro programa se propõe a garantir SERVIÇOS DE CONVIVÊNCIA E FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS ÀS CRIANÇAS E ADOLESCENTES em situação de vulnerabilidade social na faixa etária de 06 a 15 anos, através de atividades formativas nas dimensões físico, artístico e culturais, em vista da promoção da cidadania. Atendemos 45 crianças e adolescentes no turno inverso escolar, com oficinas de musicalização, socialização e projeto de vida e inclusão digital, com sede na Vila Popular, na cidade de Passo Fundo.

O quarto programa desafia-se a participar de modo efetivo em instâncias de proposição de POLÍTICAS PÚBLICAS para a garantia de direitos, em especial às crianças e adolescentes, mulheres, famílias e catadores. Participamos dos Conselhos do Meio Ambiente, Crianças e Adolescentes, Assistência Social e atua de

forma permanente na vigilância e proposição de avanços à política do município de Passo Fundo.

O quinto programa procura dar VISIBILIDADE às ações do Projeto Transformação e entidades associadas, demonstrando seu compromisso com a sustentabilidade socioambiental e ampliação de parcerias. O destaque é a manutenção do site institucional para divulgação das ações (www.transformação.eco.br) e de suas redes sociais no Facebook e Instagram.

O sexto programa visa desenvolver GESTÃO QUALIFICADA em âmbito estratégico-político e operativo, ampliando parcerias, mantendo o horizonte e fortalecendo a atuação do Projeto Transformação. Por meio deste programa busca formas de sustentabilidade financeira da entidade, tanto por meio de projetos, quanto por meio de convênios, doações, entre outros.

O Projeto Transformação é reconhecido como entidade de assistência social. Mas o objetivo das suas ações vai além da oferta de serviços de convivência e fortalecimento de vínculos, no caso de crianças e adolescentes, ou de assessoramento às cooperativas na busca de mediar a geração de emprego e renda a través da reciclagem, ou ainda, a mera

conscientização socioambiental. O grande propósito do Transformação é transformar a vida das pessoas envolvidas, através de sua valorização, promoção humana e social, acesso aos direitos. O Projeto Transformação não busca a promoção das entidades religiosas que dele fazem parte, mas a promoção das pessoas e na busca constante do caminho do “eu” para o “nós”.

O Projeto Transformação busca despertar a necessidade do cuidado da vida humana e do meio ambiente. Isso supõe educar para uma relação de cuidado, numa visão de complementariedade. Implica o uso racional dos recursos naturais e a produção de alternativas a sua exploração econômica, diminuindo o impacto da ação humana sobre o meio ambiente. Agir no cuidado do meio ambiente significa considerar a condição das pessoas. Trabalhar na promoção da vida humana ganha mais sentido e efetividade cuidando do meio ambiente. Cuidando das duas dimensões cuidamos da vida, de fato. Há uma perspectiva de interligação, pois todos dependemos da Casa Comum e dos seus recursos.

A sinodalidade não é apenas um conceito que busca explicar um modo de ser, é também uma exigência batismal. O “jeito sinodal de ser” exige disposição, preparação e conversão. Com Emaús podemos aprender que muitas vezes nos pegamos preocupados com a realidade dos fatos, atordoados pelos acontecimentos, assustados por tanta injustiça. Cegos por tanta dor não conseguimos enxergar o que temos no caminho. É no caminho que encontramos a força do amor e da comunhão, o anúncio de que a vida vence a morte.

No Projeto Transformação buscamos humildemente realizar uma caminhada intercongregacional, não somos muitos, mas estamos juntos na construção de um jeito de ser Igreja em abertura, Igreja em missão. Temos muitos desafios internos e externos, mas inspirados em Emaús, caminhamos com passos firmes, não mais cabisbaixos e assustados, mas apressados para anunciar a boa nova baseada no cuidado da vida, da natureza, das pessoas.

Encerramos com um extrato do poema “Transformação” escrito pela Irmã Miria Bordin, das Irmãs Franciscanas Missionária de Maria Auxiliadora e que compôs o livro celebrativo dos dez anos do Projeto Transformação.

*Do caos brotou a vida
Misteriosamente a Criação
O Planeta Bela Casa
Obra sem poluição
Nobre inteligência
Possui o homem pra cuidar
Se corrompe, envenena
O Planeta clama
Seleta é a mente
De quem para
De quem sente
De quem pensa nesta gente
Que vai e vem sem condição
Seleta é a mente
De quem age e propõe
Sábua alternativa
Viável solução
Distinta é a ação
Que mistura e tece rede
Que amassa e gera sede
De justiça e compaixão
Especial a excelência
De quem pensa e humaniza
Quem dialoga e organiza e
constrói em mutirão
Seleta é o grupo
Que caminha pelas ruas
Que limpa com mãos nuas a
cidade
Em busca do pão*

*Seleta são as mãos
Que solidárias se entrelaçam
Que saúdam quando passam
Geram vida....sensibilização
Que juntas trabalham
Reciclando papelão
Plástico de toda espécie
Num humilde barracão
TRANSFORMAÇÃO é
movimento
É vai e vem de caminhão
Movimento que agrega
Toca lixo com as mãos
Arrastando o consumismo
Da casa ao pavilhão
Na carga e na descarga,
O olhar no reciclável
Pessoas em libertação
Ousado e excelente
É o trabalho reciclador
Na quadra, no contêiner
Na parada, no elevador
O olhar logo acredita
É bom...restaurador!
Criativa, discreta, solidária
Audaciosa é a ação
É uma luz para a cidade
O Projeto Transformação
Sua presença é esperança
Tece humanização.*

CNBB. **Você sabe o que é o Sínodo?** Brasília, 2023. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/sinodo2023/> Acesso em: 28 de fevereiro de 2024.

PROJETO TRANSFORMAÇÃO: 10 anos cuidando da vida, da natureza e das pessoas/ Projeto Transformação. Passo Fundo: Saluz, 2017.

SEGRETERIA GENERALE DEL SINODO. **Instrumentum Laboris**. XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos. Roma, 2023. Disponível em: https://www.synod.va/content/dam/synod/common/phases/universal-stage/il/POR_INSTRUMENTUM-LABORIS.pdf Acesso em: 28 de fevereiro de 2024.

FOI POR AMOR. É POR AMOR.

Ir. Maria Couto¹

Introdução

O acompanhamento da juventude tem sido pauta constante nos meios sociais, eclesiais e familiares. As realidades juvenis são o grito que não cessa, não acalma nossos ouvidos. Que precisamos priorizar, acompanhar a juventude é fato, é opção assumida pela Igreja em seus vários Documentos. Pensar neste acompanhamento é pensar em pessoas concretas para exercer este ministério. Contemplando e sentindo esta realidade a RACJ (rede de assessores e cuidantes da juventude nasceu com esta missão de preparar pessoas que se colocam à disposição para viver tal vocação. Acompanhar a juventude é um ministério vocacional.

O presente texto quer nos convidar a, juntos, reassumir a opção preferencial pela juventude especialmente para aqueles que acompanham a juventude. Sem adultos comprometidos, o desafio do acompanhar e cuidar da juventude continuará sendo metas e propósitos que não saem do papel. A RACJ, foi e é um processo que saiu do papel e que vem se concretizando dia a dia nas mais diversas realidades da juventude. O amor é que nos coloca em movimento para bem vivermos este compromisso nas e das Galileias juvenis.

Ao contemplar a juventude na semana do jovem líder, Pe. Hilario Dick viu e sentiu que os jovens

¹ Religiosa das Irmãs Missionárias do Santo Nome de Maria. Psicóloga clínica. Coordenadora Regional da CRB Amazonas e Roraima. Assessora Regional PJ Norte I. Com a colaboração de Emanuel Saraiva, Lourenzzo Gondin, Jocê Mendes. Endereço para contato: liouto43@gmail.com

meninos e meninas da nossa Arquidiocese estavam caminhando sozinhos, como ovelhas sem pastor, sem o acompanhamento de pessoas adultas. Com a sua experiência de cuidante da juventude, ele mandou um recado aos jovens adultos, religiosos e padres para uma conversa de gente grande, uma conversa de quem fala com autoridade, de alguém que anuncia o amor de Deus para com a juventude e denuncia o descuido dos adultos para com a juventude. Foi com firmeza que, olham no olho, ele nos chamou à responsabilidade. É sobre este itinerário de amor e cuidado, de compromisso com a vida da juventude que vamos refletir. A Rede de Assessores, Assessoras e Cuidantes da Juventude: um olhar diferente sobre os jovens e os cuidantes!

A necessidade, a caminhada e o amor fazem brotar algo novo

São 13 anos de acompanhamento, cuidado e compromisso com a vida da juventude, muitos são os aspectos a serem considerados, porém o início de tudo fez e faz nosso coração arder. A RACJ nasceu de dois chamados: primeiro dos jovens que sempre olho para nós adultos, como referência no processo de educação da fé, e

para eles a semana do jovem líder era um lugar que deveríamos estar; segundo, foi de um assessor que falava com autoridade, alguém que escolheu a juventude como espaço teológico e teologal, onde Deus sempre se manifesta e nos convida a encontrá-Lo.

Estamos falando da Primeira Semana do Jovem Líder, em janeiro de 2011. Os jovens com sede de se reencontrar e reencontrar, pensaram num evento grande, mobilizador, inspirador. Tiveram a ideia de uma formação que reunisse toda a juventude pejoteira de Manaus e deram o nome de Semana do Jovem Líder - SJL. Chamaram o guru da P.J, Padre Hilário Dick. Quando ele aceitou o convite, foi um êxtase só! A SJL seria um espaço para se encontrar, celebrar, discutir temas variados e potencializar a aproximação com os grupos de jovens das comunidades. Foi tudo lindo, desafiador, grande, alegre e profético. Porém, faltava algo, ou melhor, faltava alguém. Os adultos que acompanham os jovens, Onde estavam? Estavam ausentes. Sentia-se falta dessas pessoas. Então, em diálogo com Padre Hilário Dick, houve a ideia de convocar pessoas que de certa forma amavam a juventude. Leigos, leigas, religiosos e religiosas foram convidados. Alguns não puderam, mas um grupo de 20 pes-

soas conseguiu se reunir com o mestre do acompanhamento. Foi uma experiência maravilhosa: conversamos, brincamos, refletimos, até que veio a conversa franca: *Vocês não têm vergonha de deixar os jovens assim, abandonados à própria sorte? Cadê o amor pela juventude? Cadê o compromisso eclesial? Cadê o acompanhamento das congregações? A partir desse encontro, o que farão?*

Todos ficamos profundamente tocados e por que não dizer, entristecidos e envergonhados. As palavras de Hilário Dick tocaram profundamente nosso ser. Porque não era uma simples crítica, não era uma bronca, era um apelo, uma denúncia profética, da pessoa que era referência em acompanhamento, que tinha gastado sua vida em prol da juventude e isso traz autoridade para nos virar de cabeça pra baixo e dar um choque de realidade. O encontro terminou maravilhosamente bem e nos fez assumir o compromisso com o acompanhamento. A casa dos Irmãos Maristas tornou-se a nossa tenda e, no dia 27 de fevereiro de 2011 iniciamos nossa primeira reunião. Mobilizamos um total de 40 pessoas. Foi um encontro decisivo. Ouvimos a PJ da Arquidiocese de Manaus e do Regional Norte I. Decidimos trabalhar em rede, leigos, leigas, religiosos e religiosas, neste dia, nasceu a

Rede de Assessores, Assessoras e Cuidantes da Juventude.

A Caminhada

Foram vários momentos marcantes, mas vamos por parte. Primeiramente teríamos que nos fixar como grupo, portanto, criamos uma equipe de articulação: Jeferson Torres, Ir. Maria Couto, Emanuel Costa, Lourenzzo Gondim. Como medida imediata, assumimos o acompanhamento e a assessoria provisória da Coordenação Arquidiocesana da PJ: Rosiete Barros, Ir. Lélio Mathias (Marista) e Edney Mendonça. E caminharam por um ano, até a assembleia dos jovens, onde foi indicada uma assessoria leiga e um padre para o acompanhamento. Concomitante a isso, refletíamos sobre nossa missão e organização enquanto rede.

Espaço de Formação de Assessores

Com a meta de cativar novos assessores realizamos em 2012, o 1º Fórum Arquidiocesano de Assessores e Cuidantes da Juventude – FAAC. O objetivo do fórum era estudar um tema e refletir sobre juventude e acompanhamento. Essa atividade se deu com bastante animação. Conseguimos reunir

dezenas de assessores, de diferentes lugares. Percebemos que refletir sobre a juventude enquanto adultos era importante e necessário, assim como ouvir os jovens também nesse espaço. Os fóruns têm sido este espaço de cuidado e acompanhamento dos jovens e cuidantes. Segue abaixo os temas dos fóruns até então realizado:

- a) 1º FAAC - 12, 13 e 14 de janeiro de 2012 com o Tema: Ministério da Assessoria;
- b) 2º FAAC - 14, 15 e 16 de fevereiro de 2014 com o Tema: Assessores/as e Cuidantes: Eclesialidade e Processo de Educação na Fé.

Em 2016 resolvemos ampliar o público, já que trabalhamos em rede. Chamamos de FACEAJ: Fórum de Assessores, Cuidantes e Educadores de Adolescentes e Jovens. A ideia era atingir novos acompanhamentos, com um olhar voltado para os catequistas de crisma, colégios católicos, congregações que trabalham com jovens, outros grupos juvenis, claro, sem deixar de lado a nossa querida PJ. E assim se deu essa integração com outros grupos que acompanham jovens e suas diversas realidades.

1º FACEAJ - 26, 27 e 28 de fevereiro de 2016 com o Tema: Projeto de Vida dos Adolescentes e Jovens;

2º FACEAJ - 23, 23 e 25 de fevereiro de 2018 com o Tema: Juventude e Espiritualidade;

3º FACEAJ - 29 de fevereiro e 01 de março de 2020 com o Tema: Juventude, Cidadania e Vida. Dom e compromisso;

4º FACEAJ – 08 e 09 de março de 2024 – A Arte de nos cuidar é um ato de amor.

Escola de Educadores de Adolescentes e Jovens

Orientados por Carmem Lúcia Teixeira da Rede Caminhos de Esperança em parceria com a Congregação Irmãs Adoradoras do Sangue de Cristo, a PJ Regional e Arquidiocesana, realizamos em fevereiro de 2013 a Primeira Escola de Educadores de Adolescentes e Jovens em nosso regional. Fomos assessorados por Vanildes e Lourival Rodrigues da Antiga Casa da Juventude. Juntamos nosso talento, poucos recursos e muita vontade de aprender.

A escola foi realizada em 6 módulos, que abrangeram desde a percepção da pessoa do educador; a compreensão de quem são os adolescentes e jovens, ou seja, conhecer nosso público destinatário. Também conhecer o processo de formação integral grupal e suas dimensões. Trabalhamos em nós, a construção da utopia e o pa-

pel da assessoria. Refletimos sobre a Metodologia do Acompanhamento e o Planejamento da Ação. Tudo com muita vivência, mística, alegria e criatividade, que são os pontos fortes da Escola.

Essa atividade trouxe maior capacitação e animação para o trabalho. Espalhou-se pelo Regional e todos os parceiros realizaram suas escolas. A Rede de Assessores realizou quatro escolas, de dois em dois anos. Todas com ótima adesão. Hoje contamos com centenas de pessoas formadas e animadas para o acompanhamento juvenil. Estamos estudando o retorno dessa atividade, com sua essência e roupagem pós-pandemia.

Outras Atividades belas e importantes

Tardes-dias de Formações: sempre realizamos esse espaço mais enxuto, porém importante, que ajudam no acompanhamento juvenil, ao mesmo tempo possibilita a aproximação com jovens e assessores. Temas como Projeto de Vida, Cidadania, Despertar Vocacional para Assessoria de Jovens, acompanhamento litúrgico, cuidado consigo mesmo e escuta ativa, foram temas que compuseram esses dias ou tardes de formações.

Vivência e Espiritualidade Amazônicas: duas de nossas assessoras se especializaram nessa vivência, Jôce Mendes e Mara Pacheco. Tivemos vários encontros e vivências, assim como contribuimos com encontros diversos na Igreja Norte 1. A ideia é sempre possibilitar uma formação humana e artística às lideranças juvenis, dentro de uma perspectiva amazônica, libertadora, que faça com que o jovem se expresse sem amarras, cultivando a ética e o lúdico. Os cantos, os cheiros, as cores, as danças e culturas amazônicas estão presentes nessa experiência. O Rural, o urbano e o ribeirinho se encontram na espiritualidade e na ética de uma ecologia integral. Nossa grande meta é contribuir para a afirmação da Identidade Cultural na Amazônia. As atividades acontecem através do estudo e da prática de dança e do teatro, das artes visuais, dentre outras.

Formação sobre Acompanhamento Espiritual da Juventude. Realizamos em parceria com a Congregação dos Padres Jesuítas essa atividade. Sempre houve um questionamento de como acompanhar, dialogar e orientar os jovens com os critérios fundamentados no evangelho, porém com o olhar humano, sem moralismos e experiências ultrapassadas. Partindo do encontro pessoal, oração e partilha de vida.

Missão com a Juventude

Chamamos as variadas atividades de missão, pois procuramos atender as diversas necessidades dos jovens e assessores. Essa missão se dá através da presença amiga e formativa nas assembleias, nos encontros de formação, retiros, congressos, além de reuniões e eventos. Assumimos as bandeiras de lutas dos jovens: educação, emprego, participação eclesial e social. Continuamos sempre presentes nas Semanas dos Jovens Líderes.

Olhar sobre nós mesmos

Para nós, a Rede de Assessores, Assessoras e Cuidantes das Juventudes é um espaço que nos leva a experiências mais profundas com o Divino, com o nosso ser, com a outra pessoa, com a realidade juvenil e com a comunidade. Somos um grupo que cultiva e valoriza a diversidade, que ajuda e participa na construção dos processos formativos dos jovens e agentes comprometidos com as realidades juvenis.

Acompanhamos os mais diversos rostos, sobretudo rostos amazônicos, com a primazia dos excluídos da sociedade e das igrejas. A juventude empobrecida, os assessores e cuidantes das juventu-

des são nosso terreno de missão. Lugar onde encontramos o rosto de Deus, muitas vezes ferido, machucado, desfigurado, desafiando-nos a sermos presença de esperança e testemunhas do amor misericordioso de Deus.

Nossa Identidade

Com a peneira de construção, entrelaçamos parcerias que também desenvolvem os trabalhos com as juventudes, terçemos os sonhos e a utopia. Vivemos e queremos vivenciar nossos sonhos e ações em rede, que não cabem em nós mesmos, mas que se espalham junto com outras redes, como a CRB e diversas congregações religiosas, Pastoral Vocacional, Rede um Grito pela Vida, REPAM, Pastoral da Juventude, Rede Caminhos de Esperança, dentre outras redes que colaboram com a construção do Reino de Deus.

Em nosso grupo, procuramos ouvir e sentir o grito e o clamor das juventudes, assim partilhamos o pão da esperança, promovendo espaços de formação integral, espiritual, mística, artística, social e política. Nosso enfoque é essencialmente pastoral, o que não separa o mundo real, onde os jovens estão.

Nós da RACJ somos de diversas áreas de atuação pastoral e profissional. Temos entre nós leigas e leigos, irmãs e irmãos, Padres e Bispos (que nos apoiam), administradores, artistas, terapeutas, profissionais de terapias integrativas, professores, eletricitas, pedagogos, empreendedores e tantos outros. A formação acadêmica é importante, mas não é a única que fala, pois valorizamos a sabedoria popular.

Promovemos formações em diversas formas, escola, oficinas, aulas e módulos. Nossa formação é processual, integral e diversa. Atuamos dentro e fora de Manaus e em nível regional, nacional e internacional em parceria com Arquidiocese, Regional, CRB, Pastoral Vocacional, paróquias e áreas missionárias, Casa Magis, Pastoral dos Migrantes e Coordenação de Pastoral Arquidiocesana.

Acreditamos que a nossa maneira de atuação da diversidade missionária, reverbera a forma como acompanhamos e formamos agentes comprometidos na construção do Reino de Deus. Nossa forma de diálogo é um formato de peneira, ou seja, em círculo, para olhar e enxergar a realidade de cada pessoa, nossas fitas, são os laços que entrelaçamos com os nossos parceiros de caminhada e amizade que cultivarmos entre nós e os que caminham conosco.

Caminhamos na palavra de Mateus 5, 13-14 que nos diz “vocês são sal da terra e luz do mundo, a nossa forma de ver é como Cristo nos vê, com amor e compaixão, nosso sabor é tirado do peneirar da farinha, cheiros e sabores da Amazônia, nosso falar é através da palavra de Jesus Cristo e do testemunho, da nossa fé, somos guiados pela luz divina que ilumina nossa caminhada missão e nossa identidade. Não somos um grupo grande, mas trabalhamos em rede. Acreditamos em nós e nos outros. Fazemos parte uma grande rede de proteção e cuidado, a rede que ajuda na construção de um mundo que pode ser diferente, onde a pessoa, a economia e a ecologia podem viver integralmente. Somos felizes na Grande Rede.

É inegociável para nós, o reino da justiça, do amor, do direito e da vida. A Vida é nossa maior bandeira de luta. Nela está o ser humano, a natureza, a cultura. Nossa característica é miscigenada, cheia de respeito pela diversidade, pela união de todas as pessoas, crenças, raças, povos, etnias e vivências afetivas.

Aprendemos a nos deixar ser acompanhados e acompanhar, respeitando o espaço e processo de cada pessoa na sua especificidade e nas suas limitações. Nos-

soos projetos atividades são nos-
sos tesouros, que fazem parte da
construção da nossa história com
os desafios atuais.

Como assessores e cuidantes acreditamos que para cumprir nossa missão é necessário cuidar de nossa formação interna, preparando-nos e nos atualizando para missão formativa. Nossa formação e capacitação potencializam e estimulam os processos de formação inteiro e integral, com uma espiritualidade libertadora amazônica, a partir da realidade de cada pessoa, interagindo nesse modo de ser e viver. Além de potencializar o protagonismo juvenil, rumo a civilização do amor, assim como o texto do CELAM, que nos ajuda a compreender esse papel. O assessor, de acordo com o documento “Civilização do amor: tarefa e esperança” (CELAM, 1997), é alguém que passou pelas etapas de formação propostas pela pastoral e que tem clareza delas, assim sendo, tende a estar preparado para acompanhar outros jovens para que estes façam também este percurso formativo.

Precisamos ter coerências em nossas práticas e testemunhos, para assim poder acompanhar com compromisso e excelência a vida das pessoas, desde o nosso projeto de vida até a escuta ativa. Faz parte de nossa essência e

percebemos que somos chamados para viver esse mistério da assessoria com compromisso e excelência.

Desafios lançados

Após 13 anos, percebemos que é hora de rever com muito cuidado a caminhada e alegrar-nos pelos acertos bem como termos humildade para reconhecer os equívocos na caminhada. Com um olhar propositivo e acolhedor para o futuro. Os jovens e assessores merecem nosso melhor. Necessitamos nos lançar para águas mais profundas. Assim assumimos:

Desafio de alcançar, dialogar, caminhar e acompanhar outros jovens. Ao nosso redor percebemos a diversidade de jovens: hip-hop, de grupos de dança, agremiações, partidos políticos, migrantes, jovens LGBTQIA+, etc. Esses jovens nos desinstalam e nos impelem a nos lançar para nos preparar e dialogar com esses grupos, sair em missão e ir ao encontro dos outros.

Desafio de trabalhar em Rede. Essa realidade nos convoca ao diálogo e a conhecer os trabalhos de pessoas comprometidas com a vida. Temos o exemplo da Rede um Grito pela Vida, que combate o tráfico de pessoas, especialmente de adolescentes e

jovens. Assim como a Pastoral do Menor, que trabalha com adolescentes em situação de vulnerabilidade. A Pastoral dos Migrantes, que tem uma grande população juvenil em seu público-alvo. Citamos essas para termos exemplos concretos, mas existem muitas outras iniciativas que cultivam o bem. Precisamos aprender a trabalhar com um olhar unificado, sem perder a especificidade de cada organização.

Desafio de Priorizar os Assessores e Cuidantes. Nesse viés, cada vez mais percebemos um número de pessoas adultas espalhadas nas comunidades e grupos, que acompanham a juventude, porém sem apoio e a devida formação. Por vezes escutamos o clamor de serem também acompanhados, valorizados, ouvidos acolhidos, assim como Jesus fez com seus discípulos “Venham comer!”, disse Jesus. Nenhum dos discípulos tinha coragem de perguntar: “Quem é você?”, pois sabiam muito bem que era o Senhor. (Jo 21,12). Essa atitude de cuidado e carinho com os próprios assessores se faz necessário e urgente, já que na maioria das comunidades isso não existe.

Desafio de ter uma estrutura que corresponda aos dias atuais. É um grande desafio organizacional. Ter uma estrutura

leve, que funcione, mas que seja capaz de responder aos desafios que surgem na missão. Hoje somos um grupo reduzido. Apesar de diversos apoios externos, precisamos de mais gente no grupo, que nos fortaleçam a caminhada e nos anime a continuar. Ao mesmo tempo cuidar da nossa saúde financeira, pois não temos nenhum financiamento externo, a não ser o apoio em algumas atividades. Vivemos da doação dos próprios membros, que são profissionais trabalhadores de diversas áreas. Mesmo assim conseguimos realizar nossas atividades e metas. Porém em um olhar mais a longo prazo, percebe-se a necessidade de investir para melhor atender aos jovens e assessores.

Conclusão

Ao falamos de ministério da assessoria e acompanhamento, estamos falando de serviço, e conseqüentemente exige vocação, a RACJ é um ministério vocacional, nos sentimos chamadas e chamados por Deus Pai, Filho e Espírito Santo, e iluminados pela Mãe Maria, para cumprir esta missão dentro e fora das comunidades, levando e partilhando uma educação na fé, nos princípios do evangelho, no testemunho, no projeto do reino, fazendo

que os jovens tenham a certeza que não caminham só, que há pessoas que os ouvem, cuidam e com quem eles podem contar, assim como diz o Doc 85 que

embora protagonista do seu próprio processo de crescimento humano e cristão, o jovem não caminha sozinho. No processo de acompanhamento o assessor é o acompanhante principal que ajuda o jovem a definir o seu projeto de vida, segundo o projeto de Jesus Cristo. Trata-se de uma pessoa que já clareou seu projeto de vida, passou pelo processo de discernimento vocacional e procura integrar fé e vida. Celebra e partilha sua fé e seu trabalho junto com os jovens. É um educador na fé, pelo testemunho de coerência e pela explicitação do anúncio do Senhor Jesus. Ao mesmo tempo, tem consciência de não ser o responsável principal do acompanhamento do amadurecimento na fé dos jovens, porque sabe que se trata, sobretudo, de uma obra do Espírito Santo (EJ, p. 34, 2007).

Portanto, somos instrumentos também da obra, ou seja, a fé, que tem movimento, ação e que não está parada, ela nos faz caminhar juntos de mãos dadas para que ninguém se sinta desacompanhado, somos como discípulos de Emaús, que vamos revelando Cristo na amizade, no caminho, no processo, na escuta, na pre-

sença, na ternura, na acolhida e no respeito, assim somos naturalmente tocados a estarmos inseridos nos espaços de evangelização e missão.

A Vida Religiosa Consagrada sempre foi presença concreta na RACJ, ajudando a pensar e a cuidar da juventude, consciente da importância e relevância deste processo de cuidado e acompanhamento da juventude na Assembleia de 2023, da CRB Regional Amazonas e Roraima, após um bom tempo de reflexão e momentos de ressignificar a caminhada, assembleia acolhe e abraça a RACJ como um grupo de reflexão, cuidado e acompanhamento da Regional. Levando em conta a prioridade da CRB Nacional e Regional de acompanhar a juventude este foi um gesto concreto e profético de vivermos a sinodalidade na missão e no cuidado. Como VRC, precisamos nos inserir nestes espaços, retomar o compromisso, o cuidado e opção preferencial pelos pobres e pelos jovens assumida em Puebla. Queremos aqui parafrasear o querido poeta Zé Vicente: É por amor;

Sim é por amor, que seguimos pelo rio e pela estrada, pelos becos e vielas para encontrar os meninos e meninas, jovens das Igrejas de: Itacoatiara e Parintins, Coari e São Gabriel da Ca-

choeira, Borba e Tefé, Roraima , Manaus e Tabatinga, que nos desafiámos e juntamos forças para resgatar o rosto de Deus pai e mãe tantas vezes desfigurados pelo descompromisso social, pela exploração. Nestas Igrejas que tem a missão marcada pelas distancias e tantos outros desafios a RACJ vem buscando ser sinal de vida e esperança e profecia para tantos assessores e cuidantes que muitas vezes não tem com quem contar. Nosso louvor e gratidão pela mística e profecia vivenciada pela Vida Religiosa, juventude, bispo, padres, leigos e leigas, que de mãos dadas constroem o caminho sinodal proposto pelo querido Papa Francisco o cuidado com vida, com a dignidade humana. Gratidão profunda aos homens e mulheres, consagrados e consagradas que deixaram para sempre em nossa colcha o retalho de cuidantes e cuidadores da vida da juventude. É por amor! Sim, é por amor à vida da juventude que profundamente doloridos recolhemos em nossos braços os que foram brutalmente feridos, pela migração, o garimpo ilegal, que duramente afeta o coração e a missão da Igreja, que mata e desfigura a vida das juventudes. Juntamos as mãos e os corações, para com ternura, leveza e amor trazer o óleo da suavidade, a água do compromisso e o vinho da com-

paixão testemunharmos o amor que vai além da vida.

É por amor!

Sim, é por amor à vida que a vida Religiosa Consagrada do nosso Regional Norte I, se desafia abraçar a Juventude, a cuidar das vítimas de violência , tráfico e abuso sexual com a Rede um Grito pela Vida, rede de assessores e cuidantes da juventude. Sim, é por amor que tantas vezes estamos onde ninguém quer estar e mesmo quando não somos vistos e vistas nós continuamos lá, mesmo que de forma invisível por que fomos chamados, consagrados e consagradas e enviados para simplesmente amar, ser sinal da boa notícia do Reino. E quando por algum motivo não conseguirmos o amor testemunhar, ainda assim seremos um retalho na imensa colcha que o nosso Regional Norte I por isso pedimos: Vamos somar o que temos em comum, diminuir as nossas diferenças, dividir e partilhar a vida e o pão e multiplicarmos o que nos fortalece na missão “O amor”, pois somos desafiados a desesperadamente amarmos. É por amor, sim é por amor que a 70 anos a VRC do Brasil, abraça a juventude, a missão e a sinodalidade para permanecer fiel a Jesus Cristo, centro da nossa Missão.

CELAM. **Civilização do amor**: tarefa e esperança. Orientações para a pastoral da juventude latino-americana. São Paulo, Paulinas 1997.

EVANGELIZAÇÃO DA JUVENTUDE: desafios e perspectivas pastorais. Brasília: CNBB, 2007.

Zé Vicente. **É por amor**. Disponível em: <https://pjcanoas.blogspot.com/2013/02/e-por-amor-ze-vice.html> Acesso em: 30 de março de 2024.

PARTILHA DOS CARISMAS CONGREGACIONAIS COM LEIGOS E LEIGAS.

Ir. Lurdes Luke¹

O que é Partilha de Carismas

Nas últimas décadas a Vida Religiosa Consagrada (VRC) assumiu uma consciência nova a respeito da importância do trabalho conjunto com Leigos e Leigas, compartilhando um sentido de missão decorrente da vocação batismal a serviço do Reino de Deus (DAp, n. 236). Por outro lado, há um crescente reconhecimento da importância da presença e atuação de profissionais de diferentes credos que vivem valores éticos e morais em diferentes áreas de apostolado, no contexto de um mundo em rápida transformação (CONGREGAÇÃO..., n. 5-6).

A criação e atuação de equipes e grupos da Partilha de Carismas das Congregações, com cristãos Leigos e Leigas, sempre teve o apoio e incentivo das Congregações, das Assembleias da CRB/RS e da CRB Nacional, através da escolha de prioridades (CRB Nacional, 2019, p. 12), que deram suporte à continuidade da caminhada. A animação dos Leigos e Leigas, pelos Carismas, contagia, anima e desafia as Congregações a partilhar a “pérola preciosa” do seu Carisma Congregacional.

O presente artigo aborda dois espaços da Partilha do Carisma. Na primeira parte encontra-se a

¹ Religiosa da Congregação das Irmãs da Divina Providência. Licenciada em Pedagogia e Ciências Religiosas. Possui Especialização em Espiritualidade e Orientação Espiritual. Coordenadora da Prioridade “Partilha do Carisma e Espiritualidade com Leigos e Leigos”, na Província da Irmãs da Divina Providência. Integrante do Grupo da Partilha de Carismas da CRB Regional/RS e Família dos Carismas CRB Nacional. Endereço para contato: ir.lurdesdp@gmail.com

narração da experiência da Congregação das Irmãs da Divina Providência e na segunda parte a vivência do grupo da Partilha de Carismas na CRB/RS.

Partindo de uma experiência concreta

A Congregação das Irmãs da Divina Providência desde seu início contou com a presença e atuação de pessoas leigas, que prestaram ajuda e assistência junto à missão da nova fundação. Já no processo de decisão para iniciar a obra, o fundador Pe. Eduardo Michelis envolveu um grupo de amigos.²

Esta presença e participação dos Leigos e Leigas na história da Congregação, sempre mais se tornam um desafio concreto para os tempos de hoje. Sensibilizados pelos gritos da realidade, pela necessidade e sede de espiritualidade, cresce o espírito de busca, aproximação e engajamentos. Desde a chegada das Irmãs da Divina Providência na América Latina, em 1895, uma nova história está sendo vivida e narrada.

A primeira motivação para iniciar a Partilha do Carisma e da Espiritualidade da Divina Providência com Leigas e Leigos foi o Seminário da Comissão Missionária do Regional Sul 3, promovido pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e pelo Conselho Missionário Regional (COMIRE), em 1987. Neste Seminário a Congregação se fez presente e confirmou a importância de não reter o Carisma e sim torná-lo conhecido e amado.

No Capítulo Geral da Congregação em 1988, em Münster, Alemanha, esta experiência também foi uma luz. A partir dali o caminho foi se abrindo, se ampliando e gradativamente as pessoas Leigas foram tendo espaço no coração e nos engajamentos da Congregação.

Assim, no decorrer dos anos, a Congregação deu vários impulsos que favoreceram a continuidade da partilha do Carisma e ampliaram espaços de participação das Leigas e Leigos. Em 1992, no ano do Sesquicentenário da Congregação, aconteceu o Sínodo dos Bispos na América Latina. Este, entre outros aspectos do Vaticano II, destacou o protagonismo das Leigas/os na Igreja. Esta realidade confirmou o desejo da Congregação de partilhar a riqueza do

² Pe. Eduardo Michelis fundou a Congregação das Irmãs da Divina Providência, em 03 de novembro de 1842, como resposta de fé diante do desamparo das crianças e dos órfãos das camadas populares mais pobres da cidade de Münster, Alemanha. Contou com a colaboração de um grupo de amigos e algumas jovens que estavam dispostas a dedicar-se à educação e cuidado das crianças.

Carisma e Espiritualidade com as Leigas/os.

Reflexões e impulsos do magistério da Igreja e das Conferências de Religiosos de diversos países contribuem hoje e valorizam essa possibilidade de comunhão e partilha recíproca, em vista da vitalidade e irradiação do Carisma e Espiritualidade, dons de Deus a seu povo, a serviço do Reino.

Já no ano de 1996, a Exortação Apostólica *Vita Consecrata*, ao tratar da comunhão e colaboração com Leigos/as, afirma que “muitas congregações chegaram à convicção de que o seu carisma pode ser partilhado com leigos sendo convidados a participar mais intensamente de sua missão e espiritualidade” (VC, n. 54).

Podemos dizer que este apelo do Espírito se torna para a Vida Religiosa, hoje, uma palavra profética e uma aposta de esperança!

São inúmeros os referenciais indicados no Documento 105 da CNBB que orientam a vida do Cristão Leigo e Leiga na Igreja e na Sociedade. Reconhece a grande importância da Partilha de Carismas quando refere:

Destacamos a presença muito viva das associações nascidas a partir de carismas de ordens e Congregações Religiosas, que contribuem para que muitos cristãos leigos e leigas vivam

profunda espiritualidade e assumam presença junto aos mais pobres numa perspectiva de assistência, promoção humana e no compromisso sociotransformador. (CNBB, 2016, n. 2016)

A partilha foi se intensificando e surgiu a necessidade de ter Diretrizes Comuns da partilha do Carisma e da Espiritualidade com Leigas/os, para toda a Congregação, que foram aprovadas no ano 2022.

Acreditamos que o Carisma originado na Congregação, intuitivo e iluminado pelo Padre Eduardo Michelis e seguido pela Irmã Elisabeth Sarkamp, primeira Superiora da Congregação e a Geração Fundadora, é único, cativante e estimulador para quem deseja dar uma resposta ao chamado de Deus Providência. Um Carisma Congregacional se mantém vivo na medida em que se encarna na vida das Irmãs, na vida de pessoas Leigas que se identificam com o mesmo e o vivem. Mantem-se ativo e atualizado quando passa por processos de releitura, à luz do Evangelho e dos sinais dos tempos.

No decorrer dos anos aconteceram vários redimensionamentos no trabalho junto com Leigas/os. Inicialmente o Carisma foi sendo conhecido e vivenciado por Leigas e Leigos que se identificam como

“Mensageiras e Mensageiros da Divina Providência”. São “pessoas que formam grupos de cultivo e vivência que vivem sua vocação batismal no seguimento de Jesus. Identificam-se e assumem viver o Carisma e a Espiritualidade das Irmãs da Divina Providência, na Igreja e no mundo, sendo sal, luz e fermento”.

A partir do ano 2016, surgiu uma nova dinâmica de trabalho e organização. Os Mensageiros e as Mensageiras passaram a integrar um amplo Projeto de Formação, com outras modalidades onde também é partilhado o Carisma e a Espiritualidade da Divina Providência para Leigos e Leigas: Rede de Saúde da Divina Providência, Rede de Educação, Projetos Sociais e Voluntariado. Alimentamos o sonho de que a Providência continuará agindo na história através dos tempos.

Nos últimos anos, a partir dos impulsos da Igreja e da Congregação e o desejo das Leigas/os, são desenvolvidos programas de formação sobre o Carisma e a Espiritualidade nas Instituições. Em diversos lugares surgiram, e continuam surgindo, grupos de cultivo e vivência que se identificam e vivem o Carisma e a Espiritualidade das Irmãs Divina Providência, no seguimento de Jesus. Cresce assim a aproximação e o

trabalho conjunto entre Irmãs e as Leigas e Leigos, acreditando no que disse Pe. Eduardo Michellis: “o agir conjunto gera uma força indestrutível.”

As Leigas e os Leigos, conscientes de sua Missão na Igreja e no mundo, são para a Congregação das Irmãs da Divina Providência, terreno fecundo em favor da libertação do ser humano frente aos males que o oprimem. Compartilham da mística de Deus Providência, orientando seu viver e agir e comprometendo-se com as Causas da Congregação, que se expressam especialmente no cuidado amoroso à vida, na promoção da Justiça, Paz e Integridade da Criação.

Conscientes da importância da vocação leiga, favorecemos o seu protagonismo, cada qual ao seu modo específico de viver, para manter vivo o Carisma e a Espiritualidade da Divina Providência. Quer-se caminhar na sinodalidade, garantir a dinâmica participativa, corresponsável e transparente na missão.

Nesta busca conjunta colocamos como objetivo

fortalecer a partilha do Carisma e Espiritualidade e qualificar o agir conjunto na reciprocidade Irmãs e leigas/os, funcionárias/os, Mensageiras/os da Divina Providência e voluntárias/os,

juntos em missão, *ser sinal da Providência*, a serviço do Reino de Deus. (CONGREGAÇÃO..., 2020, p. 3).

Desta envolvente missão conjunta de Irmãs, Leigas e Leigos, gera uma força indestrutível, conforme afirma o fundador Pe. Eduardo Michelis. Perspectivas de futuro se abrem para manter a chama do Carisma e da Espiritualidade da Divina Providência que sempre será um desafio, mas também uma oportunidade de crescimento e de vivências de algo que se eterniza no coração das pessoas. O novo que vivemos na caminhada em nossa América Latina, nos desafia a uma caminhada conjunta, na sinodalidade, na busca de novos caminhos. Pede a atitude de nos manter abertas/os às novas intuições, que a Espiritualidade e o Carisma irão abrir no caminho.

Cada época terá suas perguntas e buscas de respostas. Não estamos prontas/os e nem amadurecidas/os suficiente para dizer: “Cheguei”. A cada novo amanhecer teremos uma nova história a ser vivida, da melhor maneira possível. A pessoa que experenciou a beleza e o significado profundo de ser Mensageira/o da Divina Providência, que bebeu na fonte do Deus Vivo e Providente, não vai se afastar d’Ele e dos seus

prediletos, os frágeis e indefesos. Não terá medo e será uma pessoa que assume sua missão de “ser sal, luz e fermento na massa, até que tudo fique fermentado” (Mt 13, 31), iluminado e adquira novo sabor.

Temos perspectivas e estas geram esperança. E quando falamos de esperança, queremos dizer que sempre teremos razões para viver o “ter esperança, dar esperança e ser esperança”. A esperança que carregamos é de que cada pessoa faz a sua caminhada, e suas vivências vão dando razões de buscas mais profundas. Que “ninguém nos roube a esperança”. Carregamos a esperança de que jamais deixaremos o Carisma enfraquecer ou morrer, pois é fruto do Espírito Santo. O Carisma é o presente da Divina Providência para a Congregação, é o presente da Congregação para a Igreja e para os povos no meio dos quais vivemos aqui na América Latina, na Ásia, na África e na Europa. Este Carisma, quando partilhado, se torna mais forte e adquire visibilidade através das pessoas e de todas as iniciativas a favor de vida digna para todos e para o planeta.

Temos consciência de que é apenas “Uma história inacabada”, uma herança de tantas Irmãs, Leigas e Leigos, Mensagei-

ras e Mensageiros da Divina Providência que se envolveram nesta caminhada carregada de sonhos e esperanças.

Cristãos Leigos e Leigas na caminhada da CRB-RS

A história do início da Partilha de Carismas na CRB-RS nasceu no ano de 1999, por ocasião da Assembleia da COMIRE – Comissão Missionária Regional da CRB-RS, onde surgiu a ideia de iniciar a Partilha de Carismas das Congregações com cristãos Leigos/as, ideia esta que foi levada à Assembleia da CRB-RS e sendo aprovada por ela. Iniciou-se, então, a formação de um grupo com algumas Congregações, representadas voluntariamente.

Há muitos anos a CRB Nacional vem incentivando e incluindo em suas prioridades a Partilha dos Carismas, e a CRB-RS sempre levou a sério a Missão de operacionalizar as possíveis demandas que esta prioridade Nacional exige.

A CRB Nacional, em 2016, reafirmou a necessidade de aproximação e partilha dos diferentes Carismas, especialmente com os Leigos e Leigas que se organizam a partir dos Carismas das Congregações, incluindo em seu Plano do triênio 2016-2019, qua-

tro prioridades, onde uma delas foi a Intercongregacionalidade: *Fomentar a partilha de Carismas dos/as Consagrados/as entre si e com Leigos/as, numa eclesiologia sinodal de comunhão e de corresponsabilidade, incentivando ações intercongregacionais e em redes, o protagonismo das Novas Gerações e a promoção geracional.*

E fundamenta afirmando que: “hoje constatamos que os carismas dos fundadores e das fundadoras suscitados pelo Espírito Santo para o bem de todos devem ser novamente recolocados no centro da Igreja, abertos à comunhão e participação de todos os membros do povo de Deus (Partir de Cristo, nº 31). Em sintonia com as experiências históricas dos carismas, estamos avançando para um novo capítulo, rico de esperança, na relação entre a Vida Religiosa Consagrada e os Leigos.

Nesta prioridade da Intercongregacionalidade destacamos a Partilha de Carismas que tem como objetivos: – Conhecer e fortalecer a partilha e organização das Associações, grupos e comunidades de Leigos/as nascidos/as dos Carismas das Congregações e Institutos de VRC; – Valorizar e somar forças com Leigos/as na ressignificação e revitalização dos Carismas.

No intuito de concretizar os objetivos propostos já se teve mui-

tas iniciativas, oportunidades de formação através de encontros e Seminários. Já foram realizados dez Seminários Regionais, três Inter Regionais e um Seminário Nacional, com temas relacionados à vocação/missão dos Leigos/as, boas assessorias e crescente participação das Congregações.

O Ano do Laicato, em 2017-2018, foi uma oportunidade especial de aprofundamento da missão dos Cristãos Leigos e Leigas na Igreja e na sociedade, descrita claramente no Doc. 105: *Sermos verdadeiros sujeitos eclesiais, sendo 'sal, luz e fermento' na Igreja e na Sociedade.*

No ano de 2018 foi realizado um Seminário Regional com o tema “Cristãos leigos e leigas, sujeitos na “Igreja em saída”, a serviço do Reino”. O objetivo era *celebrar a presença e a participação dos Cristãos Leigos e Leigas no Rio Grande do Sul, aprofundando a sua identidade, vocação, espiritualidade e missão, com ações de testemunho de Jesus Cristo e de seu Reino na sociedade e fortalecer a Intercongregacionalidade e proporcionar a partilha de carismas e experiências, buscando maior leveza institucional, em vista da missão.*

Na última Assembleia da CRB Nacional a partilha de Carismas foi contemplada no Eixo Sinodali-

dade. A prioridade convida a viver a sinodalidade, a partir da escuta ativa e criativa, favorecendo a irmandade, humanizando e ressignificando nosso modo de ser, estar e agir nas comunidades, na Igreja e na sociedade.

Reforça a importância da sinodalidade na vivência e atuação em todos os espaços de modo a viver o espírito de sinodalidade requer cultivar relações a partir do princípio da irmandade e não do poder, ou seja, do clericalismo e da superioridade. É apostar na reciprocidade e na igualdade em meio a diferenças de idade, das culturas, das experiências etc. É viver a corresponsabilidade e a participação de todo o Povo de Deus no discernimento da vida e da missão da Igreja e, particularmente, dando passos na partilha dos carismas com as/os Leigas/os. (CRB Nacional – Triênio 2022 a 2025).

O grupo da Partilha de Carismas CRB-RS nunca interrompeu sua atuação e anualmente desenvolve seu Projeto de atividades, tendo como objetivo central: *Estimular uma afetiva e efetiva aproximação dos diferentes Carismas, partilhando vida e ações de testemunho Cristão, aprofundando a identidade, vocação, espiritualidade e missão.* Sempre que solicitado colabora na organização de

equipes e Seminários em outras Regionais e participa ativamente em nível Nacional desde 2008.

Em 2019 aconteceu o primeiro encontro Nacional de Partilha dos Carismas nascidas dos Carismas das Congregações e a CRB/RS participou ativamente. O tema escolhido: “Comunhão de carismas a serviço da Missão”, como resposta a dois objetivos para o setor Leigos: “promover a vocação e missão, formação e espiritualidade, organização e articulação do laicato e favorecer a integração dos Movimentos e Associações Laicais”. E da CRB “intensificar a partilha dos carismas com Leigos e Leigas” expressa na prioridade n 4.

Muitos outros encontros aconteceram e o 1º Seminário Nacional de Partilha de Carisma, promovido pela CRB Nacional, realizado em maio de 2022, aprofundou o tema da Sinodalidade, tendo como objetivo geral: “Aprofundar a compreensão sobre a

Sinodalidade, a fim de fortalecer Cristãos Leigos e Leigas e Religiosos/as, no Espírito, inspirados nos quatro sonhos do Papa Francisco: Um sonho social; um sonho cultural, um sonho ecológico e um sonho eclesial”.

O Laicato é convidado e desafiado a ‘caminhar juntos’ conquistar seu espaço de sujeito eclesial, pois “O caminho da sinodalidade é o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio” - assim se expressou o Papa Francisco no discurso pronunciado em 17 de outubro de 2015, por ocasião do 50º aniversário de instituição do Sínodo dos Bispos por parte de Paulo VI, pouco antes da conclusão do Concílio Vaticano II.

Promover o Protagonismo Laical em comunhão com os Religiosos/as é uma forte razão de ser do grupo “Partilha de Carismas”, na CRB Regional. Este dinamismo gera esperança na Igreja, na vida Religiosa consagrada e nas Congregações Religiosas.

Referências

131

- CELAM. **Documento de Aparecida**. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília/São Paulo: CNBB/Paulus/Paulinas, 2007.
- CNBB. **Cristãos leigos e leigas na igreja e na sociedade**. Brasília: CNBB, 2016.
- COCZENSKI, Ir. Maria Eloní; LUKE, Ir. Lurdes; CHRISTIANO, Ir. Maristela. **Referenciais comuns para a partilha do carisma e da espiritualidade das Irmãs da Divina Providência na América Latina**. Curitiba, 2018.
- CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS DA DIVINA PROVIDÊNCIA. **Diretrizes da Partilha do Carisma e Espiritualidade da Congregação das Irmãs da Divina Providência com Leigas e Leigos**. 2020.
- CONGREGAÇÃO para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica: **Partir de Cristo**. Um Renovado Compromisso da Vida Consagrada no Terceiro Milênio. Roma, 19 de maio de 2022. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccsclife/documents/rc_con_ccsclife_doc_20020614_ripartire-da-cristo_po.html Acesso em: 28 de fevereiro de 2018.
- CRB Nacional. **Plano Trienal 2019-2022**. Brasília: CRB Nacional, 2019.
- FRANCISCO, Papa. **Discurso na Comemoração do Cinquentenário da Instituição do Sínodo dos Bispos**. Roma, 17 de outubro de 2014. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html Acesso em 28 de fevereiro de 2024.
- JOÃO PAULO II, Papa. **Vita Consecrata**. Exortação Apostólica Pós-sinodal sobre a Vida Religiosa Consagrada. Roma, 1996 Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_25031996_vita-consecrata.html Acesso em: 28 de fevereiro de 2024.

PROFOLIDER 2024



- ✓ Casa de Retiros São José – Salvador, BA
- ✓ De 17 de outubro a 26 de novembro de 2024
- ✓ Informações e Inscrições:

formacao@crbnacional.org.br

Fone/Whatsapp: (61)98471-0242

“SE CALAREM A VOZ DOS PROFETAS...” OS ESCOMBROS DA FAIXA DE GAZA GRITARÃO: O BEM VIVER ALÉM DO SINAL DE JONAS!

Pe. Aloir Pacini, SJ¹

Resumo: No contexto do Congresso dos 70 anos da CRB, um dos temas que merece ser sempre atualizado é a *profecia*. Não é adequado pensar a vida religiosa consagrada (VRC) somente ativa no campo social, pois o que se espera é uma pessoa completa que se consagra a Deus no serviço aos irmãos (em *amizade social*, CF 2024), como são os casos dos profetas bíblicos que olharemos com alguns detalhes (Amós, Jonas e Jesus). A capacidade de chegar ao âmago dos problemas vividos pela humanidade é aplicado nesse texto ao profetismo necessário hoje contra o massacre dos palestinos.

Palavras-chave: Profecia; Jonas; Genocídio.

Introdução

Início com um lugar de fala necessário no contexto atual: sou descendente de judeus fugidos da Alemanha para o Brasil e não compactuo com o genocídio

e os milhares de mutilados que o Estado sionista de Israel comete na Faixa de Gaza e na Cisjordânia. Genocídio que está enraizado no capitalismo que tomou conta desse Estado e de muitos outros

¹ Padre Jesuíta. Antropólogo. Membro da Equipe Interdisciplinar da CRB Nacional. Endereço para contato: aloir.pacini@ufmt.br

para seguir invadindo o lugar dos outros como o povo de Israel fez antes na Terra de Canaã, algo justificado nos Cercos de Jericó com espiritualidade equivocada nos tempos atuais, os europeus fizeram nas Américas e os EUA fazem hoje provocando exploração e guerras em todo o planeta. Não desejo que o antissionismo também leve ao antisemitismo e ao racismo de outras formas, mas não é possível que a profecia bíblica fique calada diante de tantas aberrações no regime de apartheid ou de prisão a céu aberto na qual os palestinos estavam submetidos em sua própria terra tradicional, especialmente na Faixa de Gaza.

Convencido estou que, ao conviver e ouvir os clamores dos empobrecidos que tocam o coração de Deus, podemos chegar a ser profetas nesse mundo. O *bem viver* exige, nos tempos atuais, encontros verdadeiramente humanos com sensibilidade social, eclesial e ecológica. As ações radicais que denunciam a raiz dos desafios do nosso tempo, pautado no *capetalismo* que exige sacrifícios humanos, entre eles desaloja os povos tradicionais de seus territórios, para explorar os mesmos, tem no anúncio da terra sem males um princípio decisivo.

Profético foi o Papa Francisco na sua Mensagem *Urbi et Orbi*

no dia de Natal de 2023, quando viu e anunciou Jesus em cada uma das crianças palestinas que estão sendo mortas aos milhares na Faixa de Gaza pelo Estado de Israel:

Na Sagrada Escritura, ao Príncipe da Paz opõe-se o “príncipe deste mundo” (Jo 12, 31), que, semeando a morte, atua contra o Senhor, “amante da vida” (Sab 11, 26). Vemo-lo atuar em Belém, quando, depois do nascimento do Salvador, se verifica a matança dos inocentes. Quantas matanças de inocentes no mundo! No ventre materno, nas rotas dos desesperados à procura de esperança, nas vidas de muitas crianças cuja infância é devastada pela guerra. (FRANCISCO, 2023).

Aderir à forma do Estado num território vital para o povo palestino a fim de garantir e defender a identidade do povo de Israel continua sendo o grande equívoco do judaísmo atual. E o estado de guerra colonial e racista constitutivo do ser hebreu na Palestina hoje toma proporções de massacres periódicos e sem precedentes agora que desejam tomar mais uma parte do território, o que está sendo nomeado como genocídio, porque os palestinos não têm como se defender, ou seja, não são um Estado bélico e não possuem bomba nuclear como Israel. Os profetas e profetizas bíblicas,

como as parteiras do Egito, Elias, Amós, Miqueias, Jonas e Jesus de Nazaré, completam a esperança com uma fé profética que sabe ser libertadora dos que lutam por direitos humanos, porque o distintivo de nossa adesão religiosa é que o nosso Mestre e Senhor se fez homem, em busca de uma Terra Sem Males, para toda a humanidade.

Deus permite que o Estado de Israel cometa genocídio do povo palestino? Parece que a história bíblica justifica a invasão da terra de Canaã e também as terras dos povos indígenas e outros do sul global, como vemos ainda hoje acontecendo por causa de falta de exegese bíblica adequada e discernida para sair dos fundamentalismos, e justificam assim as maldades humanas no fanatismo religioso que coloca nas costas de Deus os problemas nossos.

Não quero me alongar nessa discussão, por isso vou à resposta que me agrada porque salva Javé de nossas mazelas: Deus nos criou para sermos no mundo seus braços, suas pernas, seu coração que se desvela em amor e não permitamos que isso aconteça com o próximo, nossos irmãos, enquanto outros deixam-se ser instrumentos do capitalismo. A força que Deus transcendente tem, é agir através de seus discípulos. Foi isso que Jesus Cristo nos ensi-

nou. E esse também é um convite para você que está lendo este texto agora. Parece que o Estado de Israel ainda está no Velho Testamento, nem chegou ainda no *olho por olho, dente por dente*, somente quer vir do Egito, invadir e matar os moradores tradicionais da terra de Canaã. E hoje, por um olho furado, cega milhares de inocentes num processo educativo paudado nessa violência. A aparente fragilidade de Deus Trindade está no Amor que circula dentro da Trindade e atinge as pessoas de boa vontade, a quem é prometido a ressurreição.

Em Jesus de Nazaré encontramos a plenitude do humano no seu relacionamento íntimo com Deus Pai (*Abbah*). Vivencia assim toda a experiência do povo de Deus comprometido com o *bem viver* dos pobres na imanência do divino no humano. Javé é um Deus que ouve os clamores dos oprimidos e desce para libertá-los (Ex 3,7-9). “Eu sou o que sou” ou “Eu serei quem serei” impede toda forma de limitação ou rotulação a Deus através dos profetas, nos termos simples que qualquer explicação humana insistente quer dominá-lo, porque o Espírito Santo está nas águas que é fonte da vida, por isso permeia e perpassa tudo que diz respeito ao *bem viver* (Gn 1,2). Em Jesus de Nazaré, “nascido de mulher” (Gl 4,4), Deus se

encarna, descendo e assumindo a condição humana para plenificá-la uma vez que este estava preso ao pecado que se mostra escancarado no que o sionismo do Estado de Israel faz na Faixa de Gaza. Se Deus, em Jesus desceu dos céus e armou sua tenda entre nós, o fez definitivamente (Ap 21,1-3) num movimento de *trans-descendência*.

A força e a fraqueza da palavra profética (Amós)

Outro aspecto é que a profecia vem como sussurro de Deus para a salvação dos fracos, dos marginalizados. Assim diz Javé: Israel será destruído por causa de sua ganância nas terras palestinas. A expressão "Oráculo [*ne'm*] de Yahweh" (Jr 9,22-23) traduz a "Palavra" que pode ser trovão, raio e incêndio, e até furacão, tsunami ou tempestade nos gritos das crianças em pânico entre os prédios desabando com as bombas criminosas do Estado de Israel. Mas geralmente é murmúrio de Deus que somente é escutado no silêncio da oração, como a *brisa suave* no ouvido do profeta ou da profetisa (1Reis 19,12b). É o mesmo que colocar nossos ouvidos e nosso coração pertinho do coração do Deus da vida e dos empobrecidos e violentados para escutar em profundidade e, em consequência,

nossas palavras sejam proféticas. A profecia provoca mal-estar, calafrios e é geralmente acusada de blasfêmia ou escândalo. Amós (séc. VIII a.C.), assim profetizou:

Ide-vos a Betel pecar, em Guilgal pecai firme; ofereci pela manhã os vossos sacrifícios e no terceiro dia os vossos dízimos; ofereci pães fermentado, pronunciai a ação de graças, anunciai dons voluntários, pois é disso que gostais, israelitas: oráculo do Senhor Yahweh (Am 4,4-5).

A força dessa mensagem está na sua ironia que expressa a "instrução" própria dos sacerdotes presos ao ritual nos templos citados e não ao Espírito Santo. Assim Amós usa o estilo de linguagem dos sacerdotes, para criticá-los e ridicularizar seus cultos vazios, o que está na exortação com seis verbos no imperativo: caminhar para os santuários de Betel, Guilgal "e Jerusalém" para multiplicar as transgressões, mais do que para adorar a Deus; sublinhado está a exortação para oferecer um sacrifício cada manhã, e o dízimo a cada três dias (Dt 14,28; Dt 26,12).

Também a ação de graças com a oferta do pão fermentado (Am 4,5) contradiz formalmente o que é indicado em Êxodo 12,15.39; 13,7; Deuteronômio 16,3. Da celebração da Páscoa (Ex 13,3; 23,18;

34,25) até as pequenas “ofertas vegetais” (Lv 2,4.5.11), tudo deve ser feito sempre com pães ázimos e não com pão fermentado. Comparado com Oséias 8,13, a ironia não se refere a uma falsa celebração da Páscoa somente. “Cada manhã” (Am 4,4) não deve ser traduzido por “na manhã”, como crítica de uma celebração pascal que devia acontecer à tarde.

Com relação às ofertas voluntárias, provavelmente, estas não eram reguladas. As concessões sobre a imperfeita qualidade da oferta *voluntária*, não permitida para outros sacrifícios (Lv 22,23), nas regras mais amplas sobre o tempo para consumir a oferta (Lv 7,16; 22,21), assim como a menção delas no último lugar no resumo de Levítico 23,37-38, depois dos “sacrifícios para o fogo”, holocaustos, oblações, vítimas, libações, dons e votos. Tudo sublinha o caráter privado desses sacrifícios, por isso, proclamar essas ofertas destrói o seu caráter e finalidade. Não parece que nem o *anúncio* (retórico) do salmista dos sacrifícios que fará nem da proclamação das graças recebidas por Deus (Sl 66,15-16) pode ser interpretado como justificação ou explicação do relacionamento indicado em Amós 4,5.

Santo Inácio de Loyola coloca nos Exercícios Espirituais algumas *contemplações*, central é a

final *para alcançar Amor*, fruto do mistério pascal, no qual o profeta por excelência, ressuscitou e alcançou uma Palavra de fé e confiança de que o pobre não é abandonado na mansão dos mortos, antes, é convidado para habitar aos céus junto com Deus Pai no Amor espiritual. Assim todas as profetisas e profetas da bíblia se tornaram bússola da vida plena e nós encontramos neles inspiração para a eternidade.

O sinal de Jonas para Jesus Cristo

Para nos auxiliar nesse itinerário vamos conhecer mais pormenorizadamente o profeta Jonas a partir de uma linguagem acessível e envolvente, atenta às nuances que o hebraico possui. O autor da profecia que é sempre *in-completa*, Vincenzo Moro (2022),¹ passou alguns anos em Israel para depois se especializar em Filologia Bíblica na Universidade de Florença e escrever o livro que nos guia agora.

A parábola de Jonas torna universal a situação histórica dos detratores de Jesus de Nazaré e dos palestinos no tempo presente, e mostra que todos nós somos culpáveis na atualidade porque não conseguimos parar o *capitalismo* que tomou conta do Estado de Is-

rael e encontra raízes poderosas nos EUA e em tantos outros lugares.

O ambiente pós-exílio na Babilônia (587-586 a 516 a.C.) do livro de Jonas leva a um contexto sociocultural universal de abertura aos estrangeiros (livro de Rute), mas também de xenofobia (livro de Esdras e Neemias que exige a dissolução de matrimônios contraídos com estrangeiros), algo semelhante ao Estado racista que torna menos cidadão o que não é "judeu de sangue" em Israel.

O elemento estruturante da Palavra que o Senhor Javé confia ao profeta levou a desdobramentos inusitados, porque o Criador de toda realidade vivida (Jn 1,9), incluindo os ninivitas e seus animais, é um chamado à conversão de Israel, pois Deus oferece um *pacto de Paz* para toda a humanidade no qual temos Esperança de sobrevida na terra e nos céus.

Após a *introdução* (MORO, 2022, p. 7-24), o trabalho está dividido em duas partes. A primeira (p. 25-78) analisa Gênesis 1-4: o profeta recebe o mandato imperioso de Javé para ir a Nínive proclamar que sua maldade subiu aos céus. Jonas foge na direção oposta, rumo a Társis, embarcando em um navio e mergulhando nas profundezas mais obscuras do racismo e, hoje, do sionismo.

Jonas recusa a vocação recebida, diferente das resistências de Moisés, Samuel, Jeremias etc. Os versículos 4-16 descrevem o mar tempestuoso e a conversão dos marinheiros a Javé. O capítulo 2 contém a oração de Jonas no ventre do peixe e a compaixão de Javé pelo seu profeta. O capítulo 3 retoma o capítulo 1, relatando o novo comando de Javé e a obediência de Jonas (v. 1-4). Os versículos 5-10 relatam a pregação de Jonas na metrópole inimiga e a conversão dos ninivitas, começando pelo rei até chegar aos animais.

O capítulo 4 retoma o capítulo 2, narrando a compaixão de Javé por Nínive e o fato de o profeta polemizar duramente com Deus pela salvação da cidade. O livro de Jonas trata da relação entre a justiça de Deus e sua misericórdia. Javé parece não ser *justo* quando age com misericórdia: "O problema levantado por Jonas é o mesmo de Jó: em um mundo onde "não há justiça", a própria vida é "sem sentido". Reconhecer que Deus não está ligado a nenhuma aliança nem mesmo às regras que ele mesmo estabeleceu, para o profeta [...], é insuportável," (MORO, 2022, p. 17).

O chamado de Jonas é uma "pro-vocação" ao Estado de Israel que parece não querer se conver-

ter para continuar a matar. Jonas 4,2 mostra que o profeta foge “não porque teme a maldade de Nínive, mas porque teme a bondade de Javé, ou seja, que os inimigos históricos de Israel se convertam e sejam perdoados” e Jonas aparece como um “anti-profeta”, que procura afastar-se da presença de Deus. Por isso Jonas anuncia “uma palavra eficaz que põe em movimento a história, mas que deve sempre fazer as contas com a liberdade do ser humano” (MORO, p. 28).

Diante do perigo da tempestade, o capitão do navio convida Jonas a assumir suas responsabilidades (Jn 1,4-6), e acontece um diálogo com os marinheiros (Jn 1,7-12). Jonas revela sua identidade religiosa e sua tarefa, e se oferece como vítima para aplacar a tempestade que se desencadeou sobre eles. Os marinheiros invocam o Senhor para que sua ação de jogar Jonas ao mar não recaia em vingança do Senhor sobre eles, o que mostra que eles temem ao Senhor: oferecem-lhe um sacrifício e fazem *votos*. O ápice do capítulo está no fato de que o profeta rebelde se torna instrumento, até mesmo sem saber, até da conversão ao Deus de Israel de pessoas estrangeiras.

O Senhor faz com que um peixe *grande* engula Jonas e, depois

da sua Palavra, regurgita o profeta na praia (Jn 2,10) de tal forma que a providente misericórdia de Javé salve o profeta. Necessário é nos convencer de que estamos no ventre do peixe, do mar, da terra, do ar... Como o gênero da água e do peixe em hebraico é feminino, esse ato de gerá-lo para uma vida nova e de pari-lo, tem a ver com o renascimento do profeta para a sua Missão. O ventre do peixe acaba se revelando como um grande espaço de retorno ao *bem viver*, uma antecipação do mistério pascal vivido por Jesus Cristo.

Os versículos 3-10 trazem uma oração linda de Jonas, um lamento que termina com um canto de ação de graças, algo próximo dos salmos com a harmonia da música das águas. Em um primeiro momento, faz-se referência ao perigo passado, com uma súplica que expressa total prostração. Nesse caso, o ventre do peixe se assemelha ao *sheol*, o lugar dos falecidos, de uma distância de Deus que pode ser superada pela obediência.

Após o lamento, segue-se o segundo sentimento, o da ação de graças pela libertação acontecida. O agradecimento é expresso pelo desejo de voltar a oferecer sacrifícios ao Deus vivo e verdadeiro, uma vez salvo, e de elevar um hino de louvor aos céus porque o

profeta experimenta a salvação como uma subida das profundezas de si, ao som dos instrumentos mais nobres.

Essa libertação coincide com um processo de transformação interior. Jonas começa a vislumbrar os acontecimentos de sua vida em uma ótica nova e a captar uma luz inesperada que brotava precisamente na escuridão dos desejos de vingança que o dilacerava: "A salvação vem do Senhor!" (Jn 10b), uma verdade que iluminará todo o restante da história. Mas a salvação de Jonas é para chegar aos ninivitas, aos palestinos, ao Estado de Israel. Jonas experimenta que a compaixão divina é sempre gratuita, misericordiosa que corresponde ao seu coração de Pai Criador, Filho Salvador e Espírito Santificador no Amor:

Nessa oração sálmica, ressoa o canto dos israelitas salvos do Egito (Ex 15,1-2.5.8.10.13); como eles, o profeta também se encontra milagrosamente em terra firme, finalmente livre. A misericórdia do Senhor é a força que eleva de todo naufrágio (MORO, 2022, p. 50).

Jonas agora se tornou mais humanizado, talvez sem os preconceitos sionistas, com um rosto brilhante e uma fé cheia de Amor. No entanto, as crises não terminaram, nem mesmo o grito deses-

perado dirigido a Javé, que ainda lhe parecerá um "estranho" e que o profeta não conseguirá compreender por que é transcendente até o fim, mas impossível de perceber que também é *transdescendente*.

Diante de Javé que vê, ouve e conhece o que acontece entre nós, especialmente com os civis palestinos sendo violados e mortos sistematicamente, Javé desce e envia-nos como mensageiros proféticos em socorro dos oprimidos. Essa descida encontrará sua plena realização no mistério da Encarnação, quando o Verbo de Javé "se faz carne e vem habitar entre nós". Assim, enquanto esperar a conversão da *Estado do maligno*, os consagrados, jornalistas, médicos e tantos voluntários que oferecem suas vidas junto dos palestinos, são presos e morrem junto com eles, porque muitos profetas se calaram em Israel, e as pedras falarão.

O esquema específico de retomada de temas (*ABA'B'*) aparece claramente em forma de suprasunção dialética da história. Deus não deixa Jonas como vítima das fraquezas de seu coração preconceituoso, mas se encarrega de educá-lo na fé com muita paciência para chegar ao Amor universal. Vemos agora a cena da repetição do mandato de Javé para a Missão, com a imediata resposta

afirmativa de Jonas (3,1-4). Jonas 3,5-10, por sua vez, narram a reação positiva dos ninivitas à pregação do profeta e o “arrependimento” de Deus diante do novo comportamento dos habitantes da cidade.

O novo chamado exige que Jonas proclame para a cidade aquilo que Javé dirá. O tom revela que o fim último da *acusação* era a reconciliação. Em um paralelismo antitético com o início da vocação, Jonas se levanta e se dirige para a grande cidade (cuja grandeza, simbolicamente, é de três dias de caminho) e prega ali por um dia, anunciando que ela será *destruída* desde os fundamentos se não renunciarem ao mal. Jonas fez uma síntese do que ouviu de Deus e dá um ultimato: “Mais quarenta dias, e Nínive será destruída”. Porém, Jonas se tornará instrumento de salvação para seus habitantes, ou seja, a capital do império assírio era conhecida como uma “cidade sanguinária” (profeta Naum 3), mas se converteu: “Nínive é grande para Deus, isto é, ‘grande aos seus olhos’, estimada e preciosa para ele. Esse é o motivo pelo qual Javé cuida do destino de seus habitantes” (MORO, 2022, p. 55).

O tempo de espera de Deus, da conversão dos pecadores é de uma geração: “A ‘cidade da maldade e

da violência’ será ‘invertida’ na cidade da humildade e da justiça precisamente graças às palavras de Jonas, mesmo que ditas sem paixão, mas eficazes, apesar dele mesmo, como instrumento da poderosa ‘Palavra de JAVÉ” (MORO, 2022, p. 56). O verbo *hpk* indica tanto a destruição, quanto a conversão a partir dos sinais do jejum e do vestirem-se de saco.

Os versículos 5-10 narram como Nínive se torna uma cidade “invertida” e o fato de Deus “se arrepender” mostra que desejava sua conversão, não a destruição: com grande velocidade, a mensagem de Jonas penetra no coração das pessoas e até do rei que ordena sinais de penitência e de jejum que envolvem até mesmo os animais. Do menor ao maior, os homens e as mulheres de Nínive se convertem a Javé Elohim.

Essa humanidade (como os marinheiros), quando reconhece sua fragilidade e pede misericórdia, encontra salvação em *Elohim* e os ninivitas também intuem nos 40 dias a possibilidade de salvação. Contudo a conversão requer um rito que toque o coração, para além dos sinais externos, e perseverança no *bem viver*, pois o profeta Jeremias já havia se perguntado: “Pode talvez o leopardo mudar de pele?” (13,23). Jonas não parece convencido da auten-

tividade da conversão ninivita e sua, por isso se retira para fora da cidade para ver o desenrolar dos acontecimentos. O rei renuncia à sua dignidade real, desce do trono, senta-se sobre as cinzas, e os habitantes de Nínive também mudam (vestem-se de saco). Se Ciro II, rei da Pérsia, foi instrumento de Deus para o povo de Israel quando conquistou a Babilônia em 539 a.C. e deixou os judeus voltarem a Jerusalém (Is 45; Ez 34,1-10; Zc 13,7), aqui o próprio rei emana um decreto profético: exige três renúncias, envolve pessoas e animais em um destino comum, urge que todos invoquem a Deus com todas as forças, para se converterem e abandonarem toda forma de perversão, imoralidade e violência.

A conversão dos ninivitas envolve o afastamento da violência "que está em suas mãos", o que alude à vida política opressiva de Nínive, que marcou profundamente a memória do povo de Israel como agora marca a memória dos palestinos e da humanidade diante da violência desproporcional do Estado de Israel. Aqui parece que a oração face a face com Javé não serve para mudar os propósitos de Deus, mas para fazer mudar o coração da pessoa que reza. O rei se confia à clemência de Deus, sabendo que o perdão não é uma consequência automá-

tica do agir humano, mas o fruto livre da misericórdia divina: "Ele reconhece a suma liberdade de Javé e sabe que não pode fazer nada além de esperar" (MORO, 2022, p. 62).

O rei espera que Javé tenha misericórdia. Trata-se de uma espécie de *arrependimento* de Deus do mal ameaçado. A linguagem metafórica indica sua não conviência com o mal e seu compromisso de combatê-lo, como justo juiz, do lado das vítimas (MORO, 2022, p. 63). O Deus bíblico não pode ser a projeção dos desejos humanos porque é sempre livre, a ponto de mudar de ideia, de se "converter" também diante da fragilidade humana que suplica misericórdia. O agir misterioso de Deus cabe no juízo justo não porque pune para que chegue a consciência do mal que leva ao pecado e se afaste dele, mas porque é misericordioso e não segue a lógica punitiva como mostrou Jesus Cristo:

Na realidade, a misericórdia divina é apresentada como aquilo que põe em movimento o próprio processo de conversão da cidade. Mediante a lição do perdão aos pagãos de Nínive, Israel terá que se conscientizar de que o povo eleito também vive do mesmo amor. Em um mundo onde existisse apenas a justiça retributiva, não haveria espaço sequer para Israel. JAVÉ muda de misericórdia em misericór-

dia, e a própria punição assume um sentido pedagógico, providencial. Será justamente o perdão concedido à cidade inimiga que fará desencadear a cólera de Jonas (MORO, 2022, p. 64).

A compaixão de Deus se mostra na necessidade de conversão mais profunda do próprio Jonas. O capítulo 4 conclui a parábola mostrando que o mal dos ninivitas se encontrava também no coração de Jonas e precisava ser extirpado. Um mal-estar profético é insuportável porque descobrimos que Jonas havia fugido para Társis porque conhecia profundamente o coração misericordioso e piedoso de Javé, *lento* para a vingança e grande no Amor e que o despreparado profeta não desejava que o pecador se convertesse e vivesse. Jonas intuía que Javé não acompanharia sua decisão de punir Nínive e, assim, cairia em contradição com ele mesmo. Agora fica mais claro que Jonas havia tomado a direção oposta à que lhe foi indicada por Javé porque se recusava a ser o mediador profético de sua misericórdia.

Quando acusa, Deus o faz unicamente para salvar tanto a Israel quanto aos seus inimigos, porque são todos filhos seus. Se, para Jonas, a identidade paterna de Deus não era uma surpresa, esse expressa a experiência fundamental de Israel em relação a

Javé que está em Êxodo 34,6-7. Naquela teofania, se autoproclama “misericordioso e compassivo, lento para a ira e rico em graça e fidelidade” (Gn 4,2).

Javé desmentiu Jonas e põe em jogo sua credibilidade de profeta que anunciava a destruição, e isso o leva a desejar a morte. Jonas ainda tem que chegar ao fundo do poço para compreender que o que importa é que a maior glória de Deus seja em tudo encontrada. Por isso deve chegar ao ponto de vista de Deus sobre o modo de combater o mal salvando os malvados. Só assim se pode dizer verdadeiramente: *oráculo de Javé!* Esse lugar propriamente acontece com Jesus de Nazaré que assume a humanização com a divinização, por isso toca o mais profundo de nossas entranhas: corpo, mente e espírito. Javé conhece esse sofrimento de sermos marcados com o pecado original que leva à morte, por isso a confissão de Jonas se transforma também em um ato de acusação de si.

A morte lhe parece ser o único meio eficaz para apagar a imagem de um Deus misericordioso demais aos seus olhos pois, paradoxalmente, passou para o lado do inimigo. A partir do momento em que Nínive se converteu, agora o problema diz respeito ao próprio Jonas e Javé se curvará

pacientemente sobre ele, assim como antes havia se voltado para a "grande cidade" (MORO, 2022, p. 68-69).

Os versículos 4-9 mostram a pedagogia de Deus para com o profeta Jonas que se retira da cidade e, por iniciativa própria, constrói um abrigo ao sol escaldante, uma cabana de galhos para esperar o fim dos 40 dias. A misericórdia excedente de Javé faz crescer uma mamoneira na cabana, como uma oferta de sombra para aliviar a sua dor de ser povo eleito que deseja o mal aos demais povos.

De manhã, porém, Deus fez secar a mamoneira e Jonas se irritou com isso. Deus o interrogou sobre a correção de sua reação, diante do desaparecimento de uma planta que ele havia recebido gratuitamente como dom de Deus, sem nenhum mérito. Deus age com paciência pedagógica e não tão enérgica como fizera com a tempestade. Deus se mostra compreensivo com a tristeza do profeta:

Ele já sabe que Nínive está salva. Ou ainda espera que Nínive não tenha se convertido? Ou que voltará a ser a cidade sanguinária para que Deus a possa destruir, de modo que sua pregação se torne verdade, e o Senhor finalmente decida ser justo? Não nos é

dado saber (MORO, 2022, p. 70).

Deus é como uma mãe que, brincando com o próprio filho desobediente, pergunta se ele realmente acha que tem razão ou se convém que reflita um pouco mais. Os versículos 10-11 relatam o encontro final entre Javé e Jonas, dois corações que entram em comunhão, o humano e o divino entram na aliança eterna da misericórdia para superar toda vingança. O testamento espiritual de todos os profetas se mostrará mais pleno no profeta Jesus que mostrou em sua vida, morte e ressurreição que a compaixão de Javé é para todos os povos, todas as suas criaturas e ressalta assim a diferença abissal entre a compaixão do profeta e a de Deus.

A tristeza pela perda da mamoneira está descrita com uma intensidade igual à perda de um filho, mas se o profeta Jonas sente compaixão de si mesmo, se irrita pelo desaparecimento de uma mamoneira, com mais razão Javé "tem compaixão" pela grande cidade que ele criou e fez crescer, e cujos habitantes considera seus filhos assim como ao povo de Israel que não se identifica com o sionismo do Estado de Israel, mas que sequestrou a ancestralidade de povo eleito de forma injusta, para fazer o mal.

Javé salva os ninivitas não porque eles o mereçam, mas unicamente porque é “um Deus misericordioso e compassivo” e também pensa nos animais e nas plantas, mesmo que se refira aos ninivitas como a crianças desprovidas de razão ou incapazes de distinguir o bem do mal. Ou seja, o discernimento dos ninivitas é de outra natureza do povo eleito: a quem muito foi dado, muito será cobrado. Jonas deveria “conhecer” seu Senhor e saber seguir o que é justo e rejeitar o mal, mediante o dom do Espírito, mas a Torá (Lei) mata e o Espírito liberta, ou seja, o profeta não deveria opor resistência ao seu Deus que é verdade misericordiosa (Lv 19,17-18).

A Bíblia nos chama para a vivência profética, a estar atentos ao sinal de Jonas. O leitor dessa “parábola” convida aos profetas desse tempo a condenar peremptoriamente o Estado de Israel pelo genocídio dos palestinos na Faixa de Gaza, pois somente a misericórdia torna este mundo vivível.

Por outro lado, a “síndrome de Jonas” pode nos levar à hipocrisia de pensar que nossas obras são suficientes para nos salvar. Contudo, pelas obras se conhece a árvore. Uma religiosidade estereotipada dos fariseus ou “doutores da lei” que segue a doutrina, mas que não se preocupa com a salva-

ção dos “pobres” é incompleta. O problema é que essas pessoas desprezavam os *pecadores*. Jesus os chama de hipócritas, porque o Pai vê a todos como filhos. Mas aqui estamos diante de algo mais grave, não só não querem a salvação dos palestinos, mas também os matam sistematicamente, tomam as suas casas e os territórios que os sustentam.

E acrescento a parábola do fariseu e do publicano que rezavam no Templo de Jerusalém para pensar a cegueira do Estado de Israel no seu ódio e ganância. O fariseu, “tão seguro de si mesmo”, dava graças a Deus diante do altar por não ser como o publicano que, ao contrário, pedia somente a misericórdia do Senhor, reconhecendo-se pecador. Eis aqui “o sinal que Jesus promete para o seu perdão, através da sua morte e ressurreição”, ou seja, “sua misericórdia”. Jesus fala então dessa “geração má” porque não ouve o chamado à conversão. Assim todo profeta hoje é chamado para seguir o *sinal de Jonas*:

A palavra de JAVÉ foi dirigida a Jonas, filho de Amati, ordenando: "Levante-se e vá a Nínive, a grande cidade, e anuncie aí que a maldade dela chegou até mim". Jonas partiu, então, com intenção de escapar da presença de Javé, fugindo para Társis. Desceu até Jope e aí encontrou

um navio de saída para Társis. Pagou a passagem e embarcou, a fim de ir com eles até Társis, para escapar assim da presença de Javé. (Jn 1,1-3).

A segunda parte (MORO, p. 79-134) aborda como o sinal de Jonas foi retomado em outros textos bíblicos do *Antigo* e *Novo Testamento*. Entre os outros textos do *Primeiro Testamento*, Abdias e Naum se encontram na posição oposta à de Jonas, desejando o juízo de condenação sobre Nínive devido à sua violência e à sua maldade sem se darem conta que o povo de Israel não agia diferente.

Miqueias oferece uma chave interpretativa para compor as duas linhas aparentemente inconciliáveis: a participação dos povos na salvação de Israel (Mq 4,1-5) e a irrevogável punição dos povos "inimigos". A perspectiva universalista, tanto da salvação quanto da punição, se refere à unicidade da eleição: a bênção e a maldição dependem da mediação do Eleito (Mq 5,6-7) como cumprimento da promessa abraâmica (Gn 12,3).

Jonas tem a Missão de dizer aos inimigos uma *acusação salvífica*, ou seja, convertam-se para que Deus não destrua Nínive: "É o único caso, em toda a história do profetismo, em que a salvação de JAVÉ" (MORO, 2022, p. 96) fica suspensa pela pregação do seu

profeta. O Pai envolve todos os povos para que acolham seu admirável programa de salvação. E talvez até Israel participe da colheita no Reino quando enxergar até os inimigos históricos participarem do Reino de Deus (Zc 14,16).

Jesus cita Jonas nos Evangelhos sinóticos para exaltar sua pregação, antecipação levada por ele mesmo a outro nível. Depois retoma o fato de Jonas ter permanecido três dias e três noites no ventre do peixe, antecipação do mistério pascal. Assim o que foi dito antes a respeito da metáfora da gestação e renascimento do profeta no ventre do peixe, aqui vemos a antecipação do mistério de Jesus Cristo que se encarnou no seio da Virgem Maria e/ou ficou três dias e três noites no coração da terra, seu mistério de morte e ressurreição. Em ambas as comparações, Jesus afirma que suprassumiu esse passado em um nível muito mais alto.

A misericórdia é a forma de Deus fazer justiça. Outras reflexões da segunda parte do livro de Moro concentram-se na questão referente ao fato de Jonas ser uma paródia do verdadeiro profeta, no fato de que Deus também "se converte" e na justiça e misericórdia como atributos de Deus.

No livro de Jonas, Javé se manifesta como um Deus já distante

daquele previsto pela doutrina dos pais. Ora, se Javé muda e se manifesta de uma maneira sempre nova na história, é evidente que seus profetas também devem mudar, como portadores da Palavra de outrem. As profecias podem ser falsas se buscam a destruição do inimigo e são verdadeiras se buscam a salvação de todos, até dos inimigos, começando com os mais fragilizados como os palestinos diante do Estado de Israel.

Moro trabalha a relação entre a justiça e a misericórdia como atributos de Javé que aparece como o Deus de Israel e Criador de toda realidade vivida (Jn 1,9). Nesse contexto é bom lembrar Êxodo 20,5-6; 34,5-7; 32,12; 33,19; Números 14,17-19 em que Moisés se apresenta como intercessor do povo, por isso apela à bondade/benevolência/fidelidade (*hesed*) de Javé, após as murmurações dos israelitas contra seu Deus. Também menciona a “visita” punitiva de Javé a seus filhos e filhas por três ou quatro gerações, e sua misericórdia por mil gerações. O pecado tem consequências intergeracionais, mas a “punição” é sempre desproporcional em relação à misericórdia imensa de Deus.

A retribuição divina sob a forma de juízo e de castigo em relação ao exílio na Babilônia que começa em 605 a.C. com Nabuco-

donosor II (Dt 13,18), assim como o do Êxodo se manifesta prioritariamente como o Deus do arrependimento, não por capricho, mas por motivos ocultos a Moisés, que pertencem ao Senhor e à sua sabedoria. As diferentes maneiras de Javé se comportar para com seu povo e mesmo com as outras nações mostram um Deus que se arrependerá diante de seus servos quando vir que toda força se desvaneceu e não restou nem escravo nem livre (Dt 32,36).

O profeta Jonas tem um drama interior que é retomado nas palavras de Ex 34,6, mas não intercede pelos seus como faz Moisés e outros profetas. Jonas não percebe que Javé, o Deus vivo e verdadeiro, não se alegra com a vingança, está longe do Deus criado pelo Estado de Israel, mas um dos seus muitos ídolos. Então, no fim, se Jonas não mudar, o idólatra seria ele, não os ninivitas.

Conforme Moro (p. 112), vivemos entre a busca de arrancar de Deus a ira e permanecer à escuta do Senhor que quer salvar até aos inimigos. Mas a ira pertence aos humanos e a misericórdia a Deus, que convida a interceder diante dele para que cesse a vingança e para que ele se revele como Javé sempre fiel, clemente e compassivo, paciente e cheio de Amor (Ex 34,6).

Reconhecemos a atualidade da parábola do livro de Jonas porque é palpável e as presenças do profeta Jonas na literatura judaica antiga e nos escritores eclesiásticos levam a olhar para Cristo, para o seu mistério pascal e para as muitas parábolas sobre o Pai por ele contadas. O leitor pode superar toda imagem de justiça divina construída à imagem e semelhança dos humanos a fim de deixar de prender a Javé, a crer somente, a amar e a esperar contra toda esperança o melhor dos estrangeiros e inimigos, agora também a conversão profunda do Estado de Israel. Assim evidente é que a Igreja e os religiosos podem e devem ser profetas nos locais de guerra para ali estabelecer a Paz.

Diretamente relacionado a Jonas está o aspecto da natureza que também sofre com a presença do *capitalismo* de forma dramática e exige da vida consagrada dedicação na ecologia integral, pois até os animais são levados a fazerem penitência junto com os hu-

manos para serem resgatados na proposta profética do *bem viver*.

Também a área de concentração de renda na mão de poucos é um lugar profético para agir de forma decisiva a fim de revelar a injustiça desse modo capitalista de organizar a sociedade e os países. Posso citar outros lugares relevantes para sermos profetas nos tempos atuais: junto dos refugiados, especialmente os de etnias indígenas, dos que sofrem violência de gênero, dos empobrecidos e discriminados em geral.

As turbulências políticas vividas no Brasil, a partir de posições extremistas que ignoram nossa diversidade e riquezas culturais tocam o coração da Igreja Católica como instituição, com suas pastorais, movimentos e riqueza de carismas na vida consagrada. O profetismo está em posicionar-se diante de um ambiente de divisões internas na Igreja e no país, trabalhar a sinodalidade e crescermos em atitudes democráticas nas Congregações, estar e ser um com os pobres como Jesus o fez e assumir de corpo e alma o Espírito do Evangelho que teve sua profecia no Concílio Vaticano II.

Para dialogar em comunidade:

1. O que mais lhe chama a atenção nos profetas bíblicos?
2. Você conhece algum profeta nos dias de hoje?
3. Quais as urgências proféticas que você considera adequado na atuação da VRC hoje?

Referências

149

FRANCISCO, Papa. **Urbi et Orbi**: dizer “não” à guerra, viagem sem destino, loucura indesculpável, pede o Papa. Disponível em: Acesso em 14 de fevereiro de 2024.

MORO, Vincenzo. **Giona**. La profezia incompiuta. Bolonha: EDB, 2022.

POMPA, Cristina. Profetas e santidades selvagens. Missionários e caraíbas no Brasil Colonial. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 21, nº 40. 2001: p. 177-195.

CERNE 125

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:

EMAIL: formacao@crbnacional.org.br
Telefone/WhatsApp: (61) 98471-0242

*Convento São Lourenço -
Porto Alegre, RS*

*De 16 de fevereiro a 27
de março de 2025*

ORIENTAÇÕES PARA OS/AS COLABORADORES/AS.

A revista

A Revista Convergência é uma publicação trimestral que aborda temas relacionados à Vida Religiosa Consagrada ou com reflexões que dizem respeito à missão desenvolvida pelos religiosos/as.

Aceitam-se colaborações de religiosos, religiosas e de toda pessoa interessada na temática. Os artigos são publicados após consulta ao conselho editorial. É desejável que sejam textos inéditos. Caso já tenham sido publicados de forma física ou virtual, pede-se seja informado à redação para avaliação.

Aceitam-se também relatórios das Assembleias, Congressos, Encontros das Regionais, Nacionais e Internacionais, sempre em sintonia com os interesses da CRB Nacional.

Normas técnicas

Os textos devem ser enviados em formato .doc ou compatível, contendo entre 16 e 22 mil caracteres com espaços, fonte *Times New Roman*, corpo 12, entrelinhamento 1.5. Aceitam-se apenas textos originais.

As referências de citações no corpo do texto são indicadas pelo sistema **autor/data** (SILVA, 2018, p. 23; SILVA; SILVA; LIMA; OLIVEIRA, 2019, p. 987; CNBB, Paróquia: comunidade de comunidades, 2000, p. 82). Para referências bíblicas e documentos eclesiais utiliza-se a abreviatura consolidada (Is 24, 13; Lc 11, 5; LG 89; RM 31; DAp 28).

Citações diretas com mais de três linhas devem ser apresentadas em parágrafo a parte, caixa 10, espaço simples e endentação de 3,5 cm. Citações diretas com menos de três linhas são mantidas no parágrafo e colocadas entre aspas.

Depois da Conclusão são propostas duas ou três questões que motivem os leitores a um diálogo comunitário sobre o texto.

No final do artigo é apresentada a relação de todas as fontes citadas no texto seguindo as normas abaixo indicadas.

Resenhas, informes, relatórios, mensagens e outros artigos breves com informações relacionadas à Vida Religiosa Consagrada ou de seu interesse também serão publicados seguindo parecer do Conselho Editorial.

Modelos de Referências:

Referências de livros: SILVEIRA, João Antônio. **Felicidade infeliz**. São Paulo: Fronteira Sem Fim, 1977.

Capítulo de livro: PEREIRA, João. Os frutos da desilusão. Em: ANDRADE, Plácido. **Pensamentos e sentimentos**. São Paulo: Ser e Cantar, 2018. P. 28-67.

Referências de artigos de periódicos: ZACHARIAS, Ronaldo. Virtualidade: um novo desafio à vida religiosa e sacerdotal. Em: **Convergência**, Ano LVII, n. 538, p. 73-86, 2002,

Referências em meios eletrônicos: FRANCISCO, Papa. **Evangelii Gaudium**. Exortação Apostólica

sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Roma, 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html Acesso em: 16/11/2022.

Ao enviar o arquivo, os links devem estar ativados.

Resumo: Contendo, no máximo, 250 palavras, deve apresentar o objeto, o método, os recursos e as principais conclusões do texto. É seguido pela apresentação de três a cinco palavras-chave.

Identificação do autor: Nome completo; Instituição religiosa a que pertence (quando for o caso); formação acadêmica; atividade desenvolvida no momento; endereço eletrônico para contato. A submissão de originais implica que o autor/a ceda totalmente os direitos autorais para a CRB.

Direitos de autor: Ao enviar o texto para publicação, o/a autor/a está ciente de estar cedendo todo e qualquer direito sobre o texto à CRB Nacional, organização religiosa, inscrita no CNPJ sob o nº. 33.460.940/0001-12, situada na SDS, Bloco H, nº. 26, Sala 507, Edifício Venâncio II, CEP 70.393/000.

E-mail para envio dos artigos: publicacoes@crbnacional.org.br



CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL (CRB)
CONFERENZA DE LOS RELIGIOSOS DEL BRASIL
BRAZILIAN RELIGIOUS CONFERENCE
CONFERENZA RELIGIOSA BRASILIANA

ASSINATURA DA REVISTA CONVERGÊNCIA

Para assinaturas novas ou renovação, preencher o cupom e enviar para: convergencia@crbnacional.org
Pode também acessar o site e imprimir o boleto: www.crbnacional.org.br

Nome completo:

Congregação:

Endereço:

CEP (código postal): Cidade: UF: País:

Nova assinatura () Renovação ()

Telefone: () E-mail:

Forma de pagamento:

Efetivo () Depósito Bancário () Agência: C/C:

Valor da Assinatura:

Brasil: R\$ 145,00 América Latina e Caribe: U\$ 80 Europa: E 70 Outros países: U\$ 100

1. Brasil: O pagamento pode ser efetuado na sede da CRB Nacional ou nas regionais. Pode também efetuar o pagamento na conta da CRB: Banco do Brasil: Ag: 452-9 - C/C: 306934-6 (enviar o comprovante por e-mail ou entrar em contato (61) 3226-5540).
2. América Latina e Caribe: O pagamento pode ser feito em cheque, em dólar no Banco do Brasil em nome da Conferência dos Religiosos do Brasil. Enviar o comprovante por e-mail (convergencia@crbnacional.org.br)
3. Outros países: pode ser feito em cheque, em dólar (para tanto se for em euro deve fazer a devida conversão para dólar). Enviar o comprovante para a CRB Nacional (convergencia@crbnacional.org.br).